



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

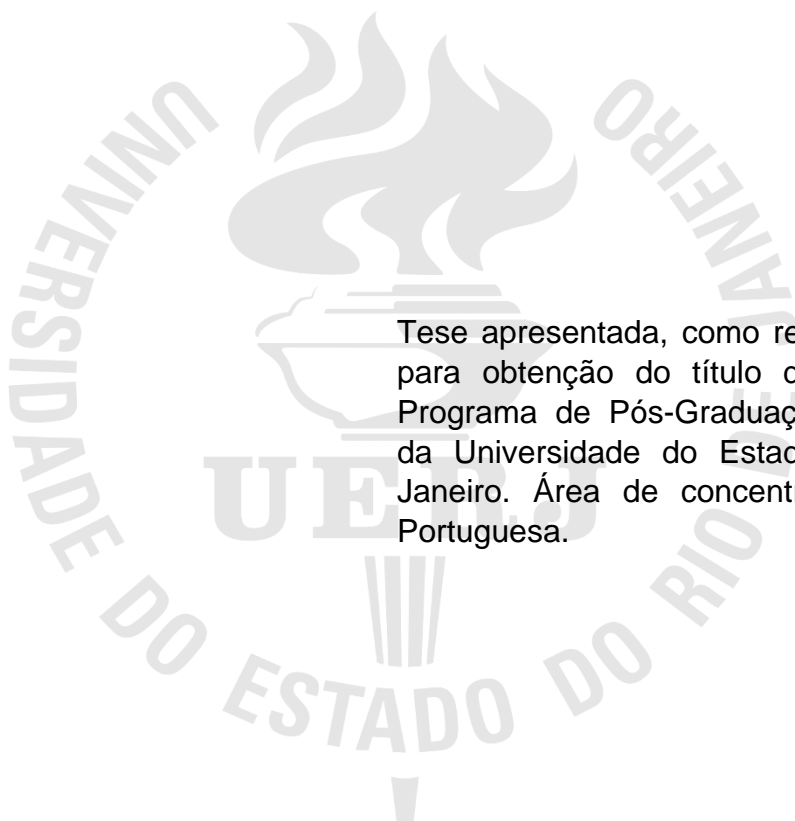
Lília Alves Britto

**Retextualização, Formas remissivas e (Des)construção de sentidos
na produção de textos acadêmicos**

Rio de Janeiro
2015

Lília Alves Britto

**Retextualização, Formas remissivas e (Des)construção de sentidos na
produção de textos acadêmicos**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira

Coorientadora: Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

B862 Britto, Lília Alves
Retextualização, formas remissivas e (des)construção de
sentidos na produção de textos acadêmicos / Lília Alves Britto. –
2015.
185 f.: il.

Orientador: Helênio Fonseca de Oliveira.
Coorientadora: Tania Maria Nunes de Lima Camara.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Português escrito – Teses. 2. Redação
acadêmica – Teses. 3. Resumos – Redação – Teses. 4. Elaboração
de resenhas – Técnica – Teses. I. Oliveira, Helênio Fonseca de. II.
Camara, Tania Maria N. L. (Tania Maria Nunes de Lima). III.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV.
Título.

CDU 82.081

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lília Alves Britto

**Retextualização, Formas remissivas e (Des)construção de sentidos na
produção de textos acadêmicos**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 28 de setembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Helênio Fonseca de Oliveira (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Flávio de Aguiar Barbosa
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Rosane Santos Mauro Monnerat
Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2015

DEDICATÓRIA

À minha filha, Cecília,

pelos sorrisos de todas as manhãs e por me fazer acreditar na capacidade de ir mais longe, depois de pensar que já não poderia mais.

À minha mãe, Maria Amélia,

por tudo, tudo ...

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me deixar esmorecer em meio a tantas dificuldades.

Ao Professor Helênio Fonseca de Oliveira, pelas enriquecedoras lições de Língua Portuguesa e de vida.

À professora Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu, pelos ensinamentos constantes e precisos nas aulas cujos conteúdos foram pensados direta ou indiretamente para mim.

À professora Tania Maria Nunes de Lima Camara, pelo apoio para a coleta de *corpus* deste trabalho e pela coorientação frequente.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelos ensinamentos enriquecedores e fundamentais à minha vida profissional e pessoal.

Ao Fernando, meu esposo, por saber me esperar sempre, sempre .

Meu muito obrigada.

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Graciliano Ramos

RESUMO

BRITTO, Lília Alves. *Retextualização, formas remissivas e (des)construção de sentidos na produção de textos acadêmicos*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Este estudo analisa 52 produções textuais (resenhas críticas e resumos) de estudantes dos períodos iniciais do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O propósito maior do estudo é descrever as dificuldades apresentadas pelos alunos na produção de textos desses gêneros, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da produção textual do alunado. A pesquisa fundamenta-se teoricamente na linguística textual e nas abordagens cognitivista e sociointeracionista da linguagem. O foco da análise recai sobre o emprego de formas remissivas responsáveis por realizar retomadas do texto-fonte, destacando não só os novos referentes introduzidos no processo de retextualização, mas também o grau de fidelidade às informações contidas no texto-base. Para tanto, registraram-se categorias de funções das formas remissivas, enfocando num primeiro momento a função de introdutor, a de recategorizador e a de recategorizador avaliativo. A realidade do *corpus*, contudo, revelou a necessidade da criação de outras duas funções discursivas: a de organizador e a de interlocutor. O resultado do estudo demonstra que grande parte dos obstáculos enfrentados pelos alunos está relacionada a dificuldades nos processos de leitura e compreensão dos textos-base e que a falta de um ensino sistemático e funcional dos gêneros resenha crítica e resumo na vida escolar e/ou na acadêmica gera o processo de (des)construção de sentidos revelado pela pesquisa.

Palavras-chave: Retextualização. Formas remissivas. Função discursiva. Resenha crítica. Resumo.

ABSTRACT

BRITTO, Lília Alves. *Retextualization, remissive forms and (de)construction of senses in the production of academic texts*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This study analyses 52 (fifty-two) textual productions (critical reviews and abstracts) of freshmen in the Language Graduation Course at UERJ. The main purpose of this study is to describe the difficulties shown by the graduate students in the production of texts of these genres, contributing, this way, to the improvement of their textual production. This research is theoretically grounded on the Text Linguistics and in the cognitivist and sociointeractionist approaches of language. The focus of analysis falls on the use of remissive forms responsible for carrying out retakes of the source code, highlighting not only the new referents introduced in the process of retextualization, but also the degree of fidelity to the pieces of information which are found in the source code. Therefore, categories of functions of remissive forms were registered, initially emphasizing the function of introducer, recategorizer and evaluative recategorizer. The result of this study shows that most of the hindrances faced by the students are related to the difficulties in the process of reading comprehension of the source code and that the lack of a systematic and functional teaching of the critical reviews and abstracts in the school life and academic life generates a process of (de)construction of senses revealed by the research.

Keywords: Retextualization. Remissive forms. Discursive function. Critical reviews. Abstracts.

RÉSUMÉE

BRITTO, Lília Alves. *Retextualization, les formes de rémission et (dé)construction de sens dans la production de textes*. 2015. 185 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Cette thèse analyse 52 textes (critiques et résumées critiques) rédigés par des élèves des deux premiers semestres du cours de Lettres, de l'*Universidade do Estado do Rio de Janeiro* (Université de l'État Rio de Janeiro). Le but le plus important de cette recherche c'est la description des difficulté(s) des élèves dans la production de ces genres de textes (critiques et résumées critiques), en contribuant à améliorer la qualité de la production textuelle des étudiants. Le recherche se fonde sur une approche théorique en même temps de la linguistique textuelle et de les théories socio-interactioniste et cognitives. On analyse les mécanismes de rémission par lesquelles les formes du texte-source sont reprises, en décrivant non seulement les nouvelles entités introduites pendant le procédé de retextualisation, mais aussi le degré de fidélité aux informations contenues dans le texte-source. En fonction de ça, on a enregistré des catégories de fonctions des formes de rémission, en utilisant d'abord les fonctions d'introducteur, de recatégorisateur et aussi la fonction évaluative. Cependant, l'observation du *corpus* a conduit à la nécessité d'introduire deux autres fonctions discursives : celle d'organisateur et celle d'interlocuteur. La conclusion de la recherche c'est que la plus grande difficulté des élèves c'est qu'ils ne comprennent pas bien le texte-source et que la cause de cette compréhension incorrecte et même de la rédaction (aussi incorrecte) des critiques et des résumées c'est la manque, dans l'université, de l'enseignement systématique des genres critique et résumée critiques.

Mots-clés: Retextualization. Formes de rémission. Discours fonction. Revue critique.

Résumé.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 14 |
| 1.1 | A produção escrita como processo: escrever sob a perspectiva sociointeracionista | 15 |
| 1.2 | Sobre gêneros e tipos textual-discursivos | 19 |
| 1.3 | O conceito de contrato de comunicação | 30 |
| 1.4 | A retextualização | 33 |
| 1.4.1 | <u>Marcuschi: do oral para o escrito</u> | 33 |
| 1.4.2 | <u>Matencio: do escrito para o escrito</u> | 36 |
| 2 | As formas remissivas | 40 |
| 2.1 | Formas remissivas e o conceito de objeto de discurso | 44 |
| 2.2 | Formas remissivas e o processo de referenciação: aspectos cognitivos, sociais e interacionais | 47 |
| 2.3 | Formas remissivas e funções textual-discursivas | 51 |
| 3 | METODOLOGIA | 56 |
| 3.1 | A escolha do objeto de análise | 56 |
| 3.2 | As propostas de produção dos textos acadêmicos e os textos-fonte | 58 |
| 4 | O GÊNERO RESENHA CRÍTICA: a construção do <i>ethos</i> discursivo e a orientação argumentativa | 61 |
| 5 | O GÊNERO RESUMO: o contrato de comunicação e a (des)construção de sentidos | 76 |
| 6 | ANÁLISE DOS <i>CORPORA</i> | 84 |
| 6.1 | A presença das funções discursivas | 84 |
| 6.2 | Considerações gerais e específicas | 87 |

| | |
|--------------------------|------------|
| CONCLUSÃO | 97 |
| REFERÊNCIAS | 102 |
| ANEXOS | 107 |

INTRODUÇÃO

Diante de gêneros que apresentam uma certa artificialidade na elaboração e, portanto, um distanciamento de suas práticas de produção textual cotidiana, os alunos apresentam algumas dificuldades ao produzirem textos exigidos pela esfera acadêmica.

No Ensino Superior, os alunos deveriam chegar com uma boa prática de leitura e escrita. No entanto o convívio no ambiente acadêmico e a quantidade de pesquisas focadas nos processos de leitura e escrita comprovam que não é o que acontece. A Educação Básica, muitas vezes, não retém os alunos com baixo desempenho em Língua Portuguesa, e estes, quando chegam à Universidade, deparam-se com uma quantidade de textos a serem lidos e compreendidos, bem maior do que tinham até o Ensino Médio. Além disso, eles precisarão de elaborar gêneros “novos” em um pequeno espaço de tempo, sem a oportunidade da releitura e da reescrita dos mesmos.

A partir da constatação desse fato, esta pesquisa tem como objetivo maior propor uma descrição das reais dificuldades na produção de textos acadêmicos de alunos em período inicial do ensino superior, instigando profissionais do ensino a desenvolverem outras pesquisas voltadas para os gêneros acadêmicos e propostas de atividades que capacitem os discentes a produzirem textos de qualidade, claros e objetivos.

Os gêneros resenha crítica e resumo produzidos por alunos do curso de Letras da Uerj compõem o objeto de análise desta pesquisa de tese de doutorado. A escolha por esses gêneros justifica-se pela necessidade de responder a dúvidas surgidas tanto no momento da elaboração desses gêneros quanto ao submeter propostas de produção dos mesmos.

Sabe-se da existência de publicações como as de Henriques & Simões (2010), Machado et al (2004a, 2004b). Essas obras, porém, buscam apenas mostrar a organização do gênero, não expõem uma preocupação com as dificuldades apresentadas no momento em que se produzem tais gêneros.

Partindo-se da ideia de que muitas das inadequações ao se produzirem textos acadêmicos se devem ao desconhecimento do contrato de comunicação do gênero

abordado e que deficiências quanto aos atos de ler e compreender textos levam a um processo de (des)construção dos sentidos, esta pesquisa propõe uma reflexão dos processos de leitura e produção textual dos gêneros resenha crítica e resumo.

O estudo dos processos de leitura e produção textual, nesta pesquisa, conta com o aparato teórico de obras de autores como Dolz (2010); KOCH; ELIAS (2011); KOCH (2014); ANTUNES (2014, 2005, 2003); MARCUSCHI (2008). Considerando que os alunos são sujeitos ativos, dotados de opinião, imersos em processos cognitivo, social e interacional e de que o discurso norteia toda e qualquer atividade textual, esta pesquisa dá destaque, ainda, às funções textual-discursivas de formas remissivas construídas no processo de retextualização.

Com base na análise das formas remissivas estudadas nos *corpora*, delinear-se-iam algumas hipóteses, a saber:

- A- Certas dificuldades na elaboração dos gêneros resenha crítica e resumo estão relacionadas ao grau de compreensão do assunto e do gênero do texto-fonte;
- B- Existem retomadas com funções discursivas próprias de um gênero e que não ocorrem em outros gêneros;
- C- Há uma estrutura micro do texto que irá reger toda a produção do aluno e construir um diálogo entre autor e leitor, fazendo surgir uma função denominada interlocutiva;
- D- A função de interlocutor ou interlocutiva poderá caracterizar, na maioria dos casos, uma transgressão ao contrato de comunicação do gênero vigente.

Dessa forma, o primeiro capítulo é dedicado às linhas de pesquisas que serviram de base para o aprofundamento nos estudos referentes aos processos de leitura, compreensão e produção textual e visa a definir e distinguir, para o leitor, o que são gêneros e tipos textual-discursivos além de apresentar a classificação qualitativa desses últimos, proposta por Oliveira (2007).

Cabe ao primeiro capítulo também apresentar os conceitos de contrato de comunicação e de retextualização, para, em seguida, apresentar a proposta de MARCUSCHI (2010) de rever o procedimento da retextualização na passagem da modalidade escrita para a fala sem privilegiar uma delas. O último subitem dessa seção irá adequar o fenômeno da retextualização aos processos que ocorrem nos gêneros resenha crítica e resumo, com base na proposta de MATENCIO (2003).

No capítulo 2, são apresentadas e exemplificadas as formas remissivas postuladas por Koch (2012), atreladas ao processo de referenciação. Há, neste capítulo, uma exposição dos aspectos cognitivos, sociais e interacionais envolvidos nas remissões no processo de reelaboração das informações de um texto-fonte. Esse capítulo preocupa-se também em apresentar outras opiniões acerca do estabelecimento da coesão do texto, tais como ANTUNES (2005) e FÁVERO (2002).

O capítulo 3 destina-se à *metodologia* e faz um detalhamento do objeto de análise, dos procedimentos adotados para a escolha do *corpus*, do modo como foi feito o acompanhamento das propostas de produção de textos, exposição das opiniões dos alunos cujos textos foram submetidos à pesquisa e dos comentários acerca dos assuntos abordados nos texto-fontes.

Cumprindo aos capítulos 4 e 5 a definição dos gêneros em estudo na pesquisa e uma discussão em torno do ensino dos textos acadêmicos bem como suas relações com as práticas de produções cotidianas dos alunos e das dificuldades observadas nas produções. No capítulo 4, encontram-se comentários acerca do gênero resenha crítica e a relação do encaminhamento argumentativo com a construção de um *ethos* discursivo. No capítulo 5, há um estudo sobre o gênero resumo e um destaque para a manutenção ou (des)construção dos sentidos apresentados no texto-fonte.

Ao capítulo seguinte, cabe a análise dos *corpora*, nele, destacar-se-á o número de funções discursivas, traçando, a partir de então, um quantitativo de funções encontradas nas produções, buscando delinear uma comparação delas de acordo com os gêneros e tipos textual-discursivos em que foram encontradas. Além de tecer as dificuldades na elaboração dos gêneros resenha crítica e resumo, apresentadas pelos alunos no decorrer das análises dos *corpora*.

O capítulo reservado à *Conclusão* faz uma reflexão sobre o ensino dos gêneros da esfera acadêmica a partir da verificação das hipóteses levantadas, nesta pesquisa, quanto às formas remissivas, das dificuldades observadas nas produções dos alunos e na elaboração de propostas de redação pautada em um ensino sistemático e contextualizado. A conclusão visa a apontamentos para novas pesquisas sobre o assunto estudo nesta tese. Após essa seção, seguem as referências de toda bibliografia utilizada e os anexos onde será possível encontrar todas as resenhas críticas e resumos dos alunos e os textos-fonte que serviram de base às propostas de atividades desenvolvidas nas turmas acompanhadas.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em busca de correntes teóricas que proporcionassem a compreensão do ensino da produção escrita como fruto de um lento e trabalhoso processo – entenda-se produção escrita como sinônimo de produção textual –, esta pesquisa recorreu à perspectiva de escrita postulada por Koch & Elias (2011), na obra intitulada *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*, em que as autoras apresentam três diferentes visões de escrita cujos focos e as funções são divergentes.

As bases teóricas trazem suas raízes no sociointeracionismo, pois a língua está aqui sendo compreendida dentro de sua dinamicidade. Para melhor elucidação de tal corrente, serão apresentadas opiniões de Marcuschi (2008), transcritas do livro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, Antunes (2014, 2005, 2003) e comparações entre o sociointeracionismo postulado por Vygotsky e o cognitivismo de Jean Piaget. Levar-se-á em consideração que toda e qualquer atividade textual estará norteadada pelo discurso, observando os processos cognitivo, social e interacional nos quais os educandos estão imersos.

Fazem também parte dos pressupostos teóricos da presente pesquisa o estudo do processo de retextualização, apresentando, inicialmente a visão de Marcuschi (2010), baseada na passagem do texto na modalidade oral para a escrita. Em seguida será exposto um estudo realizado pela professora Maria de Lourdes Matencio (2003) cujo propósito é analisar a passagem de um gênero escrito para outro também escrito, destacando o grau de compreensão que os alunos têm do texto-fonte ao produzir uma retextualização.

Serão apresentados, para a análise dos *corpora*, os conceitos de contrato de comunicação e *ethos* discursivo com base nas obras de Charaudeau (2009) e Maingueneau (2006), respectivamente.

Também serão discutidas questões relacionadas ao ensino dos gêneros e tipos textual-discursivos com base no caráter dialógico da linguagem, proposto por Mikhail Bakhtin (2011).

1.1 A produção escrita como processo: escrever sob a perspectiva sociointeracionista

Nos atuais contextos da Educação brasileira, a escola tem-se mostrado dividida entre os dilemas: ensinar gramática ou ensinar texto. Essa dúvida tem acarretado, há alguns anos, duas práticas pedagógicas malsucedidas. Uma delas está centrada no ensino de regras gramaticais, na qual existe a crença de que conhecer gramática é o melhor. Já a outra prática coloca a gramática em segundo plano, chegando, às vezes, a rejeitá-la.

Essas duas práticas pedagógicas abalam o processo de ensino/aprendizagem da produção escrita, cujas aulas padecem da falta de materiais didáticos adequados às propostas de produção de texto e de conscientização do porquê do emprego de certos mecanismos gramaticais no momento da elaboração do texto escrito.

Para uma efetiva compreensão do ensino da produção escrita, cabe apresentar as concepções postuladas por Koch & Elias (2011), na obra intitulada *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*, na qual as autoras discutem a escrita com base em três perspectivas cujas funções mudam conforme o foco. Este, por sua vez, pode se apresentar na língua, no autor ou na interação.

Koch & Elias (2011, p. 32) destacam que

o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tenhamos consciência disso.

A partir de então, as autoras propõem as três perspectivas de escrita, conforme afirmado anteriormente, com três focos distintos: na língua, no escritor e na interação.

A primeira perspectiva – escrita com o foco na língua – parte do pressuposto de que escreve bem aquele que conhece as regras gramaticais e tem um bom e amplo vocabulário. A língua é vista de maneira estática e a produção escrita como um produto. Nessa perspectiva, a escrita é concebida por meio de um processo artístico e é tida como “dom de seres iluminados”.

De acordo com Koch & Elias (2011,p. 33), “subjacente a essa visão de escrita, encontra-se uma concepção de linguagem como um sistema pronto, acabado, devendo o escritor se apropriar desse sistema e de suas regras.” .

Na obra *Redação Inquieta*, de Gustavo Bernardo (2010), tem-se claro que leitura e escrita não dependem de técnicas. O autor ratifica tal ideia exemplificando com um fato pessoal: “Minha própria experiência do escrever não reconhece nenhuma origem na memorização de regras, na decomposição analítica de textos clássicos ou modernos, ou em baterias de exercícios transformacionais.” (2010, p. 20).

Conforme Antunes (2014),

mais do que saber o que dizem os gramáticos acerca do uso desse ou daquele pronome, por exemplo, vale mais procurar ver como os pronomes são usados, por quem, quando, com que funções, com que valores sociais a eles atribuídos; ou ainda, procurar identificar as perturbações causadas, para a compreensão do que dizemos, pelo uso indevido de um pronome. (ANTUNES, 2014, p. 26)

Deve-se salientar que, no entanto, o conhecimento das regras gramaticais faz-se necessário para compreender o porquê do uso de um determinado mecanismo linguístico. O emprego das regras, apenas por intuição, pode, em algum momento, falhar. Além disso, os preceitos da norma padrão da língua portuguesa estão cheios de exceções que exigem um ensino sistemático para um efetivo aprendizado.

A segunda perspectiva trazida por Koch e Elias (2011) entende a escrita como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolvem esse processo. A escrita, neste caso, é a representação única e inalterável das ideias do autor.

A última visão exposta, contrária às anteriormente descritas, é guiada pelo princípio interacional. Nela, o autor tem em mente um projeto de dizer que é proposto e adequado ao seu interlocutor. Nesse caso, “a escrita é vista como produção textual, cuja realização exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de várias estratégias.” (KOCH ; ELIAS, 2011, p. 34).

Essa visão enfatiza a dinamicidade da língua, uma vez que se toma consciência de que ler e escrever é possível de ser ensinado, e o aprendizado dá-se a partir de um processo lento e trabalhoso. A professora e pesquisadora Jauranice

Rodrigues Cavalcanti (2010, p. 89), na obra *Professor, leitura e escrita*, compartilha de tal pensamento :

Se levarmos em conta nossas experiências, a ideia de escrita como trabalho mostra-se muito mais adequada. O ‘enfrentamento’ da folha em branco, da tela do computador, é apenas parte de um processo que se inicia bem antes, com pesquisas e leituras, e passa por outros momentos que vão desde a revisão até a reescrita e edição do texto(...). Trata-se assim, de um conjunto de práticas, um processo bastante complexo, que em nada lembra um momento único, do qual resultaria o texto pronto e acabado.

O ensino da escrita, ratifica-se escrita como produção textual, concretiza-se a partir do momento em que se consideram os elementos autor e leitor imersos em um contexto social, histórico e cultural, onde ambos são seres ativos que constroem e reconstroem opiniões a todo momento. Dessa forma, é importante propor o estudo da produção escrita bem como o ensino dos gêneros e dos tipos textuais, levando-se em consideração características do sociointeracionismo. Apesar de se tratar de uma perspectiva pouco palpável que “padece de um baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos e fonológicos da língua, bem como das estratégias de produção e compreensão textual.” (MARCUSCHI, 2010, p. 33), não se faz despercebida sua importância na medida em que vê a língua “como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação [e reformulação] em tempo real”. (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

Ainda conforme Marcuschi (2010, p.33),

Nesta perspectiva, tem-se a possibilidade de tratar os fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitor e texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos (orienta-se numa linha discursiva e interpretativa).

Ao escrever um texto, seu produtor tem claro um projeto de dizer, suas intenções comunicativas, que, no entanto, fogem ao seu controle quando expõe sua produção escrita a um possível leitor. Este, a partir do contato com o texto, aciona modelos preexistentes na mente humana e seu conhecimento de mundo para dar início ao estabelecimento da compreensão do texto. Além disso, a existência de outros fatores extratextuais poderá causar ruídos na compreensão da mensagem. Conforme afirma Marcuschi (2008, p. 248), “o sentido não está nem no texto nem no leitor nem no autor, e sim numa complexa relação interativa entre os três e surge como efeito de uma negociação.”

De acordo com João Wanderley Geraldi (2013, p. 137), Para se produzir um texto é preciso que

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

A observação mais despreziosa do ato de escrever para a escola pode mostrar que, pelos textos produzidos, há muita escrita e pouco texto (ou discurso), precisamente porque se constroem nestas atividades, para cada um dos aspectos apontados acima, respostas diferentes daquelas que se constroem quando a fala (e o discurso) é para valer.

A escrita deve, pois, ser vista como uma atividade interativa, realizada conjuntamente, “assim, numa inter-ação (“ação entre”), o que cada um faz depende daquilo que o outro faz também (...). Nesse sentido, a escrita é tão interativa, tão dialógica, dinâmica e negociável quanto a fala.” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Como o homem é um ser social, suas experiências de vida constituem-se através da interação dele com o meio social no qual está inserido. Dessa forma, o social apresentará um papel fundador.

Tem-se em Vygotsky o defensor de tal ideia com o argumento de que o significado irá se construir por meio da interação do indivíduo com o meio. Para ele, o indivíduo pode ter um desempenho além do que sua estrutura do pensamento atual permite; rejeita a identificação do desenvolvimento do conhecimento da história da humanidade com as etapas do desenvolvimento individual.

De acordo com Ignasi Vila (1995, p. 71), “para poder usar a linguagem, deve existir um certo conhecimento da realidade. Por isso, nos anos sessenta aludiu-se aos pré-requisitos cognitivos como condição para o aparecimento da linguagem.”. Foi Piaget o maior defensor desta perspectiva e, contrariamente a Chomsky e Vygotsky, “não acredita que a linguagem seja o principal elemento que defina a espécie humana; *para ele*, o elemento especificamente humano é uma capacidade cognitiva geral, da qual a linguagem é expressão.” (VILA, 1995, p. 71).

Concebiam-se a língua, na década de setenta, como um código e o receptor era visto como um ser passivo. A língua, no entanto,

é um fenômeno cultural, histórico, social e cognitivo, que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: ela se manifesta no seu funcionamento e é sensível ao contexto. Não é um sistema monolítico e transparente, para “fotografar” a realidade, mas é heterogênea e sempre funciona situadamente na relação dialógica. (MARCUSCHI, 2008, p. 240).

No atual contexto, as atividades pedagógicas inerentes ao ensino da leitura e escrita pecam com suas práticas desconexas da teoria, valorizando o ensino de regras gramaticais.

De acordo com a visão de muita gente, para o êxito do trabalho pedagógico com a linguagem, basta ensinar gramática; não raro entendida como nomenclaturas, ou como um simples conjunto de regras, mesmo aquelas anacrônicas, inconsistentes e descabidas. Basta apontar os erros (que somam mais de mil) e suas respectivas correções. Esquecemos que o convívio frequente com o padrão, revelado em textos que lemos, ou ouvimos ou escrevemos, é muito mais decisivo do que o estudo das regras e muito menos ainda do que o estudo das nomenclaturas. (ANTUNES, 2014, p. 28).

A concepção sociointeracionista da linguagem surge, portanto, para trabalhar com sujeitos ativos, sendo os sentidos construídos através da interação entre o produtor do texto e o leitor, em um dado contexto. Consoante Van Dijk (2004, p.19), “a compreensão, portanto, não se constitui em uma simples construção passiva de uma representação do objeto verbal, mas parte de um processo interacional no qual o ouvinte ativamente interpreta as ações do locutor.” Nessa perspectiva, “compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.” (MARCUSCHI, 2008, p. 230)

Assim, os sujeitos que participam tanto do processo da leitura quanto da escrita de um texto devem ser considerados sujeitos transformadores e construtores de sentidos.

1.2 Sobre gêneros e tipos textual-discursivos

Para dar início a esta seção da pesquisa, cabe justificar a opção pela expressão *gêneros e tipos textual-discursivos*, que ora recebe apenas o atributo textual ora o discursivo. Muitas são as nomenclaturas surgidas acerca do estudo desse assunto; o que convém, neste momento, é propor um termo que seja mais adequado ao ensino da produção de textos.

Nas atividades comunicativas da língua, texto e discurso se aglutinam: é o movimento discursivo, existente em um texto, que torna este concreto e coerente. O discurso está para o texto assim como o enunciado está para a situação social. Em um artigo intitulado *Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem* (2005), a professora Rosângela Hammes Rodrigues comenta que

O enunciado não pode ser separado da situação social (imediata e ampla). Não se pode compreender o enunciado sem considerá-la, pois o discurso, como “fenômeno” de comunicação social, é “determinado” pelas relações sociais que o suscitaram. Há um vínculo efetivo entre enunciado e situação social, ou melhor, a situação se integra ao enunciado, constitui-se como uma parte dele, indispensável para a compreensão do seu sentido. (RODRIGUES, 2005, p. 160).

Ao se considerarem os gêneros como um produto gerado na sociedade e pela sociedade, permite-se caracterizá-lo como textual e discursivo. Tanto os gêneros como os tipos são definidos pela materialidade linguística presente no texto, mas é o discurso que os concretiza.

Desse modo, vale ressaltar que a presente pesquisa não se restringe ao propósito de conceituar gênero e tipos de textos, mas busca traçar uma discussão acerca de seu ensino.

Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o trabalho com os gêneros tornou-se conteúdo obrigatório nas aulas de língua portuguesa. De acordo com o documento,

Os gêneros são determinados historicamente. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. É por isso que, quando um texto começa com “era uma vez”, ninguém duvida de que está diante de um conto, porque todos conhecem tal gênero. Diante da expressão “senhoras e senhores”, a expectativa é ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo, pois sabe-se que nesses gêneros o texto, inequivocadamente, tem essa fórmula inicial. Do mesmo modo, pode-se reconhecer outros gêneros como cartas, reportagens, anúncios, poemas, etc. (PCN, 1997, p. 27).

O pesquisador Joaquim Dolz (2010) apresenta uma definição de gêneros cujo conteúdo dá conta de sintetizar todas as suas características e o seu papel na sociedade:

(...) o gênero, objeto de ensino, também é um instrumento cultural e didático. (...) um gênero é um pré-construto histórico, resultante de uma prática e de uma formação social. (...) Entrando pelos gêneros textuais, contribuímos para construir referências culturais, não apenas em relação aos textos do patrimônio cultural, mas também ao conjunto da herança social inscrito nas redes de intertextualidade. Damos acesso a “maneiras de dizer”, a configurações de unidades linguísticas que nos foram transmitidas no decorrer do tempo. (DOLZ, 2010, p. 40).

Segundo Dolz, no livro *Produção escrita e dificuldades na aprendizagem* (2010), a produção escrita deve ser analisada iniciando-se pelos gêneros textuais. Para justificar essa afirmativa, o autor relata dois motivos, a saber:

Em primeiro lugar, porque nossa proposta didática consiste em trabalhar a escrita no quadro da comunicação.

Em segundo lugar, porque as práticas linguageiras significantes e socialmente reconhecidas são uma referência indispensável para orientar o ensino. (DOLZ, 2010, p. 39-40).

O ensino dos gêneros relacionado às práticas de linguagem vem ocorrendo, contudo, de maneira inadequada. Como foi dito no parágrafo anterior, estudar gêneros tornou-se CONTEÚDO obrigatório. O destaque para o termo apresenta o propósito de ressaltar o modo como se dá o ensino dos gêneros nos últimos tempos. Luiz Antônio Marcuschi (2008), na obra *Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão*, posiciona-se criticamente em relação ao trabalho com textos no ambiente escolar, afirmando que

um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. (MARCUSCHI, 2008, p.52).

O fato de os gêneros nascerem a partir das interações sociais e serem ministrados como conteúdo de língua, na maioria das vezes, torna-se algo artificial e distante da realidade dos alunos, ou seja, o descompasso entre teoria e prática faz com que o ensino dos gêneros textuais seja tratado como mais um item da ementa, quando, na verdade, é um assunto que faz parte do dia a dia dos alunos.

De acordo com Mikhail Bakhtin (2011), “os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. (BAKHTIN, 2011, p. 268). O ensino dos gêneros deve ser, pois, compatível com as necessidades sociais dos alunos.

Segundo Anna Rachel Machado (2005), os gêneros,

- no decorrer da história, no quadro das atividades sociais, foram e são produzidas determinadas formas comunicativas que, estabilizando-se de forma mais ou menos forte, constituem os gêneros de textos.

- A diferenciação das esferas de atividade teria levado – e leva- a uma constante diferenciação dos gêneros de textos próprios de cada uma dessas esferas. (MACHADO, 2005, p. 250).

Sobre a denominação gêneros discursivos, Bakhtin (2011) afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Segundo ele,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Os gêneros apresentam uma historicidade e por isso são relativamente estáveis, pois têm em suas bases formas antigas de gêneros (gêneros primários) que se desenvolvem e se modificam, adaptando-se a um campo de atuação.

Com relação aos tipos de textos no discurso, as propostas de produção textual abordam descrição, narração e dissertação, sem tratar a distinção entre gêneros textuais e tipologia textual. Marcuschi, no livro *Gêneros textuais & Ensino* (2005), esclarece a distinção entre tipo e gênero textual:

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (...); usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, apud DIONISIO et al, 2005, p. 22-23)

Para Marcuschi, um texto é tipologicamente heterogêneo, uma vez que, em todos os gêneros existentes, haverá mais de uma sequência tipológica agindo em função de um propósito comunicativo. O poema de Gonçalves Dias, que segue abaixo, exemplifica o modo como determinadas sequências tipológicas agem no texto em função desse propósito:

Não me deixes! (Gonçalves Dias)

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
À corrente, onde bela se mirava:
“Ai, não me deixes, não

“Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão.
Límpido ou turvo, te amarei constante;
Mas não me deixes, não!

E a corrente passava; novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na fonte:
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor murchada,
Quase a lambar o chão,

Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
"Não me deixaste, não!"

(<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet310.htm>)

Os tipos narrativo e descritivo se alternam no poema acima, em função de um objetivo que se resume na temática da morte, amplamente explorada pelos poetas românticos. A flor, apaixonada pela fonte, prefere morrer a continuar viva sem a sua presença. Por fim, o último verso traduz a gratidão da flor pela fonte não a ter deixado: "*Não me deixaste, não!*".

É possível encontrar, ainda, os mesmos tipos em gêneros diferentes, atuando em função de uma mesma intencionalidade comunicativa. Isso pode ser notado nos dois gêneros relacionados abaixo. O primeiro trecho é parte de uma crônica de Luís Fernando Veríssimo (2001), em que se encontram sequências narrativa e descritiva a favor de um direcionamento argumentativo. A mesma intencionalidade argumentativa está presente no texto II, pertencente ao gênero canção, com a letra da música *Minha Alma*. Os trechos, em destaque, nos dois textos enfatizam o tipo argumentativo.

Texto I: *Segurança*¹

(...)

Agora, a segurança é completa. Não tem havido mais assaltos. Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

(VERÍSSIMO, 2001, p. 98)

Texto II: *Minha Alma*

A minha alma está armada
E apontada para a cara
Do sossego
Pois paz sem voz
Não é paz é medo

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz

¹ A crônica está presente, na íntegra, nos anexos desta pesquisa.

Qual a paz que eu não
Quero conservar
Para tentar ser feliz

**As grades do condomínio
São para trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que está nessa prisão**
Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar
Na poltrona no dia de domingo

Procurando novas drogas
De aluguel nesse vídeo
Coagido pela paz
Que eu não quero
Seguir admitindo

Às vezes eu falo com a vida
Às vezes é ela quem diz

(Letra: Marcelo Yuka Música O RAPPÀ)

Se os textos são heterogêneos quanto ao material tipológico, como classificá-los quanto aos seus tipos? A presença de tipos textuais/discursivos² distintos não é aleatória. Apresenta um propósito comunicativo, destinado a persuadir o interlocutor. Segundo Oliveira (2005), “podemos identificar o modo de organização de um parágrafo, de uma frase, de um fragmento de frase etc., mas não do texto como um todo. Neste, o que existe é a ‘predominância’ de determinado modo sobre os demais.”(OLIVEIRA, 2005, p. 8)³.

Essa predominância pode ser quantitativa ou qualitativa. Ainda em relação a Oliveira (2007),

(...) a predominância qualitativa tem prioridade na classificação dos textos, sobre a quantitativa. Se um texto leva mais tempo ou ocupa mais espaço narrando do que argumentando, mas os fatos narrados funcionam como argumentos para a tese “defendida”, temos de classificá-lo como argumentativo, o mesmo se aplicando à descrição a serviço da narração e a qualquer relação desse tipo. (OLIVEIRA, 2007, p. 12)

É importante destacar que aquilo que Marcuschi classifica como tipos de texto, Patrick Charaudeau (2009) atribui o termo modos de organização textual e

² Esta nomenclatura será adotada, neste trabalho, empregada como sinônimo daquela adotada por Oliveira (2005), considerando tipos textuais/discursivos o descritivo, o narrativo, o argumentativo, o expositivo, o injuntivo e o enunciativo.

³ Comunicação apresentada pelo Professor Helênio Fonseca de Oliveira no VII Fórum de Língua Portuguesa intitulada “*Gêneros textuais e conceitos afins: questões teóricas*”.

Helênio Fonseca de Oliveira (2007) denomina modos de organização do discurso. Algumas outras diferenças, porém, podem ser percebidas no quadro abaixo:

| | Marcuschi | Charaudeau | Oliveira |
|-------------------------|------------------|-------------------|-----------------|
| 1- Descritivo | x | x | x |
| 2- Narrativo | x | x | x |
| 3- Argumentativo | x | x | x |
| 4- Expositivo | x | | x |
| 5- Injuntivo | x | | x |
| 6- Enunciativo | | x | x |

Vale lembrar que a existência de mais de um tipo textual, simultaneamente, em um mesmo texto, levou o autor Jean-Michel Adam a adotar a nomenclatura sequências textuais, em oposição à de tipos textuais.

É importante destacar que é possível, ainda que pouco comum, encontrar mais de um gênero em um mesmo texto, embora a heterogeneidade não seja tão diversa quanto aquela encontrada no material tipológico de um texto. Um romance pode apresentar, em um dado momento, trechos de uma carta, assim como em uma crônica pode haver uma receita. O texto que segue, é um exemplo de como mais de um gênero pode conversar no texto. Será possível constatar ao menos três gêneros dialogando no poema *Feijoada à minha moda*, de Vinicius de Moraes. Os gêneros poema, carta e receita fazem-se presentes no poema a seguir:

Amiga Helena Sangirardi
 Conforme um dia prometi
 Onde, confesso que esqueci
 E embora — perdoe — tão tarde

(Melhor do que nunca!) este poeta
 Segundo manda a boa ética
 Envie-lhe a receita (poética)
 De sua feijoada completa.

Em atenção ao adiantado
 Da hora em que abrimos o olho
 O feijão deve, já catado
 Nos esperar, feliz, de molho

E a cozinheira, por respeito
 À nossa mestria na arte

Já deve ter tacado peito
E preparado e posto à parte

Os elementos componentes
De um saboroso refogado
Tais: cebolas, tomates, dentes
De alho — e o que mais for azado

Tudo picado desde cedo
De feijão a sempre evitar
Qualquer contato mais... vulgar
Às nossas nobres mãos de aedo.

Enquanto nós, a dar uns toques
No que não nos seja a contento
Vigiaremos o cozimento
Tomando o nosso uísque *on the rocks*

Uma vez cozido o feijão
(Umas quatro horas, fogo médio)
Nós, bocejando o nosso tédio
Nos chegaremos ao fogão

E em elegante curvatura:
Um pé adiante e o braço às costas
Provaremos a rica negrura
Por onde devem boiar postas

De carne-seca succulenta
Gordos paios, nédio toucinho
(Nunca orelhas de bacorinho
Que a tornam em excesso opulenta!)

E — atenção! — segredo modesto
Mas meu, no tocante à feijoada:
Uma língua fresca pelada
Posta a cozer com todo o resto.

Feito o quê, retire-se o caroço
Bastante, que bem amassado
Junta-se ao belo refogado
De modo a ter-se um molho grosso

Que vai de volta ao caldeirão
No qual o poeta, em bom agouro
Deve esparzir folhas de louro
Com um gesto clássico e pagão.

Inútil dizer que, entrementes
Em chama à parte desta liça
Devem fritar, todas contentes
Lindas rodela de linguiça

Enquanto ao lado, em fogo brando
Dismilinguindo-se de gozo
Deve também se estar fritando
O torresminho delicioso

Em cuja gordura, de resto
 (Melhor gordura nunca houve!)
 Deve depois frigir a couve
 Picada, em fogo alegre e presto.

Uma farofa? — tem seus dias...
 Porém que seja na manteiga!
 A laranja gelada, em fatias
 (Seleta ou da Bahia) — e chega

Só na última cozedura
 Para levar à mesa, deixa-se
 Cair um pouco da gordura
 Da linguiça na iguaria — e mexa-se.

Que prazer mais um corpo pede
 Após comido um tal feijão?
 — Evidentemente uma rede
 E um gato para passar a mão...

Dever cumprido. Nunca é vã
 A palavra de um poeta... — jamais!
 Abraça-a, em Brillat-Savarin
 O seu Vinicius de Moraes

(Texto extraído do livro "Para viver um grande amor", Livraria José Olympio Editora - Rio de Janeiro, 1984, p. 97).

http://www.releituras.com/viniciusm_feijoada.asp

Vale elencar a opinião de Bronckart (1999), quando afirma que:

Qualquer que seja o gênero a que pertençam, os textos, de fato, são constituídos, segundo modalidades muito variáveis, por segmentos de estatutos diferentes. E é unicamente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marcação linguísticas. (BRONCKART, 1999, p. 138)

Essas regularidades permitem identificar os três gêneros citados, é preciso, entretanto, classificar o texto quanto a um único gênero e, essa classificação somente será possível em vistas do propósito comunicativo do texto. Este é revelado na segunda estrofe do poema, quando o poeta, a partir das bases de elaboração de um poema e de uma receita, cria um novo gênero "*receita poética*".

Por fim, cabe ressaltar que o fato de a escola não abordar o gênero adequando-o ao objetivo comunicativo nem trabalhar os tipos textuais/discursivos, equiparando-os no grau de importância, dados os seus diferentes propósitos, pode, muitas vezes, privar os alunos do aprendizado de outros gêneros, como cartas, relatórios, requerimentos, resenhas e resumos, necessários à vida acadêmica.

A falta de uma equiparação quanto ao grau de importância dos diversos tipos textuais consiste em uma das muitas problemáticas do ensino da produção textual,

pois o ensino da argumentação e narração recebe atenção privilegiada ao passo que a descrição é vista sem grandes ênfases nas séries iniciais do segundo segmento do ensino fundamental (5° e 6° anos) de maneira estanque, sem ser retomada nas demais séries. É importante destacar que sequências descritivas assumem papel fundamental na construção do ambiente e dos perfis físico e psicológico das personagens da narrativa.

Segundo Platão & Fiorin (2003, p.246),

uma descrição não é algo supérfluo ou ornamental num texto, mas tem funcionalidade, pois fixa caracteres, dá qualificações para personagens, espaços, tempos. Esses elementos presentes na descrição terão um papel no desenvolvimento da trama narrativa. Uma descrição não é algo neutro, pois, a partir dos elementos selecionados e da forma como são apresentados, revela uma visão de mundo.

A descrição se constrói com base no uso de adjetivos, que, de acordo com Agostinho Dias Carneiro, “podem ser, basicamente, de dois tipos: ou são objetivos, isto é, dependem da observação do autor, ou são subjetivos, ou seja, dependem da opinião do autor.” (CARNEIRO, 1996, p. 75). São exemplos desses adjetivos, respectivamente, aqueles atribuídos ao substantivo pedra: dura e preciosa, ou seja, toda pedra é dura por natureza; no entanto, a designação de preciosa à pedra irá depender da avaliação do autor.

O uso dos adjetivos ditos subjetivos é de grande contribuição para o desenvolvimento do texto narrativo, pois ele exige, no prolongamento do texto, uma explicitação para que o leitor compreenda melhor o que o autor expõe. Tal fato pode ser exemplificado através do texto *Testemunha Tranquila*, de Stanislaw Ponte Preta; nele, os adjetivos subjetivos funcionam como pistas para o desfecho dos fatos narrados.

Testemunha Tranquila

O camarada chegou assim com ar **suspeito**, olhou pros lados e – como não parecia ter ninguém por perto – forçou a porta do apartamento e entrou. Eu estava **parado** olhando, para ver no que ia dar aquilo. Na verdade eu estava vendo nitidamente toda a cena e senti que o camarada era um **mau** caráter.

E foi batata. Entrou no apartamento e olhou em volta. Penumbra total. Caminhou até o telefone e desligou com cuidado, na certa para que o aparelho não tocasse enquanto ele estivesse ali. Isto – pensei – é porque ele não quer que ninguém note a sua presença: logo, só pode ser um **ladrão**, ou coisa assim.

Mas não era. Se fosse ladrão estaria revistando as gavetas, mexendo em tudo, procurando coisas para levar. O cara – ao contrário – parecia morar perfeitamente no ambiente, pois mesmo na penumbra se orientou

muito bem e andou desembaraçado até uma poltrona, onde sentou e ficou quieto:

- Pior que ladrão. Esse cara deve ser um **assassino** e está esperando alguém chegar para matar – eu tornei a pensar e me lembro (inclusive) que cheguei a suspirar aliviado por não conhecer o homem e – portanto – ser difícil que ele estivesse esperando por mim. Pensamento **bobo**, de resto, pois eu não tinha nada a ver com aquilo.

De repente ele se retesou na cadeira. Passos no corredor. Os passos, ou melhor, a pessoa que dava os passos, parou em frente à porta do apartamento. O detalhe era visível pela réstia de luz, que vinha por baixo da porta.

Som de chave na fechadura e a porta se abriu lentamente e logo a silhueta de uma mulher se desenhava contra a luz. **Bonita ou feia?** – pensei eu. Pois era uma graça, meus caros. Quando ela acendeu a luz da sala é que eu pude ver. Era boa às pampas. Quando viu o cara na poltrona ainda tentou recuar, mas ele avançou e fechou a porta com um pontapé ... e eu ali olhando. Fechou a porta, caminhou em direção à bonitinha e pataco ! ... tacou-lhe a primeira bolacha. Ela estremeceu nos alicerces e pimpa ... tacou outra.

Os caros leitores perguntarão: - E você? Assistindo aquilo tudo sem tomar uma atitude? – a pergunta é **razoável**. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.

Logo no título da narrativa, o adjetivo *tranquilo* é uma forma de preanunciar o desfecho da história e um convite para o leitor entrar na história. Por que se trata de uma testemunha tranquila, o adjetivo será justificado ao final da história quando o narrador se apresenta ao leitor como um telespectador de um filme que estava sendo transmitido pela tevê. Esse fato o torna uma testemunha tranquila dos episódios que se passavam na tela da televisão. A tranquilidade da testemunha traduz-se na passividade do narrador assistindo à cena. Isso se repete no conteúdo semântico do adjetivo parado, destacado na sequência do texto.

Com o adjetivo suspeito, cria-se a oportunidade de descrição das ações realizados por uma das personagens da cena e proporciona o prolongamento da narrativa: “olhou pros lados (...) forçou a porta do apartamento e entrou (...)”. O ar suspeito somado ao mau caráter da personagem fazem a narrativa prosseguir. Os atributos dados à personagem vão seguindo uma ordem crescente de periculosidade e contribuem para a construção do clímax da narrativa: suspeito – mau – ladrão – assassino.

Em alguns momentos, o autor empregou um adjetivo e logo em seguida inicia um período com o conector *pois*, o que irá justificar a escolha feita. Seguem os trechos: “Pensamento **bobo**, de resto, pois eu não tinha nada a ver com aquilo.”/ “**Bonita ou feia?** – pensei eu. Pois era uma graça, meus caros”.

No último adjetivo em destaque no texto tem-se a possibilidade de explicitá-lo e desvendar o mistério dessa história: “a pergunta é **razoável**. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.”. A pergunta é *razoável* porque, até aquele momento, os leitores não tinham a menor ideia de que o narrador estava narrando cenas que se passavam na televisão e, por isso, tanta passividade por parte dele.

O texto em questão é apenas um entre muitos outros que pode servir para apresentar e provar aos alunos a importância de uma descrição precisa dentro de um texto narrativo. Sem ela, o texto não anda, fica truncado e a história, vazia e sem graça.

Sendo assim, dificilmente poder-se-á narrar um acontecimento privando-se do uso da descrição dos ambientes e personagens participantes da história e isso deve ser passado aos alunos a fim de que eles consigam identificar os limites entre narração e descrição e atribuir a devida importância a esses dois tipos de texto.

Destaca-se, ainda, que, no ensino fundamental, as políticas públicas de ensino estão preocupadas em elevar o Índice de Educação Básica (IDEB) enquanto, no ensino médio, a ênfase na argumentação está preocupada com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), privando, dessa forma, o educando, do contato com outras tipologias, treinando-o a reproduzir um único tipo.

Segundo Bronckart (2010),

as reformas do ensino de Língua materna são apenas emergenciais e esses movimentos decorrem em primeiro lugar de demandas sociais e políticas e pela constatação do relativo fracasso escolar dos métodos anteriores de ensino das línguas. (BRONCKART, 2010,p. 164)

O trabalho com os tipos não pode estar preocupado com um ensino cujos conteúdos estejam voltados apenas para os processos seletivos que circundam os alunos e apresentam soluções temporárias, quando, na verdade, deveriam servir tanto para a vida profissional quanto social do discente.

1.3 O conceito de contrato de comunicação

Comunicar é um ato que deve ser negociado entre produtor e receptor de uma mensagem, o contrato de comunicação faz parte dessa negociação. A anedota abaixo irá exemplificar o modo como o desconhecimento do contrato de comunicação irá causar ruídos na transmissão da mensagem.

O mendigo se aproxima de uma madame cheia de sacolas de compras, na calçada da Avenida Atlântica, e diz:

- Senhora, estou sem comer faz quatro dias...

- Meu Deus! Gostaria de ter sua força de vontade!

(MATTOS, 2001, p. 90)

Nessa anedota, o humor é gerado com base na desconsideração do contrato de comunicação por parte de um dos sujeitos participante do ato de linguagem. O mendigo, ao dizer “estou sem comer faz quatro dias”, espera receber algum tipo de ajuda da senhora; no entanto, ela o surpreende com a resposta e não associa a sentença dita pelo mendigo ao contexto situacional nem aos participantes desse contexto, o que gera uma quebra de expectativas e, portanto, o humor no texto. Nesse caso, por se tratar de um texto humorístico, a quebra do contrato entre os participantes do discurso é bem-vinda. Na vida cotidiana, porém, descumprir o contrato de comunicação nos milhares textos circundantes, sejam eles orais ou escritos, pode prejudicar o ato de se comunicar.

Segundo o Dicionário de Análise do Discurso, o termo **contrato de comunicação** é empregado pelos semioticistas, psicossociólogos da linguagem e analistas do discurso para designar o que faz com que

o ato de comunicação seja reconhecido como válido do ponto de vista do sentido. É a condição para os parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias). (...) Do ponto de vista do sujeito interpretante, é o que permite compreender, em parte, um ato de comunicação sem que se conheçam todos os detalhes: diante de um cartaz publicitário, compreende-se parte do que está em jogo mesmo antes que se saiba de qual publicidade se trata. (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 132).

É o contrato de comunicação que permite o falante a adequar o gênero textual a determinada situação comunicativa. Isso ocorre em todos os gêneros, orais ou escritos, formais ou informais. Na anedota a seguir, a resposta dada ao freguês é

regida por um contrato de comunicação em que se responde o que se pretende ouvir.

O filho do alfaiate chega para o pai lá no fundo da loja e pergunta:
 - O terno marrom encolhe depois de lavado?
 - Por que você quer saber, filho?
 - O freguês é quem quer saber.
 - Ele já experimentou?
 - Já.
 - Ficou largo ou apertado?
 - Largo.
 - Então diz que encolhe.
 (ZIRALDO, 2005, p. 22).

O conceito de contrato de comunicação é mais compreensível em exemplos da publicidade; nela, o interlocutor aceita fazer parte de um mundo fictício e ideal. Nos textos publicitários atuais, é possível perceber uma preocupação maior com os mecanismos linguísticos do que a que havia nos textos de antigamente, pois o propósito maior dos materiais mais antigos era exibir um produto. Assim, os recursos utilizados nos anúncios não eram tão bem elaborados como os de hoje.

À medida que a sociedade se desenvolve, as pessoas tornam-se mais exigentes quanto aos produtos que consomem. Nos dias de hoje, só o apelo visual não basta como técnicas de persuasão e sedução; faz-se necessário utilizar outras estratégias para o convencimento do público-alvo.

Na teoria de Charaudeau (2009), os dois elementos envolvidos no circuito publicitário são bipartidos, ou seja, existe um Eu para o espaço externo e outro no espaço interno, ao passo que haverá um Tu correspondente a cada um desses "Eus". Conforme Martins, "esta separação é concebida pelo autor para dar conta de uma segmentação de universos: o discursivo e o empírico.". (MARTINS, *apud* HENRIQUES, 2005, p.317-318)

Segundo Patrick Charaudeau, "o projeto de fala é o resultado de um 'ato conjunto', que faz num movimento de vai-e-vem constante entre o espaço externo e interno da cena comunicativa."(CHARAUDEAU, *apud* CARNEIRO, 1996, p.29). Portanto, o produto, bem como o consumidor irão desempenhar dois papéis: um no espaço interno e outro no espaço externo.

A existência desses sujeitos irá trazer para o discurso um produto, no caso da publicidade, também bipartido: um produto real, que se localiza no espaço externo

(mundo do fazer) e um ideal e fictício, que pertence ao espaço interno (mundo do dizer).

Todos esses elementos fazem parte de um projeto de comunicação, ao dialogar com os anúncios o *Eu-interpretante* aceita a fazer parte do contrato sem se dar conta de que ele é um ser bipartido, é como se uma pessoa assinasse um contrato sem ler; mas ao mesmo tempo, a maioria dos interlocutores tem consciência de que o produto enunciado é fictício e que, muitas vezes, os resultados também o são.

1.4 A retextualização

Nesta seção da pesquisa, far-se-á um estudo acerca do ato de retextualizar, levando-se em conta que, mais que a criação de um texto outro, ocorre a presença de pontos de vista distintos e capazes de interferir no posicionamento de prováveis leitores. Para tanto, recorrer-se-á, primeiramente, ao termo retextualização tal como tratado por Marcuschi, no livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2010). Em seguida, a partir de pesquisas, em torno da produção de resenhas e resumos, desenvolvidas pela professora Matencio, elencar suas observações traçadas com base na transformação de um texto escrito para outro texto também escrito. A fim de que, por fim, construam-se possibilidades para analisar o objeto de estudo desta tese.

1.4.1 Marcuschi: do oral para o escrito

Na obra acima citada, Marcuschi observa atividades de transformação de um texto oral para um texto escrito, permanecendo na mesma língua. Dessa forma, o autor busca “construir um modelo para analisar o grau de consciência dos usuários da língua a respeito das diferenças entre fala e escrita observando a própria atividade de transformação” (2010, p. 46).

Segundo ele,

a retextualização, tal como tratada, não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

Apresenta, pois, a passagem da modalidade oral para a escrita sem julgar aquela inferior a esta, considerando, simplesmente, *a passagem de uma ordem para outra ordem*. Cita ainda algumas variáveis presentes na transformação da oralidade para escrita. São elas:

- o propósito ou objetivo da retextualização;
- a relação entre o produtor do texto original e o transformador;
- a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização;
- os processos de formulação típicos de cada modalidade.

Em relação à primeira variável, o autor afirma que, dependendo da finalidade de uma transformação, se apresenta uma diferença bastante acentuada no nível da linguagem do texto. Uma retextualização não é indiferente aos seus objetivos ou propósitos.

Quanto à relação entre o produtor do texto original e o transformador, Marcuschi afirma que

Um texto pode ser refeito pela mesma pessoa que produziu o original ou por outra. No caso de ser o próprio autor quem retextualiza, as mudanças são muito mais drásticas e, frequentemente, o autor despreza a transcrição da fala e redige um novo texto. Mas mesmo assim o autor não elimina todas as marcas da oralidade no seu texto. Já uma outra pessoa que não o próprio autor do texto em processo de retextualização terá mais 'respeito' pelo original e fará menor número de mudanças no conteúdo, embora possa fazer muitas intervenções na forma. (MARCUSCHI, 2010, p. 54)

Na relação tipológica, o autor destaca um ponto e o julga interessante, que é o fato de se produzirem modificações menos drásticas com a transformação de um gênero textual falado para o mesmo gênero textual escrito. As alterações são maiores quanto se trata de gêneros diferentes.

No que tange à última variável, aborda a questão das estratégias de produção textual vinculadas a cada modalidade. Ao escrever, tem-se sempre a possibilidade

de rever sem que esta revisão seja visível ao receptor da versão final do texto. Isso contribui para que a escrita seja mais planejada que a fala. No entanto, existem vantagens, como entonação, gestos e contexto mais localizado, presentes na modalidade oral, que estarão ausentes na escrita. E serão essas vantagens que, por vezes, poderão proporcionar falhas na comunicação via escrita.

Posicionando-se em relação às modalidades fala e escrita, a autora Marilyn M, Cooper afirma que

na escrita, os significados da comunicação – o texto – são mais concretos e duradouros que a fala. A escrita é frequentemente considerada um ato comunicativo menos situado que a fala. Constantemente, professores apontam para os alunos-escreitores a falta de determinantes contextuais do significado na escrita, como, por exemplo, entonação, gestos, expressões faciais e localização no tempo e no espaço. (Tradução nossa) ⁴.

Por ser a modalidade oral mais ligada à situação e por isso mais concreta, escrever se torna, na maioria das vezes, para o aluno uma tarefa tão cheia de percalços, ainda que produtor e transformador da retextualização sejam a mesma pessoa.

Para Marcuschi,

atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra. (MARCUSCHI, 2010, p. 48).

Isso acontece porque há o envolvimento de sujeitos com conhecimentos e histórias diferentes que, ao se pronunciarem em relação a um texto, imprimem suas opiniões, seus pontos de vista; o discurso, não será, portanto, neutro.

⁴ Because in writing the means of communication – the text- is more concrete and long lasting than speaking, writing is usually considered to be a much less situated communicative act than speaking. Teachers often point out to beginning writers that many contextual determinants of meaning available in speaking situations are lacking in writing – intonation, gestures, facial expressions, and location in time and space. (COOPER, 1982, p. 106).

1.4.2 Matencio: do escrito para o escrito

A presente subseção, baseada nos estudos de Matencio, revê o conceito de retextualização, definindo-o a partir da passagem de um texto para outro na mesma modalidade (neste caso, a escrita), porém tendo como produto final gêneros distintos.

Levar-se-á em conta, por parte dos alunos, o nível de compreensão de textos, o grau de fidelidade das informações passadas pelo leitor-autor acerca do texto-fonte e as dificuldades na produção escrita de um outro gênero distinto daquele do texto-fonte. O estudo da atividade de retextualização foi motivado pela percepção do elevado quantitativo de reconstruções de sentido de um texto e pela necessidade de analisar a maneira como esse mesmo sentido se desconstrói a depender do não cumprimento do propósito comunicativo do gênero em questão.

A professora e pesquisadora Maria de Lourdes Meirelles Matencio desenvolve projetos que visam à reflexão sobre as regularidades identificadas no processo de referenciação na retextualização de textos que circulam no ambiente acadêmico. Para Matencio (2003), “produzir resumos e resenhas é de crucial importância na formação universitária, pois o estudante, além de registrar a leitura, manifesta sua compreensão de conceitos e do fazer – científico da área de conhecimento em que atuar”⁵. E

(...) ensinar o aluno a produzir textos como o resumo e a resenha em prática acadêmica é uma forma de inseri-lo no universo de produza enquadres que considerem as regularidades linguísticas, textuais e discursivas dos referidos gêneros nas práticas discursivas às quais começa ter acesso, em um movimento que engloba tanto apropriação de conceitos e procedimentos acadêmicos-científicos – um saber fazer, portanto – quanto de modos de referência e de textualização dos saberes – em outras palavras, um saber dizer.

Segundo a autora, como pesquisadora do processo de retextualização em textos acadêmicos, esse procedimento

envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas textuais e discursivas identificadas no texto-base para então projetá-las tendo em

⁵ Texto publicado na íntegra nos ANAIS DO III CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, março de 2003 (cf. SITE ABRALIN). O texto apresenta resultados do projeto *Retextualização de textos acadêmicos: leitura, produção de textos e construção de conhecimentos*, desenvolvido por equipe da PUC Minas, sob a orientação da professora.

vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência.⁶

O resultado de uma retextualização será sempre um novo texto, com propósitos distintos porque foi gerado em esferas sociais diferentes do texto-base. Ainda, segundo Matencio,

O trabalho com esse tipo específico de retextualização (do escrito para o escrito) deve considerar as condições de produção, recepção e circulação do texto-base e da própria retextualização, determinantes para desencadear a construção da referência textual, por implicarem a complexa relação que se estabelece entre discurso científico, discurso de divulgação científica e discurso didático.⁷

Das quatro variáveis citadas por Marcuschi na transformação de um texto oral para o escrito, três estarão presentes no processo de retextualização da escrita para a escrita.

A primeira delas diz respeito ao objetivo da retextualização. O resultado de uma retextualização será sempre diferente do texto-fonte, ainda que as modalidades sejam as mesmas; há o envolvimento, no caso desta pesquisa, de gêneros distintos, os propósitos da produção textual serão diferentes. Na resenha crítica de um livro, por exemplo, há marcas de argumentatividade que não estarão presentes no livro em si.

Quanto à relação entre o produtor do texto original e o transformador, tem-se, neste caso, uma outra pessoa que não o próprio autor do texto em processo de retextualização, o qual, na opinião de Marcuschi, terá mais 'respeito' pelo original e fará menor número de mudanças no conteúdo, embora possa fazer muitas intervenções na forma. Isso não ocorreu na prática, pois ao analisar os resumos em estudo, foi possível constatar em alguns momentos mudanças bruscas no conteúdo da mensagem do texto-fonte.

Portanto, as transformações também estarão presentes na passagem da escrita para a escrita, contudo em graus crescentes de acordo com seu produtor. Quando produtor e transformador dizem respeito à mesma pessoa, as mudanças estarão presentes sem afetar o sentido global do texto. Com produtores e transformadores distintos, as mudanças serão mais drásticas, tanto no conteúdo quanto na forma, pois há o envolvimento de processos distintos de leitura, compreensão e interpretação de textos. Dentro desses processos, poderão ocorrer

⁶ *Idem* nota 5.

⁷ *Ibidem*.

falhas na comunicação geradas a partir da falta de conhecimentos partilhados entre produtor e transformador. O “respeito” no processo de retextualização, nesse caso, será menor, podendo até não existir.

Na relação tipológica, Marcuschi destaca o fato de se produzirem modificações menos bruscas com a transformação de um gênero textual falado para o mesmo gênero textual escrito. As alterações são maiores quando se trata de gêneros diferentes. Tal fato se deve aos propósitos comunicativos do gênero em questão. Tal fato pode ser ratificado pela utilização dos tipos textuais com fins distintos.

As sequências tipológicas descritivas e narrativas utilizadas em um conto, por exemplo, constantemente estarão a favor da caracterização das personagens e do desenrolar de suas ações, respectivamente. No resumo do conto, essas sequências cumprem um papel pouco subjetivo, e, por vezes, deixam entrever impressões de seu produtor em relação aos sentimentos e às atitudes das personagens, as que foram julgadas mais relevantes, e a seleção de ações consideradas mais importantes para ele no processo de sumarização.

Os trechos que seguem abaixo demonstram as sequências descritivas e as narrativas agindo com propósitos distintos. As duas primeiras passagens referem-se a trechos do conto *Uns braços*, de Machado de Assis. Elas aparecem seguidas de um resumo informativo desse conto.

(...) Não digo que ficou em paz com os meninos, porque o nosso Inácio **não era propriamente um menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, (...). Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido.**

(...) Voltando devagarinho a espia-lo, viu que dormia profundamente. Tinha o sono duro a criança! O rumor que a abalara tanto, não o fez sequer mudar de posição. E ela continuou a vê-lo dormir, - dormir e talvez sonhar. (...) E tornando, **inclinava-se, pegava-lhe** outra vez das mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se, ainda mais, muito mais, **abrochou** os lábios e **deixou-lhe** um beijo na boca.

Resumo: *Uns braços* é a história de Inácio, **rapaz de 15 anos de idade** que vai trabalhar como ajudante de Borges, **um solicitador**, hospedando-se na casa dele. **Borges é casado com D. Severina**. Inácio acaba se encantando com os braços dessa senhora. Para Inácio as poucas vezes que via D. Severina com os braços nus **era como se fosse um relaxamento pelo dia estressante** que tinha no escritório de Borges. Certo dia D. Severina desconfia do interesse do rapaz por ela. Mesmo assim, fica com aquele pensamento e várias sensações lhe ocorrem. Por isso oscila entre tratar mal o rapaz e mostrar preocupação com o seu bem-estar. **Num certo domingo, dia de descanso para Inácio, D. Severina vai até o quarto dele e o encontra dormindo na rede. Fica algum tempo o admirando, mesmo sem entender porque está fazendo aquilo, sentindo aquilo, e inesperadamente dá-lhe um leve beijo na boca.** Nesse momento, Inácio

estava num sono pesado, sonhando com ela, sem saber que era beijado realmente. Até que D. Severina ouve um barulho num dos cômodos e temendo ser alguém que pudesse vê-la no quarto do rapaz, sai apressadamente. Pouco tempo depois, Borges manda o garoto de volta a seu pai, e na despedida não vê D. Severina, levando consigo apenas as sensações vividas.

<http://resumo-contos.blogspot.com.br/2011/11/uns-bracos-machado-de-assis.html>

O trecho escolhido para ser comentado no resumo diz respeito ao clímax da narrativa do conto. Essa seleção dá conta de transmitir uma ideia acerca do que está sendo narrado como um todo. As sequências descritivas, em destaque no início do resumo, transmitem um posicionamento neutro do produtor frente às personagens da narrativa, não emitindo juízo de valor. É necessário salientar, no entanto, que, independente do grau de distanciamento do produtor entre o texto-fonte e o texto transformado, haverá sempre marcas de expressividade, pois estas são inerentes ao discurso.

Cabe destacar ainda que o aluno, como sujeito transformador de um texto, é também coautor do texto-fonte. Esse segundo texto vai além do contexto de produção e o aluno precisa aprender a simular esse espaço que ultrapassa o momento da produção e se encontra no contexto de circulação. Isso não acontece porque os alunos ainda não conseguem ser “atores” do processo de escrita.

2 AS FORMAS REMISSIVAS

A pesquisa dá foco às retomadas que incluem formas remissivas gramaticais presas e formas remissivas lexicais, ambas responsáveis pela construção da coesão dentro das produções.

As formas remissivas gramaticais presas “são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificadores anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal”. (KOCH, 2012, p. 34). Segundo Koch (2012),

Exercem a função das determinantes da gramática estrutural e gerativa. Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os artigos, os pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos interrogativos e relativos) e os numerais cardinais e ordinais, quando acompanhados de nomes.

Já as formas remissivas lexicais referem-se a “grupos nominais definidos que, além de fornecerem, em grande número de casos, instruções de concordância, contêm, também, instruções de sentido, isto é, fazem referência a algo no mundo extralinguístico”. (KOCH, 2012, p. 37).

A opção por essas formas deve-se, em parte, ao quantitativo significativo encontrado nas produções em estudo; e por contribuírem para delinear as hipóteses quanto a seus empregos.

A escolha de um artigo para acompanhar um nome denunciou falhas quanto ao contrato de comunicação dos gêneros em questão; o emprego do demonstrativo atribui maior destaque ao nome que acompanha e, somando-se às substituições lexicais, é responsável por construir, no texto, uma orientação argumentativa.

O papel das formas remissivas é operar uma retomada de termos, denominados referentes, dentro de um texto. Entenda-se “referente como um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais”. (CAVALCANTE, 2012, p. 98). A crônica que segue, intitulada *Inimigos*, do autor Luís Fernando Veríssimo (1996, p. 70-71), exemplifica a forma como as remissões agem no texto.

O apelido de Maria Teresa, para Norberto, era “Quequinha”.
Depois do casamento, sempre que queria contar para os outros uma da sua mulher, o Norberto pegava sua mão, carinhosamente, e começava:
- Pois a Quequinha...
E a Quequinha, dengosa, protestava:
- Ora, Beto!

Com o passar do tempo, o Norberto deixou de chamar a Maria Teresa de Quequinha; se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, dizia:

- A mulher aqui...

Ou, às vezes:

- Esta mulherzinha...

Mas nunca mais de Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo. O tempo ataca em silêncio. O tempo usa armas químicas.) Com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por "Ela".

- Ela odeia Charles Bronson.

- Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chamasse de Ela, ainda usava um vago gesto da mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer "essa aí" e apontar com o queixo.

- Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando com a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. O tempo captura o amor e não mata na hora. Vai tirando uma asa, depois a outra...)

Hoje, quando quer contar alguma coisa da mulher, o Norberto nem olha na sua direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

- Aquilo...

Os termos, em destaque na crônica, mostram as várias formas remissivas por que passou o introdutor Maria Teresa, construindo uma cadeia coesiva e recategorizando o referente. As retomadas, juntamente com os gestos da personagem Norberto, funcionam, nessa crônica, como um avaliador da relação entre marido e mulher. O emprego de formas depreciativas traduz a depreciação do casamento das personagens.

As cadeias coesivas, também denominadas cadeias de referenciais (SOUZA, 2010) contribuem para a construção de sentidos do texto, esta, por sua vez, no entanto, não é garantida apenas por mecanismos meramente linguísticos, "a construção de cadeias referenciais é tão somente um dos processos auxiliares para a compreensão do texto. Os sentidos nunca se esgotam, eles estão sujeitos a constantes reajustes e a novas interpretações." (SOUZA, 2010, p. 34-35). Tal processo ocorre porque atribuir sentido às coisas é uma atividade individual e coletiva. É individual porque o sujeito utiliza-se de operações mentais para decodificação dos textos; é, simultaneamente, coletiva porque, esse mesmo sujeito é um ser histórico e social.

Apesar de analisar a função das formas remissivas gramaticais presas, no discurso, esta pesquisa de tese atribuirá, na análise do *corpus*, maior destaque às formas remissivas lexicais, por apresentarem conteúdo significativo e função no

discurso. Segundo Koch (2012, p. 48), as formas lexicais “além de trazerem instruções de conexão, possuem um significado extensional ou seja, designam referentes extralinguísticos.”. Deve-se destacar um aspecto da coesão lexical que se levará em conta, dado o quantitativo significativo presente nos *corpora*, diz respeito à **rotulação** que por meio de grupos nominais cuja função é conectar e organizar o discurso escrito, operando uma reclassificação do referente.

Os rótulos dividem-se em prospectivos e retrospectivos, há, no entanto, um importante subconjunto: o **metalinguístico** e o **avaliativo**. O primeiro tem a função de falar sobre uma extensão do discurso como um ato linguístico, rotulando-o como, por exemplo, um argumento, um aspecto ou uma declaração. (FRANCIS, 2003, p. 191). O segundo “adiciona algo novo ao argumento indicando a avaliação do escritor das proposições que eles encapsulam”. (FRANCIS, 2003, p. 211).

O texto a seguir apresenta esses dois casos de rotulação.

Poesia, romance e suspense ocupam prateleiras inusitadas

Lavanderias, farmácias e ONGS têm serviços de empréstimo de livro

Dizem que a leitura cura, que os livros lavam a alma, e que a poesia enriquece. Pois há quem leve isso ao pé da letra. Donos de uma lavanderia no bairro de Várzea, em Teresópolis, o casal Márcia Pedrosa e Mendel Rabinovitch reservou no balcão de sua loja, a Lava-Lava, um espaço para organizar um serviço de rodízio de títulos, onde qualquer um – cliente ou não – pode levar o exemplar que quiser sem pagar por isso. O único compromisso do leitor, explicam os comerciantes, é fazer o livro circular por outras mãos.

- O importante é que o livro não fique parado. Que ele seja lido por muitos, e circule – diz Márcia Pedrosa.

Outros apaixonados por letras tiveram iniciativas semelhantes aqui na cidade: o dono de uma farmácia em Jacarepaguá criou no estabelecimento um cantinho para publicações usadas; já a diretora de uma ONG no Morro dos Macacos deu “movimento” ao acervo da biblioteca da instituição, que passou a circular por vielas e praças da favela “a bordo” de dois carrinhos de mercado.

A ideia de oferecer os livros na lavanderia da família surgiu por acaso, conta Márcia. Em 2010, o casal fez arrumações em casa e decidiu doar 600 títulos de sua estante. Bateu à porta de dezenas de bibliotecas e escolas em Teresópolis, e o acervo foi rejeitado por todas. A dupla resolveu, então inspirar-se no conceito do *bookcrossing* (em que um livro é “esquecido” em local público).

- Pensei em deixá-los numa praça, numa banquinha, mas desisti porque podia chover, e eles se estragariam – recorda.

(Jornal *O Globo*, 23-6-2013)

O primeiro rótulo em destaque é do tipo prospectivo e avaliativo, por meio dele, o autor rotula “o dono de uma farmácia” e “uma Ong no Morro dos Macacos”, emitindo um juízo de valor. Além disso, abre-se, no discurso, um novo estágio, por

meio de um movimento catafórico. Já o outro rótulo é retrospectivo e metalinguístico, pois não há uma avaliação, tem-se apenas o resumo do assunto do texto em um único sintagma.

Cabe ressaltar que os procedimentos para se estabelecer a rotulação, para efeito didático, serão apresentados e exemplificados no decorrer da análise dos *corpora*.

É necessário ainda frisar que as denominações atribuídas aos mecanismos coesivos variam de autor para autor. O Professor Agostinho Dias Carneiro (2001), atribui a denominação *estratégias de repetição* e divide os mecanismos em três tipos básicos, a saber: substituição, alteração e omissão. De acordo com o autor, a substituição consiste em “um processo em que a primeira ocorrência de um vocábulo é substituída por outro vocábulo ou expressão que passa a atuar como equivalente textual do primeiro.” (CARNEIRO, 2001, p. 128). A substituição pode ocorrer de maneira que o termo substituto nada acrescenta ao termo substituído ou acrescentar novas informações. Pertencem à substituição os processos de pronominalização, uso de sinônimos ou quase sinônimos, uso de hiperônimos, emprego de termos resumitivos, utilização de símbolos, emprego de termos referentes e emprego de uma característica ou qualificação do termo antecedente.

Já as estratégias de alteração “correspondem àqueles processos em que a segunda ocorrência do vocábulo revela uma modificação na forma do termo inicial, ora por alterações na flexão, ora por meio de derivações, ora por expansões ou reduções.” (CARNEIRO, 2001, p. 130). Pertencem à alteração os processos de nominalização, emprego de termos cognatos, redução e ampliação.

Por fim a estratégia de omissão, mais conhecida como elipse, representa um apagamento do antecedente na sua segunda ocorrência.

Antunes (2005, p. 97) atribui às formas remissivas lexicais o procedimento da substituição que, segundo ela, “supõe um ato de interpretação, de análise, com o objetivo de se avaliar a adequação do termo substituidor quanto ao que se pretende conseguir”.

Já Fávero (2002) afirma que

a substituição se dá quando um componente é retomado ou precedido por uma *pro-forma* (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui). (FÁVERO, 2002, p. 19)

É importante lembrar que a construção de um texto coeso e coerente se faz no processo de interação entre autor e leitor imersos em um contexto social e cultural e que os sentidos estão sempre se ressignificando.

A motivação que prevalece para a escolha das palavras em um texto é, portanto, de ordem sociocognitiva, quer dizer, está presa aos sentidos e aos propósitos que partilhamos em cada situação de interação. Escolhemos as palavras conforme elas nos pareçam adequadas para expressarem o que queremos dizer e fazer com elas. (ANTUNES, 2005, p. 126).

E, “para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas, mas, e principalmente, as de conexão conceitual-cognitiva.” (FÁVERO, 2002, p. 75).

2.1 Formas remissivas e o conceito de objeto de discurso

Ao estabelecer as retomadas dentro de um texto, seu produtor imprime afinidades com o assunto sobre o qual está escrevendo. Essas afinidades podem ser percebidas não somente pelos itens lexicais, empregados em substituição ao referente, mas também por outros elementos presentes no cotexto. Na introdução de um assunto no texto, cria-se o que será denominado objeto de discurso.

Entenda-se como objetos de discurso “entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação.” (SOUZA, 2010, p. 45). De acordo com essa autora,

é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. (SOUZA, 2010, p. 45).

Dito de outra forma, os objetos de discurso não se concebem fora do discurso nem refletem a realidade por meio de processos cognitivos, eles se constroem na interação do sujeito com o meio social e cultural.

O texto *Feijoada à minha moda*, apresentado no subcapítulo 1.2, é uma receita (poética), de Vinícius de Moraes cujo tema versa sobre o como fazer uma feijoada. Os trechos em que seguem apresentam algumas expressões em

destaque que mostram como se dá o processo de transformação do objeto do discurso.

(...)
 (Melhor do que nunca!) este poeta
 Segundo manda a boa ética
 Envia-lhe a receita (poética)
 De sua **feijoada completa**.

(...)
 Em atenção ao adiantado
 Da hora em que abrimos o olho
O feijão deve, já catado
 Nos esperar, feliz, de molho.
 E a cozinheira, por respeito
 À nossa mestria na arte
 Já deve ter tacado peito
 E preparado e posto à parte

(...)
 Uma vez cozido **o feijão**
 (Umas quatro horas, fogo médio)
 Nós, bocejando o nosso tédio
 Nos chegaremos ao fogão

E em elegante curvatura:
 Um pé adiante e o braço às costas
 Provaremos **a rica negrura**
 Por onde devem boiar postas

E - atenção! - segredo modesto
 Mas meu, no tocante **à feijoada**:
 Uma língua fresca pelada
 Posta a cozer com todo o resto.

Feito o quê, retire-se **caroço**
 Bastante, que bem amassado
 Junta-se ao belo refogado
 De modo a ter-se um molho grosso

(...)
 Só na última cozedura
 Para levar à mesa, deixa-se
 Cair um pouco da gordura
 Da linguiça **na iguaria** - e mexa-se.

Que prazer mais um corpo pede
 Após comido **um tal feijão**?
 - Evidentemente uma rede
 E um gato para passar a mão...

Os termos em destaque referem-se às formas remissivas que foram empregadas para se referir ao objeto de discurso feijoada. As primeiras formas lexicais correspondem a uma anáfora associativa. Trata-se de um termo que está associado a um referente do cotexto, neste caso à feijoada. O mesmo ocorre com o

emprego do vocábulo *caroço*, que, apesar de estar sendo introduzido pela primeira vez na superfície textual, faz remissão ao feijão. Esses termos, no entanto, estão presentes no cotexto e, por isso fazem parte da superfície intratextual, o objeto de discurso vai além dessa superfície, sua construção se utiliza de elementos extratextuais e se produz na interface das duas superfícies.

Através dos sintagmas *rica negrura* e *a iguaria* há a transmissão para o leitor de impressões do autor acerca da feijoada, atribuindo-a grande importância. Essa excelência conferida à feijoada aparece em outros momentos da receita, como por exemplo, “*E a cozinheira, por respeito(...)*”, “*À nossa mestria na arte*”, “*De feijão a sempre evitar/Qualquer contato mais...vulgar(...)*”, “*E em elegante curvatura: Um pé adiante e o braço às costas*”. Nesses momentos do texto o poeta trata a feijoada como uma celebridade que merece respeito, tanto da parte de quem escreve a receita quanto da parte de quem mais dirigir-se à feijoada.

As inferências construídas pelo leitor acerca da opinião do autor sobre a feijoada somente são possíveis no discurso, nele e através dele, “o referente é construído e recortado pela dimensão perceptivo-cognitiva e subjetiva que se cria no universo-textual”. (SOUZA, 2010, p. 44). A linguagem carregada de subjetividade escolhida pelo autor traz significados que só são capazes de se formar no e pelo discurso.

O texto que segue abaixo irá elucidar o funcionamento de algumas formas remissivas, operando em retomadas e na construção dos objetos do discurso.

As múltiplas faces da palavra

Alguma vez você já se perguntou se o animal pensa? Por exemplo, o seu cachorro: você bem percebe que ele sente – medo, afeto, raiva – e que também demonstra inteligência, tanto que aprende um mundo de coisas que você lhe ensina. Mas, embora abane o rabo, ameaça com grunhidos e entenda suas ordens, ele não fala! Diferentemente dos animais, nós falamos: com a ajuda dos adultos, desde cedo recebemos o presente da palavra. Pronunciamos primeiro alguns termos, depois construímos frases e lentamente aprendemos a pensar! De fato, a palavra é a “roupa do pensamento”: sem ela, o mundo seria um amontoado de sensações inexprimíveis e impulsos incontrolados.

É bem verdade que, ainda pequeno, você imitava os adultos, mas com o tempo foi adquirindo seu estilo próprio de falar e, portanto, de pensar. Por isso é preciso tratar com carinho esta ferramenta fantástica que é a palavra, o “Abre-te, Sésamo” que lhe permite entrar, não na caverna de Ali Babá, mas em uma realidade mais rica: a de tornar-se cada vez mais humano pela palavra!

(...) (ARANHA, 2007, p. 7-8)

Nesse texto, há uma mistura de empregos de formas remissivas, os termos em destaque exemplificam formas remissivas lexicais e formas remissivas gramaticais presas. Ambas estarão presentes no *corpus* desta pesquisa e foram elencadas por apresentarem expressividade significativa para a análise dos dados.

Os primeiros termos em destaque compõem as formas remissivas lexicais e entram no grupo de hiperônimos ou indicadores de classe, o termo o seu cachorro retoma animal, porém de uma forma mais específica. Já a expressão o rabo é uma anáfora indireta, que, apesar de ter sido introduzida pela primeira vez no texto está acompanhada do artigo definido, pois relaciona-se com animal e cachorro. O emprego do artigo definido se repete em outros dois sintagmas: *a palavra* e *a roupa do pensamento*; em ambos, o artigo, apesar de ser definido faz referência pela primeira vez ao termo, seu emprego, neste caso refere-se a um objeto do discurso que faz parte do conhecimento compartilhado entre autor e leitor.

O último sintagma em destaque é acompanhado de um pronome demonstrativo, uma forma gramatical presa, e de um modificador – fantástica – nesse caso, mais que a remissão de um termo há uma forma de recategorizar o objeto do discurso, operando uma avaliação por parte do autor.

2.2 Formas remissivas e o processo de referenciação: aspectos cognitivos, sociais e interacionais

Para definir e possibilitar ao leitor deste trabalho melhor compreensão do conceito de **referenciação**, cabe traçar um diálogo com o poema que segue:

O leitor e a poesia

Poesia
não é o que o autor nomeia,
é o que o leitor incendeia.

Não é o que o autor pavoneia,
é o que o leitor colha à colmeia.

Não é o ouro na veia,
é o que vem na bateia.

Poesia
não é o que o autor dá na ceia,
mas o que o leitor banqueteia.

(Affonso Romano de Sant'Anna)

A definição de poesia construída por Affonso Romano de Sant'Anna, no texto acima, é extensiva à tessitura dos processos de referenciação de um enunciado. Ao lançar mão de mecanismos coesivos, o produtor de um texto constrói um dos sentidos possíveis. Este, por sua vez, não é único e fechado, pois à referenciação subjaz uma atividade discursiva da qual fazem parte sujeitos ativos que, a todo momento, constroem e (re)constróem sentidos cujo conteúdo nunca é fechado, está sempre aberto, sujeito a novas ressignificações.

A referenciação está inserida em um conceito de língua muito distinto do de **referência**. A referência vê a representação das coisas como um reflexo perfeito, em que a correspondência entre as palavras e as coisas é a cópia fiel do real. Nessa visão, há uma perfeita correspondência entre as palavras e seu significado, este está pronto e é inerente àquelas.

Segundo Travaglia (2009, p. 22), o conceito de referência está inserido em

um sistema de funcionamento interno da língua que vê o indivíduo falante afastado do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda, segundo uma perspectiva formalista – que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua – e que a separa do homem no seu contexto social.

Dessa forma, não há interação entre autor e leitor; os sentidos estão prontos e são imutáveis; cabe ao interlocutor, apenas, aceitar a mensagem pronta. Na referência, os referentes rotulam o mundo real, são representações inquestionáveis da realidade.

Na referenciação, o autor, como o produtor do texto, apresenta um projeto de compreensão, porém, ao lançá-lo ao leitor, este, com o seu conhecimento de mundo, interpreta, através do léxico, preenche lacunas e constrói um sentido que lhe parece coerente. No estabelecimento da mensagem, há uma via de mão dupla em que emissor e receptor interagem dentro de um propósito comunicativo, a todo momento (re)construindo sentidos.

Ao entrar em contato com o texto, autor e leitor ativam modelos mentais que foram sendo construídos ao longo de suas vidas. Esse processo dá-se internamente, de forma distinta dos processos social e interacional. Teun A. Van Dijk

(2012, p. 92) postula que “uma das muitas propriedades fundamentais dos modelos mentais é serem únicos e subjetivos.”. Segundo o autor, “os modelos mentais incorporam necessariamente elementos pessoais que tornam únicas todas as produções e interpretações – e portanto tornam possível o mal-entendido – mesmo quando eles têm muitos elementos socialmente compartilhados.”. (VAN DIJK: 2012, p.92).

De acordo com Mônica Cavalcante, “a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.” (CAVALCANTE, 2012, p.112).

De acordo com Van Dijk, “a compreensão não se constitui em uma simples construção passiva de uma representação do objeto verbal, mas parte de um processo interacional no qual o ouvinte ativamente interpreta as ações do locutor.” (VAN DIJK, 2004, p. 19).

O autor supracitado, com base na suposição de que uma pessoa tenha sido testemunha de um acidente de carro, analisa os pressupostos envolvidos no processamento de informações verbais ou visuais. Os pressupostos foram designados **cognitivos** e **contextuais**. Deste fazem parte o **social**, o **pragmático**, o **interacionista** e o **situacional**; daquele fazem parte o **construtivista**, o **interpretativo**, o **on-line** e o **estratégico**.

A partir do momento em que o falante capta informações linguísticas e visuais, constrói representações mentais. A essa construção dá-se o nome de **pressuposto construtivista**. Logo, entra em jogo o **pressuposto interpretativo**, cujo objetivo é a interpretação dos acontecimentos e do enunciado.

A compreensão das informações ocorre simultaneamente ao processamento de informações, de maneira gradual. Esse mecanismo dá origem ao **pressuposto on-line**.

Por fim, no momento da comunicação, as pessoas irão escolher a melhor forma de utilizar as informações para que estas sejam processadas em diversas e possíveis ordens. A esse mecanismo dá-se o nome de **pressuposto estratégico**.

Nos pressupostos contextuais, as palavras “não serão simplesmente consideradas e compreendidas *“in vácuo”*, mas como partes de situações ou contextos sociais mais complexos.” (VAN DIJK, 2004, p. 15) . É por esse motivo que

se deve considerar o contexto em que tais palavras estão inseridas, observando os pressupostos envolvidos no mesmo.

O primeiro desses pressupostos é o da **funcionalidade** (social), pois “o modelo cognitivo deverá dar conta do fato de que o discurso e a compreensão do mesmo são processos funcionais dentro do contexto social”. (VAN DIJK, 2004, p. 17)

As situações e acontecimentos são informados com base em um **pressuposto pragmático** com o intuito de afirmar algo ou prevenir o ouvinte com respeito a alguma coisa.

A compreensão e interpretação de informações processadas só serão eficazes se houver uma interação entre os participantes do discurso (pressuposto interacionista), dando a contribuição para o estabelecimento da coerência através de seus conhecimentos partilhados.

E finalmente, faz-se necessário haver um **pressuposto situacional**, ou melhor, a adequação ao contexto situacional. É de extrema importância dar atenção à *variação diafásica*. “A interpretação do sentido e as funções de uma estória, quando contadas para nossos amigos em contexto informais, serão diferentes daquelas contadas por uma testemunha em um fórum durante um julgamento.”(VAN DIJK, 2004, p. 14-19).

O conceito de língua que existia na década de setenta apresentava uma visão passiva do receptor das mensagens. A concepção sociointeracionista da linguagem vai trabalhar com sujeitos ativos; para ela não há texto incoerente, os sentidos serão construídos através da interação com o produtor/leitor em um dado contexto.

O processo sociointeracional tem seu início a partir do momento em que o indivíduo é considerado um ser social que tem conhecimento das coisas do mundo e interage com elas. Para Koch & Elias,

os referentes participantes do processo de referenciação não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. (KOCH; ELIAS, 2011,134).

Toda bagagem mental tem sua construção a partir da inserção dos sujeitos no contexto social bem como sua interação com o mundo. Em vista disso, Cavalcante propõe uma conceituação do processo de referenciação:

o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s).” (CAVALCANTE, 2012, 113)

Koch (2011, p. 134) afirma ser a referenciação uma atividade discursiva e a analisa sob o ponto de vista da produção escrita dizendo que “o escritor opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com o seu projeto de dizer.”.

2.3 Formas remissivas e funções textual-discursivas

Nesta parte da pesquisa, far-se-á um estudo mais aprofundado do emprego das formas remissivas nos gêneros em estudo bem como suas funções discursivas a partir do processo de retextualização.

Antes de passar à análise das funções das formas remissivas construídas a partir do e no discurso, cabe ressaltar que parte dessas funções foi postulada pela professora Maria Teresa Tedesco Vilarde Abreu (2002), em sua tese de Doutorado em Linguística, intitulada “*O processo de referenciação e a construção do texto-argumentativo*” cujo propósito maior era “*analisar a produção escrita de alunos em situação de concurso para ingresso em uma Universidade pública*”. Nesse trabalho, Abreu estabelece cinco funções discursivas, tomando como base os estudos de Koch (1999, 2002), a saber: **introdutor**, **recategorizador**, **recategorizador avaliativo**, **manutenção do referente** e **retomada**.

A função de **introdutor** consiste na primeira ocorrência do referente na enunciação, ou seja, consiste no termo que inicia a cadeia referencial.

A função de **recategorizador** seria uma menção do referente cujo conteúdo mantém o sentido básico, entretanto por meio de um item lexical distinto. Esta função tem continuidade na seguinte, **recategorizador avaliativo**, nesta, o item lexical emite um juízo de valor por parte do produtor, podendo ser por termos meliorativos ou depreciativos. Deve-se enfatizar que o uso desse último recurso exerce importante papel na construção do projeto de dizer dos autores dos textos

acadêmicos. Ele dá um direcionamento argumentativo e reconstrói os sentidos dos referentes.

Na **manutenção do referente**, tem-se a continuidade do mesmo item lexical que indica o referente. Neste caso, a retomada é feita por reiteração do referente.

A última função exerce a **retomada** de um item lexical quando os elementos dentro da cadeia de referenciação não são itens subsequentes.

Para melhor entendimento do leitor, essas funções serão exemplificadas a seguir por meio de um trecho da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Cada uma das funções será representada por uma cor: **introdutor**, **manutenção do referente**, **recategorizador**, **retomada** e **recategorizador avaliativo**, para, em seguida, receber os devidos comentários sobre suas finalidades no texto.

Na planície avermelhada **os juazeiros** alargavam duas manchas verdes. **Os infelizes** tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. (...) **A folhagem dos juazeiros** apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, **sinhá Vitória** com **o filho mais novo** escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, **Fabiano sombrio**, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. **O menino mais velho** e **a cachorra Baleia** iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

Anda, **condenado do diabo**, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas **o pequeno** esperneou acuado depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo.

— Anda, **excomungado**.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação **da criança** irritava-o. Certamente **esse obstáculo miúdo** não era culpado, mas dificultava a marcha, e **o vaqueiro** precisava chegar, não sabia onde... (RAMOS, 1986, p. 9-10).

Ocorrem, nesse trecho, dois termos com função de introdutores: *Os juazeiros*, que irão compor o ambiente da narrativa e são uma ponta de esperança para a família de retirantes sertanejos prosseguirem sua marcha. O outro introdutor é designado pelo sintagma nominal *Os infelizes*, cujo núcleo carrega um valor negativo, valor esse que irá se justificar no desenrolar da narrativa por meio das recategorizações.

Há uma manutenção do referente com o termo *A folhagem dos juazeiros*, que, através de uma metonímia mantém o foco no ambiente.

Após as recategorizações *dos infelizes*, há uma retomada *dos juazeiros*, esta responde pelo início do choro do menino mais velho. Por fim, as recategorizações avaliativas fazem parte do mesmo campo semântico de *infelizes*, atribuindo valor depreciativo à figura do menino mais velho.

Além dessas funções, postuladas por Abreu, o estudo dos gêneros resenha crítica e resumo revelou a necessidade de criação de outras duas funções discursivas, cujo papel será exemplificado por meio de uma resenha crítica, são elas, de **interlocutor** ou **dialógica** e de **organizador**.

A função de **interlocutor** ou **dialógica** aproxima-se da função denominada por Cavalcante (2012) de **convite para uma ativação na memória**. Segundo essa autora, consiste numa estratégia de apelar para a memória do interlocutor, que precisa preencher a imagem do texto com as próprias experiências, (...). (CAVALCANTE, 2012, p. 138-139) preocupa-se com a manutenção do contato entre autor e leitor. No *corpus* em análise esse mecanismo ocorrerá por meio de inferências ou quando o determinante corresponder a artigos definidos sem que se retome uma entidade ancorada.

Nos *corpora* analisados, essa função, na maioria das vezes, manteve-se atrelada ao contexto de produção e, por vezes, a credibilidade posta no conhecimento enciclopédico do leitor por parte do autor deixou lacunas no texto, as quais ficaram por ser preenchidas pelo seu interlocutor. Além disso, é frequente a ocorrência de transgressões ao contrato de comunicação do gênero vigente.

De acordo com Michel Charolles (1978)⁸, “a incoerência ou a esquisitice de certos textos de alunos provém, às vezes, do fato de que algumas inferências que supomos poderem se efetuar legitimamente não são assumidas (...)”. (CHAROLLES, 1978, p.56).

Marcuschi, na obra “*Produção textual, Análise de Gêneros e compreensão*”, comenta acerca das teorias do paradigma da inferência.

Acredita-se que a capacidade inferencial é mais ou menos natural e intuitiva. Seguramente, nem tudo é assim e, mais do que isso, a compreensão, mesmo sendo em boa medida uma atividade inferencial em que os conhecimentos partilhados vão exercer uma boa dose de influência, seria ingênuo acreditar que isso se dá de maneira não problemática, pois o mal-entendido é um fato. Um desafio no paradigma inferencial é explicar a suposição de expectativa de partilhamento de conhecimentos. (MARCUSCHI, 2008, p. 238).

⁸ Artigo intitulado *Introdução aos problemas da coerência dos textos (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas)*. Publicado em *Langue Française*, nº 38, Larousse, Paris, 1978.

Por fim, a função de **organizador** propõe a progressão do texto, nela, ocorre a apresentação dos dados provenientes do texto-fonte, atribuindo linearidade às informações. Há um comprometimento, por parte do produtor da resenha ou do resumo, com a localização das informações do texto-fonte e também de situar o leitor.

O trecho da resenha crítica que segue exemplificará tal função:

Graciliano Ramos foi o maior representante do neorrealismo nordestino um dos maiores movimentos da 2ª fase do modernista. **Em *vidas Secas*** ele aborda todos os temas envolvidos nesse congresso, a seca, a fome, a miséria etc. Fazendo da obra uma das maiores críticas regionais da época.

O 1º capítulo “Mudança” e **o último** “Fuga” sugerem um ciclo que nunca tem fim. O destino da família é comandado pela seca, eles nunca se fixam em um lugar. Sempre passarão pelo momento da “fuga” imposta tanto pela seca quanto pelas dívidas que constroem ao longo do período que ficam nas terras de outras pessoas, sendo assim obrigados a passar por outra mudança.

Nos capítulos do livro, Graciliano Ramos, ao utilizar um método de escrever que rompia com a linearidade temporal, nos dá uma autonomia que permite, até mesmo, a leitura de cada um dos capítulos de forma independente. A obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O modo como Graciliano Ramos retrata, desde o título até a desumanização que a seca causa aos personagens, a miséria causada pela seca e a miséria imposta pela influência social percebida na exploração dos donos de terra da região nos mostram características pertencentes a 2ª fase modernista que procurava expor a realidade vivida pela época de uma forma mais realista misturando a temática cotidiana com o momento histórico social, características evidentes na obra. Apesar de um livro antigo, o que Graciliano Ramos retrata é uma realidade presente nos dias de hoje, de pessoas que são castigadas pela seca nordestina, fazendo do livro um meio de nos aproximar da realidade de muitas pessoas do mundo em que vivemos. (...)

<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Critica-Do-Livro-Vidas-Secas/258384.html>

Na maioria das vezes, a função organizadora compromete-se com a transmissão de informações na mesma sequência de ocorrência do texto-fonte. Isso ajuda a manter uma ordem na passagem da mensagem presente nesse texto-base. No exemplo acima, o autor localiza para o leitor as informações de acordo com os capítulos do livro *Vidas Secas*.

Ainda no trecho da obra *Vidas Secas* é possível perceber a função de interlocutor, quando se refere a um momento da narrativa em que o leitor precisa, por meio de inferências, chegar a certas conclusões. Segue o trecho:

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Percebe-se a introdução de elementos novos no texto por meio do artigo definido “o aió”, “a cuia”, “o cinturão” e “a espingarda”, o leitor para atribuir significado a esses elementos precisa construir mentalmente o universo dos sertanejos. Já com o sintagma “o pai”, constrói-se a partir das atitudes realizadas pela personagem Fabiano ao longo da narrativa, funcionando como pistas para que o leitor complete essa lacuna.

Nos resumos, essa função foi recorrente. Isso se deve ao fato de seu produtor mostrar-se, constantemente preso a um contexto de produção cujo interlocutor vigente é apenas um, nesse caso, a professora que sugeriu tal prática textual.

3 METODOLOGIA

O método de pesquisa a ser desenvolvido perpassa dois momentos distintos que foram se concretizando simultaneamente: um deles volta-se para a escolha do objeto de análise, bem como o modo como esse objeto será analisado. O outro, diz respeito à metodologia assumida pela regente das turmas da graduação, as quais foram acompanhadas para a coleta dos *corpora*.

3.1 A escolha do objeto de análise

Em um primeiro momento, pensou-se na possibilidade do estudo de textos eminentemente argumentativos, pertencentes ao gênero artigo de opinião, no entanto, ao iniciar o acompanhamento das turmas da graduação, verificou-se que os alunos não produziram, naquele período, determinado gênero. O modo argumentativo de organização do discurso é mais explorado na disciplina Práticas de Produção Textual I, matéria cursada pelos alunos no semestre precedente. Àquele momento, a disciplina em questão destinara-se ao aprendizado de técnicas de produção de gêneros como fichamento, resenha crítica e resumo.

No primeiro dia do acompanhamento das aulas, foi distribuído um questionário (cf anexo A) cujo propósito maior era saber as perspectivas em relação às aulas de Prática de Produção Textual e se os alunos tinham recebido, em algum momento da vida escolar, ensinamentos acerca dos gêneros resenha e resumo, gêneros estes escolhidos para a pesquisa. A maioria dos alunos respondeu que jamais tinha visto esses gêneros e alguns poucos alunos responderam que haviam estudado sobre o assunto apenas superficialmente. Seguem algumas perguntas do questionário com as respostas dos alunos:

Pergunta1: Nos Ensinos fundamental e Médio, você recebeu alguma orientação no que tange à produção de textos como resenha crítica e resumo? Com que frequência?

Respostas: - Não conhecia resenha e resumo. (aluno 1).

- Tive um conhecimento breve sobre resenha e resumo. (aluno 2).

- Antes de ingressar na universidade não tive uma aula específica sobre resenha e resumo. (aluno 3).

- Nunca vi nada sobre resenha ou resumo antes da faculdade. (aluno 4).

Pergunta3: Quais as suas expectativas em relação às aulas de PPT?

Respostas: - Desenvolver a escrita em diversos gêneros textuais. (aluno 1).

- Expandir meus conhecimentos em relação à produção textual e também aos gêneros textuais. (aluno 2)

- Não simplesmente escrever, e sim aprender a organização de ideias como passar para o papel e como desenvolver o tema. (aluno 3).

- Que essas aulas possam ampliar a capacidade de escrita, se desagregando dos modelos clássicos e capacitando-me para o reconhecimento e intimidade com diversos tipos de textos. (aluno 4).

Ao observar as respostas relacionadas à pergunta de número três, percebe-se, principalmente nas duas primeiras respostas, que os alunos concebem o ato de escrever de forma desconexa dos gêneros textuais. Eles veem o gênero como algo a aprender, quando na verdade, a partir do momento em que eles se comunicam, essa comunicação é realizada dentro de um gênero exigido por uma determinada esfera social. O desconhecimento acerca do que de fato seja gênero irá se comprovar à medida que alguns alunos pecam ao se referir ao texto-fonte, classificando-o como artigo quando na verdade tratava-se de uma crônica ou um artigo que eles classificam como anúncio. Constata-se também a preocupação em conseguir dizer através de uma escrita coerente e organizada e, na resposta do quarto aluno, observa-se uma necessidade de conhecer algo novo em relação à produção textual e o esclarecimento quanto ao que venha a ser tipos e gêneros textuais, pois certamente, ao dizer “intimidade com diversos tipos de textos” entende-se tipos como gêneros.

Além dessas informações, havia, no questionário, perguntas para saber o contexto social do qual os alunos da turma eram provenientes. Assim, constatou-se que eles eram moradores de bairros muito distintos, da Zona Sul à Baixada Fluminense, o que pressupõe formações e culturas também bastante distintas, além de um legado de conhecimento de mundo muito amplo.

As produções foram recolhidas em um período de dois anos: 2011 e 2013, em turmas de graduação do curso de letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em períodos iniciais (segundo período da disciplina de Práticas de produção textual II), ministrada pela Professora Tânia Câmara.

Inicialmente, o *corpus* era composto apenas por 31 produções, as quais eram direcionadas para a análise depois de corrigidas pela professora regente da turma,

ou seja, depois que os alunos as recebiam para verificação do conceito atribuído, elas retornavam para efeito de análise desta tese. Essa dinâmica, porém, não foi eficaz, na medida em que muitos dos alunos não devolviam suas redações para análise, fazendo com que o *corpus* não alcançasse um quantitativo significativo de textos.

Nessas condições, verificou-se a necessidade de aumentar o quantitativo de textos e se optou pelo acompanhamento de uma outra turma em um outro ano. Durante este último acompanhamento, recolheram-se 64 redações, totalizando 95 ao final, dentre as quais foram selecionadas 52 para o estudo.

O primeiro critério de escolha foi optar por redações cujos conteúdos apresentavam maior dificuldade na compreensão do texto-fonte e, por isso, ao retomá-lo, demonstravam-se infiéis às informações contidas nesse. Em seguida, optou-se por observar as formas remissivas mais empregadas e, por fim, elencaram-se aquelas que apresentaram maior incidência da função discursiva recategorização avaliativa, a fim de verificar a orientação argumentativa na construção dos sentidos do novo texto.

Na exposição de todas as aulas acompanhadas, verificou-se, por parte da professora regente, uma preocupação em ensinar aos alunos os gêneros propostos de modo sistemático e didático. A teoria era apresentada e, em seguida a prática concretizada a partir de propostas de produção do gênero visado. Em alguns momentos, a correção do texto era feita e o aluno tinha a oportunidade de reescrevê-lo e, a partir dessa segunda produção, ter-se-ia um conceito.

Apesar de ter havido comunhão entre teoria e prática dos gêneros propostos, os alunos pecaram no cumprimento do contrato de comunicação dos gêneros, principalmente, não deixando claro para seu provável leitor informações importantes acerca do texto-fonte. Essa transgressão, deve-se, em parte, a uma necessidade de criação de ambientes reais de produção bem como a consideração de veículos de circulação dos textos produzidos. A ausência desses requisitos, muitas vezes, irá acarretar desconstruções de sentidos dos textos que serviram de base para a elaboração das resenhas e dos resumos.

3.2 As propostas de produção dos textos acadêmicos e os textos-fonte

A pesquisa em torno das produções textuais de alunos em períodos iniciais da graduação far-se-á com base na análise de processos de RETEXTUALIZAÇÃO e de FORMAS REMISSIVAS presentes nas resenhas críticas e nos resumos, com os propósitos de observar a maneira como os sentidos do texto-fonte (des)constróem-se e de descrever as dificuldades apresentadas pelos alunos na produção de gêneros da esfera acadêmica, além de propor novas funções discursivas de certos mecanismos coesivos.

Para observação das remissões e delimitação das mesmas, em ambos os gêneros, fez-se necessário elencar tópicos discursivos. Entendem-se, aqui, tópicos como os assuntos abordados pelo texto-fonte. Escolheu-se, o(s) mais importante(s) do texto retextualizado para o encaminhamento argumentativo. Isso refletiu na escolha da função introdutora no discurso, ou seja, nem todos os introdutores de referentes do discurso foram elencados, apenas os responsáveis pela construção do posicionamento do autor, nas resenhas e, nos resumos, os tópicos mais fiéis ao texto-fonte.

Nos resumos, os alunos deveriam demonstrar uma maior preocupação com o texto-base, dada a necessidade de o produtor do texto estar constantemente preso à fonte para cumprir as exigências do propósito comunicativo desse gênero. Para tanto, observou-se a existência ou não de manutenção das mensagens contidas do texto-fonte. Levou-se, também em consideração, a forma como os tópicos eram retomados, a escolha dos determinantes e modificadores que acompanhavam as substituições lexicais e adequação ao gênero em questão.

Com base nessa metodologia, delinearam-se as funções discursivas presentes na construção desses gêneros, definindo o projeto de dizer do aluno ao optar por determinadas formas remissivas.

Todo o material que compõe o *corpus* foi produzido a partir de quatro textos-base, a saber. O primeiro é uma crônica intitulada *Versões*, do autor Luís Fernando Veríssimo, nela o autor apresenta diferentes versões do conto infantil *A princesa e o sapo*, focando as mudanças por que passou a princesa, moldando-a ao contexto situacional de cada momento histórico. A partir desse texto foram produzidas resenhas críticas.

O segundo texto com o título *Os Sebos*, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, também pertence ao gênero crônica e deu origem às últimas vinte resenhas

selecionadas. Essa crônica aborda a mudança de papel dos sebos na sociedade atual, em que viraram grandes livrarias.

Os dois últimos textos-fonte deram origem aos resumos e ambos foram publicados em jornais, são artigos que versam sobre um tema muito específico. O primeiro deles, intitulado *Cursos de oratória aumentam o poder de persuasão*, publicado no jornal O Globo, fala da importância do poder de persuasão e de sua influência no dia a dia da sociedade. O último texto intitula-se *Presidente ou Presidenta?*, publicado na Folha de São Paulo, trava uma discussão sobre qual seria o termo mais adequado para se referir à atual regente do Brasil.

Com base na análise das retextualizações produzidas a partir desses textos-base serão apresentadas tabelas e gráficos com o número de funções textual-discursivas desenvolvidas pelas formas remissivas. Nessas ilustrações estarão presentes aquelas funções que predominaram nos gêneros em estudo ou que foram criadas a partir deles.

Por fim, cabe ainda destacar que todos os trechos comentados de cada produção serão reproduzidos e identificados de acordo com a letra atribuída no anexo. Cada exemplo destacado versará sobre um assunto relacionado ao emprego das formas remissivas, bem como suas funções discursivas e/ou sobre alguma dificuldade do aluno na produção do gênero. Os resumos serão reproduzidos na íntegra, sem recuo, dentro do corpo do trabalho e em itálico, os trechos comentados serão destacados por negrito e sublinhado, já as resenhas, por serem de maior extensão, reproduzir-se-á, apenas trechos, também em itálico, cujo conteúdo apresenta pontos importantes para a análise. Todos os exemplos comentados serão numerados em ordem crescente, essa ordenação, portanto, não atribui grau de importância aos exemplos, visto que tudo que foi analisado nesta tese tem sua relevância.

4 O GÊNERO RESENHA CRÍTICA: O *ETHOS* DISCURSIVO E A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

Nesta parte da tese, far-se-á uma exposição acerca do gênero resenha crítica, com o propósito de contribuir para a criação de um ensino sistemático e prático da redação de textos acadêmicos. Esta seção preocupa-se também em apresentar as várias definições do conceito de *ethos* e expor o modo como a construção de um *ethos* discursivo contribui para o direcionamento argumentativo no gênero em estudo. Para tanto, serão tecidas considerações acerca das resenhas críticas que compõem o objeto de análise desta tese. O encaminhamento argumentativo será observado com base nas resenhas cujo conteúdo apresentou posicionamentos distintos.

A dificuldade na produção escrita é fortemente marcada na hora de se produzir textos técnicos, pois não há um ensino sistemático desses gêneros apesar da presença constante deles ao longo de toda a vida acadêmica dos alunos. Conforme exposto no livro *Resenha* (2004b, p. 13), coordenado por Anna Rachel Machado, os alunos são cobrados por aquilo que nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria, intuitivamente, com muito esforço. A origem do problema não para por aqui,

Na maioria das vezes, subsiste a crença de que há uma capacidade geral para a escrita, que se bem desenvolvida, nos permitiria produzir de forma adequada textos de qualquer espécie. Outras vezes, acredita-se que o mero ensino da organização global mais comum do gênero seja suficiente para que o aluno chegue a um bom texto.

No livro *Resenha*, há a afirmação de que no início de uma resenha, se encontram informações. Em seguida, os objetivos da obra resenhada. Antes de apontar os comentários do resenhista sobre a obra, é importante apresentar a descrição estrutural da obra resenhada. Isso pode ser feito por capítulos ou agrupamento de capítulos. Depois, encontra-se a apreciação do resenhista sobre a obra. É desejável que haja tanto comentários positivos quanto negativos. Finalmente, a conclusão em que o autor deverá explicitar/reafirmar sua posição sobre a obra resenhada.

Na obra *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*, organizado pelos professores Claudio Cezar Henriques e Darcília Simões (2010, p. 33) os autores definem resenha como

(...) um fichamento mais sofisticado, uma vez que o “recorte” do texto do autor deverá vir acompanhado de comentários do leitor, concordando, discordando, acrescentando dados, baseados noutras experiências de leitura ou participações em sessões de discussão especializadas, etc.

O termo resenha, hodiernamente, na modalidade oral, tem sido empregado como sinônimo de comentários informais feitos acerca de eventos do cotidiano: “A resenha do jogo de futebol foi a seguinte:...” (amigos comentando sobre a última partida de seus times preferidos); ou em chamadas de show “resenhão do pagode” (cartaz de divulgação afixado em muras de uma cidade).

Vale ressaltar que as maiores dificuldades quanto ao aspecto conteúdo, apresentadas na produção de uma resenha crítica, estão em não pressupor que o leitor não tem total conhecimento sobre o texto-fonte, quando, para atender ao propósito comunicativo desse gênero é necessário que seu produtor localize o texto-fonte para o interlocutor, explicitando informações sobre o autor, obra, assunto, etc. Tal fato pode ser observado nas passagens:

Exemplo 1: “*O autor traz a discussão expondo sua opinião sobre como o tempo passa e muitas mudanças ocorrem, (...)*” (anexo T)/ “*Em sua pequena crônica, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, nos mostra o que acontece quando um livro atual encontra-se à venda em um sebo.*” (anexo U)/ “*Na crônica o autor fala de algo que para muitos não tem importância, porém bastante curioso, os sebos.*” (anexo W)./ “*O texto é narrado por um autor formado em Letras que relembra seus tempos de universidade, passeando pelos sebos do centro da cidade.*” (anexo Y). / “*A crônica une passado e futuro, de maneira notável, através da comparação entre os sebos de distintas épocas. (...) O escritor descreve todo o trabalho árduo que tinha para conseguir um tão sonhado exemplar nos sebos. (...) o autor acaba de certa forma, desvalorizando os sebos atuais,*” (anexo AC). “*O texto Os sebos trata sobre a paixão do autor por sebos, (...)*” (anexo AE).

O fato de o aluno-resenhista não levar em consideração que o leitor pode desconhecer o texto-fonte de que fala a resenha é constatado por várias vezes ao longo das resenhas, os exemplos acima comprovam isso; fala-se em texto e em autor sem explicitar de que ou quem se trata.

Apesar de os alunos cometerem essas falhas relacionadas à falta de informações que contextualizem o texto-fonte para o leitor, é preciso destacar que a produção do gênero resenha crítica possibilita a criação de um espaço para que o aluno exponha sua opinião acerca de um assunto desenvolvido no texto-base. Esse momento de posicionamento crítico permite a construção, no texto do educando, de direcionamentos argumentativos emersos de um *ethos* no discurso.

Sobre o conceito de *ethos*, existem várias visões, porém todas convergem para uma constante preocupação em se construir uma imagem credível para um determinado auditório com o fim de persuadi-lo. Na obra *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, de Ruth Amossy (2008, p.18) expõe algumas dessas visões, para, a partir de então, tecer considerações acerca das mesmas.

Para Aristóteles, o *ethos* consiste na imagem de si construída no discurso. Já os romanos consideram-no como um dado preexistente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador.

Segundo Quintiliano, o argumento exposto pela vida de um homem tem mais peso que suas palavras. E Cícero define o bom orador como um homem que une ao caráter moral a capacidade de bem manejar o verbo.

A visão que os romanos têm de *ethos* opõe-se, de certa forma, a de Aristóteles, pois enquanto neste o *ethos* constrói-se no discurso, naqueles, é apresentado pela vida, ou seja, em Aristóteles há a possibilidade de o enunciador representá-lo e assumir um *ethos* que, nem sempre, será real, mas ideal; para os romanos, a possibilidade de representação é nula, o *ethos* é construído no decorrer da vida e independe do auditório.

A partir dessas duas visões, é possível pressupor a existência de dois *ethé*: o real, que se compõe na vida do enunciador, e o ideal, projetado na imagem que se deseja transmitir a um público-alvo.

No livro *A argumentação*, de Christian Plantin (2008, 113-114), o autor descreve de forma didática a teoria de Ducrot em relação aos *ethé*:

O deslocamento da noção de *ethos* que se faz acompanhar de sua naturalização, de acordo com Plantin, o conceito deixa de ser uma categoria da ação discursiva, estratégica, inerente a alguns gêneros ou situações, para se tornar uma categoria descritiva geral, aplicável a toda fala.

Já a autora Joana Vieira Santos, no livro *Linguagem e Comunicação*, propõe a definição do *ethos* com base na retórica, afirmando ele ser “uma argumentação baseada na própria personalidade do orador e na credibilidade enquanto fonte de informações, ideias e opiniões”. (SANTOS, 2011, 235)

Dominique Maingueneau inscreve o *ethos* no quadro da Análise do discurso com o fim de analisá-lo em situações que fogem ao esquema argumentativo, para o autor,

a maneira de dizer autoriza a construção de uma verdadeira imagem de si e, na medida que o locutário se vê obrigado a apreendê-la a partir de diversos índices discursivos ela contribui para o estabelecimento de uma inter-relação entre o locutor e seu parceiro. Participando da eficácia da palavra, a imagem quer causar impacto e suscitar a adesão. (MAINGUENEAU – *apud* AMOSSY, 2008, p. 16-17.).

Com base nesses comentários, percebe-se que, em Análise do discurso, a construção do *ethos* não está apenas no plano da argumentação, mas faz parte da “eficácia da palavra”, para retomar os termos de Maingueneau. Por esse motivo, dentre tantas visões de *ethos*, esta pesquisa segue o conceito de *ethos* proposto pela análise do discurso.

Consoante o dicionário de análise do discurso (2006),

(...) O enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. No entanto, ele não se manifesta somente como um papel e um estatuto, ele se deixa apreender também como uma voz e um corpo. (...). (p.220).

O *ethos* discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários percebem. (p.221).

A partir de o estudo das definições de *ethos*, é possível afirmar que sua construção no discurso está relacionada a um dos objetivos do tipo textual argumentativo e, conseqüentemente, visa à persuasão. Porém, é preciso salientar que há um esquema proposto por Charaudeau que possibilita estender o conceito de *ethos* para outras situações comunicativas que, não necessariamente, visem à argumentação explícita, mas que constituem atos de comunicação e, portanto, têm o fim de transmitir uma mensagem a um destinatário. Por exemplo, um professor que elabora sua aula para expor no primeiro dia do ano letivo ou a preparação de uma fala de um pesquisador a ser apresentada em um congresso.

Os receptores da mensagem a ser passada, tanto pelo professor quanto pelo pesquisador, não correspondem à imagem ideal, construída pelo emissor, ela pode apenas se aproximar por objetivos propostos pelo ato de fala em si: o tema da aula e da palestra, o contexto social e cultural, o ramo da pesquisa, a série do aluno. Existem situações, no entanto, que fogem ao controle do eu-enunciador, como por exemplo, a existência de públicos de faixa etária distinta ou pesquisadores de outras áreas. Nesse momento, entram em exercício os sujeitos da cena enunciativa.

Sob a perspectiva da análise do discurso, Maingueneau (2006) destaca que a construção do *ethos* não é meio para se persuadir, é parte constitutiva da cena enunciativa e esta, por sua vez, comporta três cenas que o autor propõe chamar de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”. A primeira corresponde ao tipo de discurso, confere ao discurso seu estatuto pragmático; a segunda pertence ao contrato associado a um gênero; e a última, por fim, não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto, fazendo com que alguns gêneros se afastem de um modelo pré-estabelecido.

Com o intuito de analisar a construção do *ethos* em situações que fogem ao esquema pré-estabelecido da argumentação, MAINGUENEAU (2006, p. 57) identificou uma série de problemas ligados à caracterização de *ethos*. Segundo o autor, “o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público também constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale.” Esse fato também é citado por SANTOS (2011, p. 235) ao destacar que o maior peso da autoridade do orador “reside no que não é dito, ou seja, em subentendidos construídos em torno da pessoa do orador”, donde se depreende a importância das vestimentas, tom de voz, postura, entre outros aspectos extralinguísticos.

Outro problema previsto por Maingueneau está na possibilidade de existência de dois *ethé*, o discursivo e o prediscursivo; o primeiro corresponde à definição de Aristóteles. O Segundo é caracterizado a partir do surgimento de um discurso para o qual não se espera que o destinatário disponha de representações prévias do *ethos* do locutor. Por oposição, só o fato de um texto pertencer a um gênero do discurso já o encaminha a um *ethos*.

Um outro problema destacado pelo autor advém do processo de elaboração do *ethos*, extraído do material linguístico e do ambiente, articulando verbal e não-verbal, provocando efeitos que estão além daquilo que representa a palavra. O que poderá caracterizar, inclusive, equívocos, pois um *ethos* visado não é, necessariamente, o *ethos* produzido.

Em algumas resenhas analisadas aqui, o *ethos* começa a ser construído no próprio título, esse fato está diretamente relacionado ao direcionamento argumentativo que se faz na tessitura da escrita. Os títulos: “O *capitalismo editorial*”, “*Uma visão melancólica*”, “*Nostalgia*” e “*A depreciação dos sebos*” permitem ao leitor uma prévia do posicionamento do autor, seja ela contra ou a favor à visão do autor

do texto-fonte. Isso permite que o *ethos* comece a ser delineado, em alguns textos, no próprio título.

A partir do estudo das definições de *ethos*, é possível afirmar que a construção deste está relacionada a um dos objetivos do texto argumentativo e, conseqüentemente, visa à persuasão.

Quanto aos objetivos da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50) afirmam que

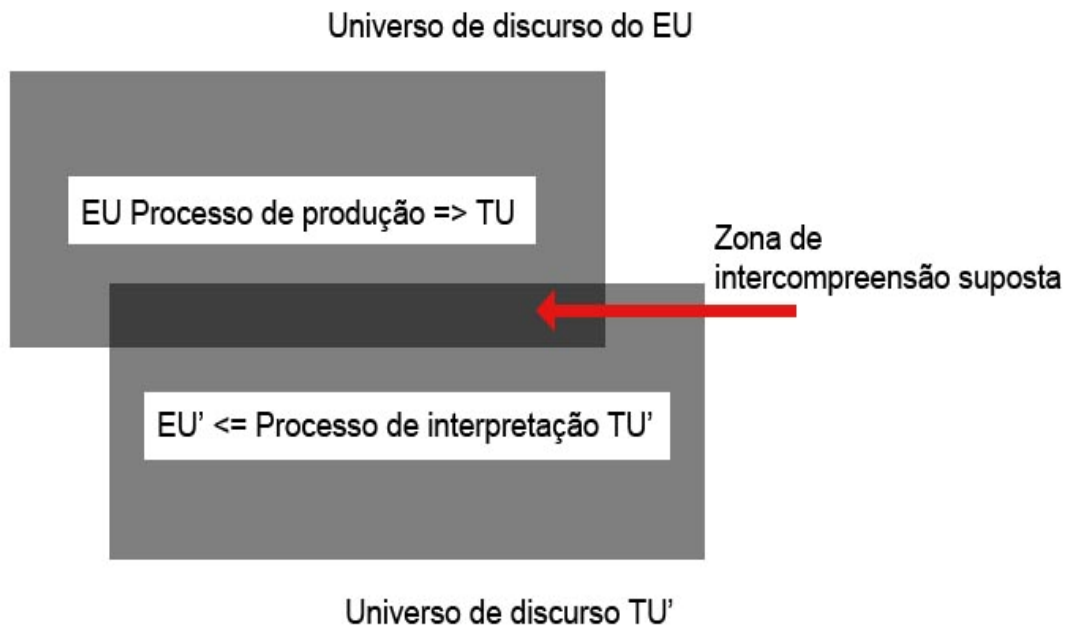
(...) é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

Uma das formas de fazer com que os ouvintes cheguem à adesão de uma determinada tese é baseando-se na construção da imagem de um *ethos* confiável, de bom caráter, compatível com o público-alvo, que fale ao interlocutor o que ele deseja ouvir.

A relação de construção de imagens será exemplificada em Análise do discurso por Charaudeau (2009, p. 44), no livro *Linguagem e discurso*, ao tecer considerações acerca do ato de linguagem o autor cita:

(...) o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um receptor. Tal ato deve ser visto como um encontro dialético entre dois processos: a) processo de produção, criado por um EU e dirigido a um TU-destinatário; b) processo de interpretação, criado por um TU'-interpretante, que constrói uma imagem EU' do locutor.

Na argumentação ou em qualquer outro tipo textual, haverá, na verdade, quatro sujeitos, dois que fazem parte do plano imaginário e dois pertencentes ao plano da realidade. Charaudeau (2009) representa esses sujeitos no esquema abaixo:



De acordo com Charaudeau (2009), o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor (p. 44). Atualmente os participantes de um ato de linguagem são considerados sujeitos ativos, que interagem a todo momento e não recebem passivamente a mensagem que lhe é destinada. No momento da recepção de uma mensagem, o interlocutor a compreende e interpreta, essas atividades são regidas tanto pelo conhecimento de mundo do receptor como pelo contexto social e histórico em que ele se insere.

Consoante a figura apresentada, Charaudeau define os sujeitos participantes do ato de linguagem:

- o TU não é um simples receptor de mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EU.
- Correlativamente, esse TU-interpretante (TU') não é o mesmo que o TU-destinatário (TU) a quem se dirige oEU. Como consequência, o TU', ao fazer sua interpretação, reflete o EU com uma imagem (EU') diferente daquela que o EU acreditava ter.
- Em outras palavras, o EU dirige-se a um TU-destinatário que o EU acredita ser adequado ao seu propósito linguageiro.(CHARAUDEAU, 2009, P. 44).

O ato de linguagem, é, portanto, uma “aposta” que se faz. Segundo Charaudeau, (2009, p. 44) essa “aposta” tem por alvo nosso interlocutor que pode – ou não – interpretar corretamente a mensagem que estamos querendo lhe transmitir. Conseguir transmitir a mensagem tal qual a intenção do emissor é um desafio proposto ao eu-comunicante.

Conforme Oliveira, (2003, p. 28-29),

O Eu-comunicante e o Tu-interpretante são pessoas reais, com identidade psicossocial, ao passo o Eu-enunciador e o Tu-destinatário são entidades do discurso, só tendo existência teórica.

O Eu-comunicante, portanto, é quem fala ou escreve e o Tu-interpretante é quem ouve ou lê (e interpreta) o texto, seja este oral ou escrito. O Tu-destinatário é a imagem que o Eu-comunicante tem do Tu-interpretante, ou seja, é uma hipótese formulada pelo Eu-comunicante sobre quem seja o Tu-interpretante. Ocorre que é a essa “imagem” que o Eu-comunicante se dirige. Se o tu-destinatário coincidir com o Tu-interpretante (se, portanto, a hipótese do Eu-comunicante estiver correta) a comunicação será bem-sucedida. Caso contrário, ela fracassará.

A anedota do alfaiate, citada a seguir, exemplifica a forma como um Eu-comunicante constrói a imagem de um Tu-destinatário e formula a mensagem de acordo com os interesses deste último.

O filho do alfaiate chega para o pai lá no fundo da loja e pergunta:

- O terno marrom encolhe depois de lavado?
 - Por que você quer saber, filho?
 - O freguês é quem quer saber.
 - Ele já experimentou?
 - Já.
 - Ficou largo ou apertado?
 - Largo.
 - Então diz que encolhe.
- (ZIRALDO, 2005, p. 22).

Ao pedir para o filho dizer ao freguês que o terno encolhe, o alfaiate constrói uma imagem de destinatário e formula a mensagem adequada aos interesses do freguês e do vendedor. Caso o terno estivesse apertado, a resposta seria outra: a de que o terno não encolhe.

O esquema apresentado na figura permite estender a visão do *ethos* para outras situações comunicativas que, não necessariamente, visem à argumentação, mas que desejam simplesmente comunicar.

A principal característica de uma resenha crítica é seu aspecto argumentativo, ao longo da análise do *corpus* desta pesquisa percebe-se que, apesar da predominância quantitativa dos tipos textual-discursivos expositivo e narrativo, a argumentação manteve-se presente por seu caráter crítico. Os trechos que seguem demonstram direcionamentos argumentativos opostos. Isso pode ser ratificado pelas recategorizações avaliativas do objeto do discurso.

A resenha crítica, ao mesmo tempo que não apresenta uma preocupação explícita com a persuasão de um público-alvo, tem a preocupação com a seleção do

material linguístico a ser utilizado para um auditório que, neste caso, no contexto de produção, é formado por um único ouvinte: o professor regente da turma.

Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005, p. 40), destacam a opinião dos antigos sobre a primazia da argumentação dirigida a um único ouvinte sobre a dirigida a um vasto auditório, ou melhor, a superioridade da dialética sobre a retórica: “(...) o dialético, que se preocupa, a cada passo de seu raciocínio, com a concordância de seu interlocutor, estaria mais seguro, Segundo Platão, de seguir o caminho da verdade.” .

De acordo com os autores, “o que confere ao diálogo, como gênero filosófico, e à dialética, tal como a concebeu Platão, um alcance eminente não é a adesão efetiva de um interlocutor determinado, mas a adesão de uma personalidade que, seja ela qual for, tem de inclinar-se ante a evidência da verdade (...)” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 40-41).

Para atribuir maior destaque e exemplificar a construção do *ethos* no texto acadêmico, optou-se pela leitura analítica de resenhas críticas do *corpus* desta pesquisa cujos conteúdos delineavam posicionamentos contrários embora tenham sido escritas a partir de um mesmo texto-fonte.

As primeiras resenhas analisadas foram escritas a partir da crônica *Versões*⁹ do escritor Luís Fernando Veríssimo, na qual aborda, com um toque de humor, o conto de fadas *A princesa e o sapo*, adaptando-o aos contextos históricos assumidos ao longo dos anos. O outro grupo de resenhas foi escrito com base em uma outra crônica intitulada *Os Sebos*, de Carlos Eduardo Uchôa, nela, o autor narra as transformações dos sebos com o passar do tempo e compara épocas passadas com o contexto atual.

O primeiro texto analisado intitula-se *A mulher adaptada ao seu tempo*, ele faz parte do grupo de resenhas que foram escritas a partir do texto *Versões*, nessa resenha destacou-se a construção de um *ethos* feminista, com o intuito de convencer o leitor da hipótese de que as mudanças ocorridas com o passar do tempo contribuíram para a independência da mulher, isso pode ser ratificado com a seguinte passagem:

Exemplo 2: “*Não havia de se esperar que a mulher não se moldasse, não se atualizasse, tornando-se, com o passar dos tempos, uma outra mulher, com valores*

⁹ Esta crônica e os demais textos-fonte encontram-se ao final da tese, nos anexos, bem como todas as resenhas críticas e resumos.

e prioridades divergentes dos que possuía antes; uma pessoa à frente de seu tempo, com poder de decisão, principalmente, em relação às suas coisas, à sua própria vida”.(anexo H).

Essa resenha induz o leitor a crer na figura de uma fiador incorporado na imagem da mulher em processo de emancipação, livre e independente. A figura do fiador, para Maingueneau, seria uma caracterização do corpo do enunciador, que não se refere ao corpo do locutor extra-discursivo, o enunciador incorpora uma imagem que não necessariamente equivale ao locutor real.

A adjetivação atribuída à figura feminina de que fala o texto demonstra certa preocupação com a imagem pública construída no discurso e com o destinatário do texto, a mulher **emancipada, diferente, feminista, moderna, à frente de seu tempo, decidida**. Nesse caso, o auditório para quem o orador se dirige não é universal, mas único: a professora que propôs a escritura da resenha, aqui o emissor conhece bem o público-alvo e, por isso constrói uma imagem positiva da mulher atual.

Na segunda resenha escolhida (anexo L), o *ethos* construído é uma figura saudosista que vê na modernidade apenas os aspectos negativos e na passividade e a falta de questionamentos das pessoas uma característica positiva, isso pode ser depreendido no exemplo seguinte:

Exemplo 3: *“Tempo bom, maravilhoso, uma época em que a terra era o próprio paraíso. Nesse período, as pessoas não questionavam, simplesmente acreditavam em contos de fada”.* (anexo L).

Na resenha *A evolução destrói a personalidade* (anexo L) é possível constatar, com base na teoria de Maingueneau, que o *ethos* preestabelecido nem sempre é o mostrado ou produzido, pois nesta resenha há um *ethos* machista que se mascara e o enunciador transfere para o processo de independência da mulher todos os aspectos negativos do progresso, tentando desviar o olhar do leitor para os problemas da modernidade.

Uma das estratégias utilizadas pelo emissor do texto para “disfarçar” o *ethos* machista foi citar a figura feminina de forma indireta, utilizando expressões genéricas como, pessoas, ser humano e indivíduo. É possível perceber, portanto, que essas formas genéricas são relativas à mulher, visto que o texto-fonte para a resenha trata, especificamente, das várias versões assumidas por ela.

Outra estratégia assumida pelo autor da resenha foi citar um longo parágrafo, narrando as consequências negativas da revolução industrial:

Exemplo 4: *“Com novos meios de se produzir as mercadorias, a revolução industrial trouxe consequências notórias, principalmente ao meio ambiente, pois as máquinas que utilizavam o carvão mineral como energia aumentava a poluição do ar, e também vale lembrar que a utilização desse meio de produzir mercadorias em larga escala, mas, em curto prazo, diminuiu o trabalho artesanal, ou seja, o que tinha o total controle de sua produção (patrão), que era feita manualmente, não teve como competir com as máquinas, e com isso, tinha que se sujeitar a ser (empregado) nas fábricas, e estas, com péssimas qualidades de trabalho, e geravam muitas doenças para os trabalhadores. Aqueles que não se submeteram a essas condições ficavam desempregados...”* (anexo L).

Neste mesmo parágrafo, o resenhista atribui até mesmo a feiura do príncipe de uma das versões à falta de saneamento básico dessa época:

Exemplo 5: *“(...) o príncipe, devido às contaminações existentes nesse período, transformou-se em um homem muito feio, pois sem saneamento básico, todos os resíduos eram jogados nos rios”.*

Na conclusão dessa resenha, há a presença de um *ethos* inconformado com o progresso e que atribui à evolução dos tempos o surgimento de um “individualismo egoísta” que deixa o próximo inexistente.

Houve, nesses dois textos, uma argumentação implícita ou, talvez, uma argumentatividade, porém a falta de afirmação de um posicionamento, problema percebido nessa última resenha, possibilita a criação de incompatibilidade de crenças e caráter entre os *ethé* de orador e destinatário-interpretante.

O grupo de resenhas analisado a seguir refere-se ao texto-fonte *Os sebos*, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Esse texto é uma crônica em que o autor traça uma comparação entre os sebos de antigamente e os sebos de hoje, de forma saudosista o autor mostra-se favorável aos tempos antigos, pois vê neles uma maior valorização dos escritores.

Em grande parte das resenhas críticas, analisadas aqui, a figura do *ethos* começa a ser delineada, conforme afirmado anteriormente, ainda no título, isso está diretamente relacionado ao direcionamento argumentativo tecido ao longo do texto. Na resenha intitulada *Uma visão melancólica* (anexo Q), o resenhista constrói um posicionamento favorável à mudança de função dos sebos. Há a construção de um

ethos contra a visão do autor do texto-fonte, os sebos de hoje são vistos como “um lugar onde as pessoas podem acessar todo e qualquer tipo de literatura.”

Exemplo 6: “(...) os livros expostos nos sebos não são apenas aqueles velhos, usados os quais ninguém quer.(...) se tratam de relíquias à espera de um estudante ou bibliófilo necessitado e sedento por adquiri-las.”.(anexo Q).

Há a construção de um *ethos* contra a visão do autor do texto-base. Isso é percebido na seguinte passagem:

Exemplo 7: “Sem dúvida, o episódio de o autor encontrar seus próprios livros no sebo contribui para uma visão negativa deste. Infelizmente o que ele não compreendeu e que talvez fizesse a diferença, foi o fato de que os livros expostos nos sebos não são apenas aqueles velhos, usados, os quais ninguém quer”. (anexo Q).

O vocábulo *infelizmente*, presente nesse trecho, denuncia o posicionamento do resenhista e contra-argumenta com o autor do texto de origem.

Em outra resenha, o título *A depreciação dos sebos* (anexo AD) com o vocábulo “*depreciação*” carrega-se um valor negativo e faz com que o leitor espere um posicionamento também negativo do autor da resenha, o que pode ser representado pela seguinte passagem:

Exemplo 8: “(...) os sebos perderam sua função primária, virando apenas mais um depósito de livros ‘descartáveis’ no mercado”.

Outra resenha que pré-anuncia o posicionamento de seu autor intitula-se *O capitalismo editorial* (anexo P), nela, seu enunciador também se mostra contra a mudança de papel dos sebos de hoje em dia, com um fim apenas comercial:

Exemplo 9: “(...) os sebos são locais de capitalismo editorial, em que muitas das vezes vender livros aos sebos é uma forma de se ter dinheiro, ou comprar livros nos mesmos sai bem mais lucrativo.”

O direcionamento argumentativo nem sempre está posto no título da resenha, algumas delas apresentam um posicionamento fortemente marcado ao longo do texto, mas não preanunciam sua visão no título. Os trechos do exemplo a seguir contribuem para ratificar esse fato.

Exemplo 10: “Então, os sebos hoje em dia podem ser considerados muito melhores, visto que, se tornaram mais democráticos, que enriquece qualquer classe social culturalmente”. (anexo N).

“(...) realmente o mundo moderno acaba sendo moderno demais as vezes, os sebos perderam muito do seu valor, e cada ia vão perdendo mais, (...)” (anexo O).

“Esse texto de Uchôa é uma viagem no tempo quando os sebos não eram tão numerosos, as lojas não eram tão espaçosas e os acervos não eram grandes. Ele faz com que os amantes de leitura queiram ter vivido aquela época boa, em que o leitor dava ainda mais valor aos livros porque eram raros”. (anexo V).

“Ao fazermos a leitura de Os sebos, percebemos como está banalizada a venda e compra, hoje em dia, de obras e a moral dos próprios autores”. (anexo Y).

Verdade ou não, ele transformou o que, a meu ver, parecia um texto simples e bom sobre sebos através dos tempos em um sentimento bobo de nostalgia baseado na antipatia com um ex-aluno e raiva de ter seus livros vendidos a um preço menor, pois seus compradores não tinham real interesse. (anexo Z).

“É inegável que o passado possui as suas belezas, mas também não podemos deixar de ver, as belezas do presente: em meio a uma época em que os livros são muito caros para uma boa parcela da população, os sebos permitem que cada vez mais pessoas tenham acesso as obras da literatura nacional e mundial”. (anexo AC).

(...) os princípios e valores que a sociedade brasileira daqueles tempos tinha, que eram bem melhores que hoje, muito bem pontuados pelo autor no instante em que afirma que a época era outra e que impunha respeito aos mais velhos”. (anexo AF).

Duas das resenhas estabelecem, no título, um diálogo com o leitor por meio de questionamentos: O antigo ou o novo? (anexo N) / O sebo hoje: bom ou ruim? (anexo AC). Coincidência ou não, essas duas resenhas apresentam posicionamentos compatíveis, seus autores se posicionam a favor da mudança dos sebos, defendendo os sebos de hoje em dia.

Em algumas resenhas a falta do tipo argumentativo e, conseqüentemente de um posicionamento crítico descaracteriza o gênero resenha crítica transformando-o apenas em uma resenha descritiva. Já em outras, é possível perceber uma ponderação na hora de argumentar, isso pode ser constatado na resenha intitulada “Um sebo e um ego” cujo resenhista expõe os desapontamentos do autor da crônica ao se deparar com um de seus livros no sebo, porém tenta entender o lado do aluno que se desfez do livro do autor. Os trechos que seguem fazem parte do anexo U e reproduzem esses dois momentos.

Exemplo 11: “(...) *Considerando que uma noite de autógrafos é o momento o qual todos se reúnem para homenagear um escritos pelo seu trabalho, ou seja, inflar seu ego (com razão), depois de todo o trabalho árduo que teve para a produção do livro, imagine como o mesmo não se sentiu quando encontrou um desses exemplares autografados, praticamente novo, abandonado em um sebo. Com certeza não foi uma experiência muito agradável, (...)*

(...) Podemos tentar entender o lado do aluno que leu o livro e depois o vendeu, por uma mera questão de desprendimento. O jovem podia tê-lo vendido pensando que uma pessoa mais interessada poderia tirar mais proveito do que ele provavelmente tirou”.

A esse tipo de argumentação dá-se o nome de *ponderada* e, segundo o professor Helênio Fonseca de Oliveira (1995), “o argumentador pesa os ‘prós’ e os ‘contras’ de uma tese, embora tomando, quase sempre, posição em favor de uma delas.”. No caso dessa resenha, seu autor acaba por se posicionar a favor do autor da crônica, sendo contra a transformação dos sebos.

Exemplo 12: “(...) *Infelizmente essas reflexões são pouco prováveis de ser a verdade, levando em consideração a postura dos alunos de hoje em dia a venda deve ter sido feita sem nenhum tipo de remorso e apenas pelo (pouco) dinheiro. (...) O hábito de buscar tesouros literários está em extinção, afinal, são pouco os que hoje ainda possuem o mapa. (anexo U)*

Um outro momento de ponderação pode ser constatado no anexo AB, trata-se da resenha intitulada *Autores Anônimos*, em que o autor também não se posiciona, porém inclina-se em defesa do ponto de vista do autor do texto-fonte, isso pode ser percebido pelos trechos do exemplo que segue.

Exemplo 13: “(...) *Assim, é percebido que desde que ele ingressou na universidade houve uma desvalorização gradativa do livro pela juventude, (...). / (...) Assim também acontece com todos os escritores que são ignorados pelo público leitor que, paulatinamente, tem deixado de ser leitor, transformando-se em público consumidor. (anexo AB).*

Ao empregar os vocábulos *desvalorização* e *público consumidor*, o resenhista acaba por definir seu posicionamento de forma sutil, sem se expor por completo.

A maioria das resenhas analisadas aqui apresentam um posicionamento crítico definido, no primeiro grupo de resenhas, ou os autores eram favoráveis à

mudança de papel da mulher na sociedade ou contra; as resenhas do segundo grupo apresentaram posicionamento contra ou a favor à transformação dos sebos, apenas uma minoria pondera ou não atende ao propósito do gênero, isentando-se de tecer críticas em torno do assunto abordado nem expondo aspectos importantes acerca do texto-fonte.

5 O GÊNERO RESUMO: O contrato de comunicação e a (des)construção de sentidos

Definir um resumo é uma tarefa complexa, na medida em que não se sabe se realmente constitui um gênero ou um subgênero. O resumo, quando presente em outros gêneros, como por exemplo uma tese, pode ser considerado um subgênero, pois toma para si as características do gênero a que se filia. Entretanto, pelo propósito desta tese, que é analisar textos acadêmicos, tratar-se-á o resumo como um gênero, pois há autonomia nos textos em análise. De acordo com a autora Anna Rachel Machado, no livro *Gêneros Textuais & Ensino*, o resumo consiste em

uma apresentação concisa dos conteúdos de outro texto com a organização que reproduz organização do texto original, com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos e cujo enunciador é outro que não o autor do texto original. (MACHADO, 2005a, p. 150).

As autoras admitem ainda que

os usos sociais dos resumos de texto, tanto em contexto escolar quanto não escolar, são os mais diversos e em quantidade significativa, eles se constituem como um objeto de ensino pertinente e, para que esse ensino seja eficaz, é necessário que aprofundemos nossas reflexões sobre sua produção. (MACHADO, 2005a, p. 138)

Para a *ABNT*, o resumo pode ainda se caracterizar como

Indicativo – sumário narrativo que exclui dados qualitativos e quantitativos e não dispensa a leitura do texto.

Informativo – condensação do conteúdo que expõe finalidades e conclusões, dispensando a leitura do texto.

Informativo/indicativo – combinação dos dois tipos citados. Pode dispensar a leitura do texto quanto ao seu aspecto fundamental (tese, conclusões), mas não quanto aos demais aspectos tratados. (ABNT – NB-88,1978).

Sobre o verbete resumo, o *Aurélio* eletrônico diz:

Resumo (Dev. De resumir): S. m. 1. Ato ou efeito de resumir(-se). 2. Exposição abreviada de uma sucessão de acontecimentos, das características gerais de alguma coisa, etc., tendente a favorecer sua visão global: síntese, sumário, epítome, sinopse. 3. Apresentação concisa do conteúdo de um artigo, livro, etc., a qual precedida de sua referência bibliográfica, visa a esclarecer o leitor sobre a conveniência de consultar o texto integral. Ao contrário da sinopse, o resumo aparece em publicação à parte e é redigido por outra pessoa que não o autor do trabalho resumido. 4. Recapitulação em poucas palavras; sumário.(...).

O professor Agostinho Dias Carneiro (2001, p. 149), no livro *Redação em Construção: a escritura do texto* o autor apresenta alguns tipos de resumo, são eles: “extensivo, seletivo, estético e acadêmico”.

Entende-se por resumo extensivo

quando o texto pode ser alterado na forma, mas não é possível cortar qualquer informação. Nesse caso, apelamos para a substituição de vocábulos e expressões por outros equivalentes no sentido, porém mais curtos. Trata-se, na verdade, de uma paráfrase do texto original (2001, p. 149).

Já, no resumo seletivo, é possível eliminar informações tidas como menos importantes no texto-fonte, “eliminam-se introduções textuais desnecessárias, redundâncias, informações sem decorrência textual etc.” (2001, p. 149).

O resumo estético realiza cortes com o fim de melhorar a qualidade do texto. Por fim, o resumo acadêmico, também conhecido por resumo indicativo, prende-se a finalidades de trabalho escolar, como o resumo de uma tese, por exemplo.

O autor lista ainda uma série de estratégias para a composição de um resumo:

a) não apresenta introdução, de modo geral; b) segue a ordem do texto; c) não deve conter elementos estranhos ao texto; d) não deve apresentar apreciações sobre aspectos do texto; e) deve ser redigido como se o próprio autor o fizesse; f) não deve conter conclusões que não sejam as do próprio autor. (2001, p. 147-148).

Resumir requer do “resumidor” a assimilação completa do(s) assunto(s) abordados no texto-fonte. Com isso faz-se necessário ter poder de síntese para se transmitir ao leitor os pontos principais do texto inicial para que ele avalie a necessidade de leitura do conteúdo integral. No livro *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*, os autores Claudio Cezar Henriques e Darcília Simões afirmam que se se elencar uma escala gradual de complexidade na elaboração de textos técnicos ter-se-ia a seguinte ordem: fichamento < resenha < resumo.

De acordo com Dolz & Schneuwly (2004), o resumo requer de seu produtor, “dizer em poucas palavras, mas do mesmo ponto de vista enunciativo, o que o autor do texto a resumir quis dizer (...) o ‘resumidor’ revive, em seu resumo, a dramatização discursiva construída no texto a resumir, a partir de uma compreensão das diferentes vozes enunciativas que nele agem.” (p.88-89). O ato de resumir propõe-se a dizer sem imprimir opinião própria nem informações novas.

Um dos métodos mais eficazes de se produzir um resumo consiste no processo de sumarização cujo propósito é elencar as informações tidas como mais importantes dentro do texto. Essa eleição não é feita de forma aleatória, segundo as autoras Anna Rachel Machado, Eliane Lousada e Lília Abreu-Tardelli (2004a),

Sumarizamos de forma diferente, conforme o tipo de destinatário, de acordo com o que julgamos que ele deve conhecer sobre o objeto sumarizado e de acordo com o que julgamos ser o objetivo desse destinatário. Tendo em vista esse destinatário e esse objetivo, o leitor, portanto, já conhece o texto, mas é necessário dar as informações centrais para que ele possa avaliar a sua compreensão global do texto. (MACHADO et al, 2004a, p. 31)

O resumo que será destacado a seguir foi um dos que mais recorreu a essa técnica da sumarização, nele, apesar de não satisfazer por completo às técnicas formais do gênero: não se inicia pela palavra resumo, não apresenta palavras-chave, apresentou subtítulo, esse foi o que mais sintetizou a ideia principal do texto, recorrendo às técnicas de sumarização e se mantendo neutro ao transmitir as informações do texto-base.

Exemplo 14: *Sabe-se que a voz humana, quando bem empregada, é capaz de fazer milagres. A partir disso, três instituições de ensino estão lançando cursos de oratória e técnicas de apresentação com o objetivo de ensinar a falar bem em público. Os cursos ponderam o caráter decisivo da clareza comunicativa para as atividades profissionais, desde a admiração até a convivência no ambiente de trabalho.*

Timidez e insegurança prejudicam a comunicação

(...) Pioneira nessa área, Glorinha Beuttenmüller trabalhou 18 anos na TV Globo, orientando diversos profissionais sobre a melhor maneira de falar. No seu curso, já atendeu também políticos. Mas aulas estão abertas a todos que queiram melhorar a comunicação. Segunda ela, muitas pessoas saem do curso se sentindo mais seguras. (anexo AJ).

É necessário destacar que, no resumo, bem como em qualquer outro gênero textual, faz-se necessária a existência de uma preocupação, por parte de seu produtor, com a inserção de referentes, pois, ainda que estes sejam para ele entidades conhecidas, podem não ser para o interlocutor, por isso, deve-se introduzi-los com características de informação nova, cujo conteúdo deverá ser retomado por diferentes formas remissivas, permitindo ao público leitor estabelecer conexões num movimento de idas e vindas.

Manter a fidelidade ao texto-fonte e transmitir ao leitor a mensagem de uma maneira neutra foram os maiores obstáculos apresentados pelos alunos na

produção de resumos, ao longo de seus resumos, é possível observar as impressões do autor acerca do texto-fonte. Para melhor elucidar esse fenômeno para o leitor, segue abaixo um dos textos-fonte dos *corpora* seguido de um trecho de uma das retextualizações, ratificando as impressões de seu produtor:

CURSOS DE ORATÓRIA AUMENTAM O PODER DE PERSUASÃO

(Técnicas ajudam advogados, professores e até padres a falarem melhor em público se expressando com fluência e objetividade)

Desde Sheherazade, que passou 1001 noites contando histórias para escapar da morte, que está provado e confirmado: a voz humana, se bem empregada com uma narração eficiente, é capaz de fazer milagres. Projetos medíocres no trabalho podem ser aprovados da noite para o dia, graças ao poder de persuasão de quem os defende. Por outro lado, tarefas importantíssimas podem ficar em segundo plano se a pessoa não souber se explicar e confundir os colegas da empresa. Pensando nisso, três instituições de ensino estão lançando cursos de técnicas de apresentação e de oratória. O objetivo é um só: ensinar a falar em público, usando bem a voz para se expressar com fluência e objetividade.

A clareza na comunicação verbal é decisiva na hora de conseguir um emprego. O perfil do profissional do futuro envolve a capacidade de se comunicar e de trabalhar em grupo. Mas no dia a dia das empresas, é comum encontrar pessoas que não sabem ouvir, ou jogam conversa fora, desperdiçando tempo e dinheiro por falta de objetividade – comenta o radialista Marco Aurélio de Souza, professor do curso de oratória da Fundação Mudes.

Timidez e insegurança prejudicam a comunicação

(...) Pioneira nessa área, Glorinha Beuttenmüller trabalhou 18 anos na TV Globo, orientando repórteres, locutores, apresentadores de TV e atores sobre a melhor maneira de falar. No seu curso particular, já atendeu a políticos como o prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde. Mas as aulas estão abertas a simples mortais que, longe do brilho dos palanques ou da TV, podem melhorar a comunicação, nem que seja apenas para fazer mais amigos.

- A fala é o principal veículo de relacionamento do homem. Ela transmite emoção e desperta imagens para o ouvinte. Muitas pessoas saem do curso se sentindo mais seguras – explica ela.

(O GLOBO, Domingo, 01 e março de 1998)

Exemplo 15: *A intenção do texto* é fazer a divulgação de um novo curso, onde ensinam as pessoas a se comunicarem melhor, não só na vida particular – perdendo um pouco da timidez – como também melhorando sua vida profissional – ajudando o indivíduo a se sentir mais a vontade ao falar em público. O anúncio em si já faz uso desse ensinamento, ele começa dando exemplo e usando argumentos que sejam capazes de convencer o leitor a contratar os serviços do professor. *Que não é qualquer pessoa*, mas sim, um ex-funcionário da TV Globo, que trabalhava suas técnicas com atores, apresentadores, locutores e repórteres. Ele usa o exemplo de

Sheherazade para demonstrar o quanto a voz humana pode ser convincente e persuasiva quando é utilizada com certos conhecimentos. (anexo AL)

A falta de neutralidade no dizer provoca uma alteração na mensagem do texto-fonte e acrescenta informações alheias ao texto primeiro. Em alguns momentos, no resumo, o aluno parece pressupor o que diz o texto-fonte a partir do título, por isso a (des)construção de sentidos. O aluno enquanto leitor e produtor de texto é um sujeito ativo, porém, no caso do resumo, isso não deveria acontecer. Dessa forma, seu produtor constrói novos sentidos. Em contrapartida, por desconhecer o Contrato de Comunicação, que rege esse gênero, desconstrói os sentidos do texto-base.

Para a Análise do Discurso, o Contrato de Comunicação

é o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias). (CHARAUDEAU, 2006, p. 132).

A partir da análise do *corpus*, é possível perceber que o produtor do resumo não cumpre o Contrato de Comunicação do gênero. Isso pode ser ratificado não só pela falta de um discurso neutro mas também pelos seguintes itens, a saber: ausência da palavra resumo no início do texto e das palavras-chave; introdução inadequada de artigos definidos para se referir a entidades novas no discurso. Essa última infração ao Contrato pode ser destacada no seguinte trecho do resumo:

Exemplo 16: **A intenção do texto** *é fazer a divulgação de um novo curso, onde ensinam as pessoas a se comunicarem melhor, não só na vida particular – perdendo um pouco da timidez – como também melhorando sua vida profissional – ajudando o indivíduo a se sentir mais a vontade ao falar em público. O anúncio em si já faz uso desse ensinamento, ele começa dando exemplo e usando argumentos que sejam capazes de convencer o leitor a contratar os serviços do professor. Que não é qualquer pessoa, mas sim, um ex-funcionário da TV Globo, que trabalhava suas técnicas com atores, apresentadores, locutores e repórteres. Ele usa o exemplo de Sheherazade para demonstrar o quanto a voz humana pode ser convincente e persuasiva quando é utilizada com certos conhecimentos. (anexo AL).*

O autor do resumo não deixa claro para o leitor de que texto se trata. Esse processo é decorrente da falta de idealização de destinatários previstos, os quais participam da adequação contextual. De acordo com a pesquisadora Vera Cristina

Feitosa (1997), o ponto de partida para se começar a escrever é a caracterização do receptor, para ela “a comunicação é um jogo em que ninguém deve entrar sem antes procurar saber quem vai ser o parceiro. (...) Por isso, é preciso, antes de iniciar a elaboração do texto, tentar definir quem será – ou poderá ser – o leitor (...).” (FEITOSA, 1997, p. 17). A autora afirma ainda que não se deve deixar de lado duas premissas fundamentais referente ao autor:

Você, o autor, deve ser o primeiro e o maior interessado em que o leitor se prenda à leitura do texto.
De você, autor, depende que o leitor possa entender e absorver as informações a serem transmitidas.(FEITOSA, 1997, p. 17)

Outro ponto saliente na análise desse resumo refere-se ao momento quando seu autor, classifica o gênero do texto-fonte em questão como sendo um anúncio, transmitindo, assim uma informação inadequada sobre o gênero, pois trata-se, na verdade de um artigo, publicado em jornal. Associada a isso, no todo do resumo, há uma falta de ordenação na apresentação das informações contidas no texto-fonte.

O desconhecimento do Contrato de Comunicação somado à falta de neutralidade no dizer são processos decorrentes do que o autor Sírio Possenti intitulou de LEITURAS ERRADAS (cf. pressupostos teóricos), pois, como já se disse, ao produzir um texto o leitor, como sujeito ativo, coloca seu conhecimento de mundo e suas ideologias, devido a esse fato, ele tenta “encaixar” ou “formatar” o texto-fonte em sua grade semântica, essa, por sua vez é distinta da grade do produtor do texto-fonte, o que vai gerar a (des)construção de sentidos.

Nesse processo de (des)construir os sentidos, há também a pertinência da adequação contextual. Irandé Antunes, no livro “*Análise de Textos*”, refere-se a essa questão, afirmando que “presentemente, as discussões em torno do bom texto têm destacado a primazia da sua adequação a seu contexto de produção e circulação.” (ANTUNES, 2010, p. 66). A autora destaca também a importância que deve ser atribuída aos destinatários do texto:

(...) Ainda no interior dessa adequação contextual, merece destacar a questão dos destinatários previstos. É de extrema importância tê-los em vista. Afinal, a linguagem é uma atividade interativa, entre dois ou mais interlocutores, um dizendo a outro, um perguntando ou respondendo a outro, de modo que, literalmente, ninguém fala ou escreve para ninguém. Pressupomos sempre a presença de um outro. (ANTUNES, 2010, p. 67).

Essa dificuldade do educando em idealizar contextos onde seu texto pode vir a circular e destinatários previstos ratifica a falta de conhecimento de certas

peculiaridades exigidas no momento da produção de textos técnicos e que só poderão ser atendidas com um ensino sistemático e com a criação de contextos reais de produção em que se deixe clara a finalidade do gênero em questão.

As dificuldades na produção de um resumo irão se acentuar à medida que o leitor do texto-fonte apresenta uma maior afinidade com o assunto que está sendo abordado nesse texto, pois o conhecimento sobre o tema amplia a dificuldade de se distanciar do texto e produzir uma escrita neutra, isenta de opiniões. O resumo abaixo apresenta bastantes marcas de expressividade, delineando a opinião própria do autor.

Exemplo 17: *O fito do curso de oratória é desenvolver a capacidade de comunicação. Esse desenvolvimento ocorre por ensinar os discentes do curso a se expressarem melhor; logo, se expressar melhor é ter desenvoltura no falar e objetividade. Isso serviria não só para os que necessitam falar em público, como os bispos, professores, presidentes de empresas, mas também para pessoas que não trabalham com discursos públicos. Pois, falar bem abre portas, gera oportunidades, já que uma ideia mal expressada pode não ser compreendida, mesmo que seja eficiente. Um discurso ou uma conversa prolixa, redundante é somente perda de tempo, que pode ser economizado, ainda que o objetivo do interessado pelo curso seja simples, a comunicação é o meio primário da interação humana; então, deve ser desenvolvido.* (anexo AU).

Nesse resumo, constata-se uma alteração no assunto abordado no texto-fonte. O texto que antes falava do poder de persuasão, agora fala da finalidade de um curso de oratória, isso prova uma falta de compreensão global do texto-base. A presença constante de termos cognatos desenvolver, desenvolvimento, desenvoltura, desenvolvido, torna o texto repetitivo, e mostra certa pobreza de vocabulário e também dificulta a sumarização do texto, torna o texto prolixo.

Tal constatação pôde ser observada na comparação dos resumos dos *corpora* desta pesquisa: a impressão de opiniões do leitor foi mais visível nos resumos produzidos a partir do texto-base *Cursos de oratória aumentam o poder de persuasão* que nos resumos feitos a partir do texto-fonte *Presidente ou Presidenta?*. Por outro lado, os resumos deste último apresentam mais informações equivocadas que o outro, o que comprova o desconhecimento dos alunos sobre o assunto.

O resumo que segue faz parte do anexo de número 51, nele é possível notar a presença de informações equivocadas, cujo conteúdo denuncia o desconhecimento do leitor sobre o tema que está sendo abordado e a leitura desatenta do texto-base.

Exemplo 18: *O texto fala sobre a dúvida gerada quanto ao uso de presidente ou presidenta para referir-se à Dilma. É mostrado que o vocábulo “presidente” é herdeiro do tempo verbal particípio presente, utilizado no latim onde para designar os gêneros bastava o uso do artigo desejado. A terminação desse tempo “-nte” que indica aquele que pratica a ação bastante visualizada na nossa língua portuguesa, estando essa terminação ligada à nomes mas, em alguns casos temos rastros desse tempo em algumas expressões verbais. Podemos entender ainda a partir do texto que, quando se trata de adjetivos não há alteração nos gêneros retomando assim a ideia do latim quanto ao uso do artigo definido para fazer tal diferenciação. Porém fica claro no texto que os substantivos podem variar quanto ao gênero. Ora marcados pela desinência de gênero feminino –a, ora mantendo-se inalteráveis. Essa oscilação que é permitida aos substantivos que nos dá base para que o termo “presidenta” seja aceito e até mais usado comumente. (Anexo AZ).*

Na Língua Latina, não existiam artigos. Além da presença de informações incertas, o texto está com problemas de coesão que afetam o sentido global do texto: uso do pronome relativo “onde”, retomando a ideia de tempo, quando deveria retomar a ideia de lugar e, ainda a inadequação vocabular com o emprego da palavra “rastros” em lugar de vestígios. Isso comprova a necessidade de conhecer certos mecanismos da língua para a transmissão de uma mensagem coesa e coerente.

6 ANÁLISE DOS CORPORA

Cumpra a essa seção da pesquisa expor tabelas e gráficos com as funções textual-discursivas destacadas nos *corpora*. As ilustrações aqui apresentadas têm o propósito de tecer comparações acerca do papel desempenhado pelas formas remissivas nos gêneros em estudo.

6.1 A presença das funções discursivas

Seguem abaixo as tabelas e os gráficos, demonstrando a presença das funções textual-discursivas das formas remissivas elencadas dos gêneros resenha crítica e resumo. Todas as produções encontram-se ao final da tese, nos anexos, com as remissões em destaque de acordo com a cor representativa de suas funções.

Tabela 1 - Funções resenhas críticas

| Resenhas (Ras) | Funções textual-discursivas | | | | |
|------------------------------|-----------------------------|------------------|-----------------------------|---------------|--------------|
| | Introdutora | Recategorizadora | Recategorizadora avaliativa | Interlocutiva | Organizadora |
| Texto-fonte: Versões | | | | | |
| Ra 1 | 11 | 3 | 10 | 2 | 4 |
| Ra 2 | 9 | 1 | 8 | 4 | 4 |
| Ra 3 | 2 | 1 | 1 | 3 | 0 |
| Ra 4 | 9 | 7 | 11 | 2 | 0 |
| Ra 5 | 8 | 1 | 9 | 5 | 4 |
| Ra 6 | 7 | 1 | 9 | 6 | 5 |
| Texto-fonte: Os Sebos | | | | | |
| Ra 7 | 9 | 6 | 11 | 2 | 4 |
| Ra 8 | 7 | 1 | 12 | 0 | 1 |
| Ra 9 | 7 | 0 | 5 | 1 | 0 |
| Ra 10 | 9 | 8 | 9 | 0 | 6 |
| Ra 11 | 8 | 4 | 5 | 0 | 3 |
| Ra 12 | 11 | 2 | 5 | 0 | 3 |
| Ra 13 | 3 | 3 | 6 | 5 | 0 |
| Ra 14 | 12 | 3 | 9 | 4 | 0 |
| Ra 15 | 7 | 4 | 4 | 4 | 1 |
| Ra 16 | 5 | 1 | 5 | 3 | 1 |
| Ra 17 | 10 | 2 | 3 | 2 | 3 |
| Ra 18 | 7 | 1 | 3 | 2 | 0 |

| | | | | | |
|-------|----|---|---|---|---|
| Ra 19 | 8 | 2 | 5 | 0 | 0 |
| Ra 20 | 12 | 4 | 6 | 4 | 0 |
| Ra 21 | 8 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| Ra 22 | 11 | 5 | 7 | 3 | 0 |
| Ra 23 | 10 | 4 | 5 | 0 | 0 |
| Ra 24 | 9 | 1 | 6 | 0 | 0 |
| Ra 25 | 12 | 0 | 4 | 1 | 0 |
| Ra 26 | 12 | 5 | 6 | 0 | 5 |

Gráfico 1 - Funções resenhas críticas

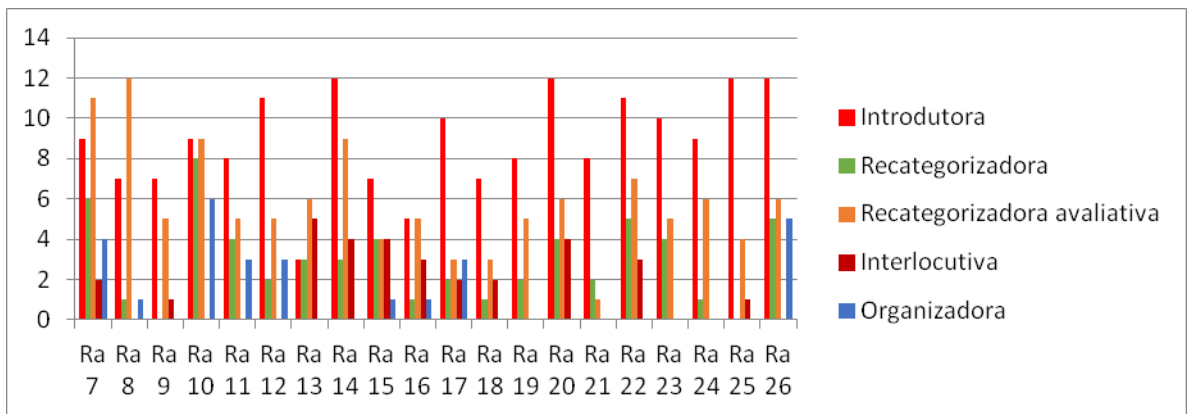
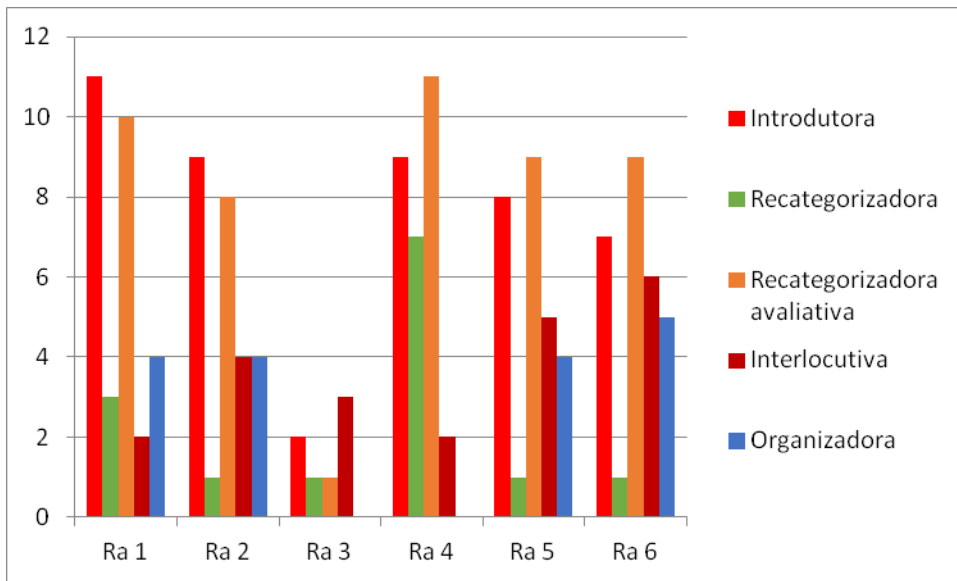
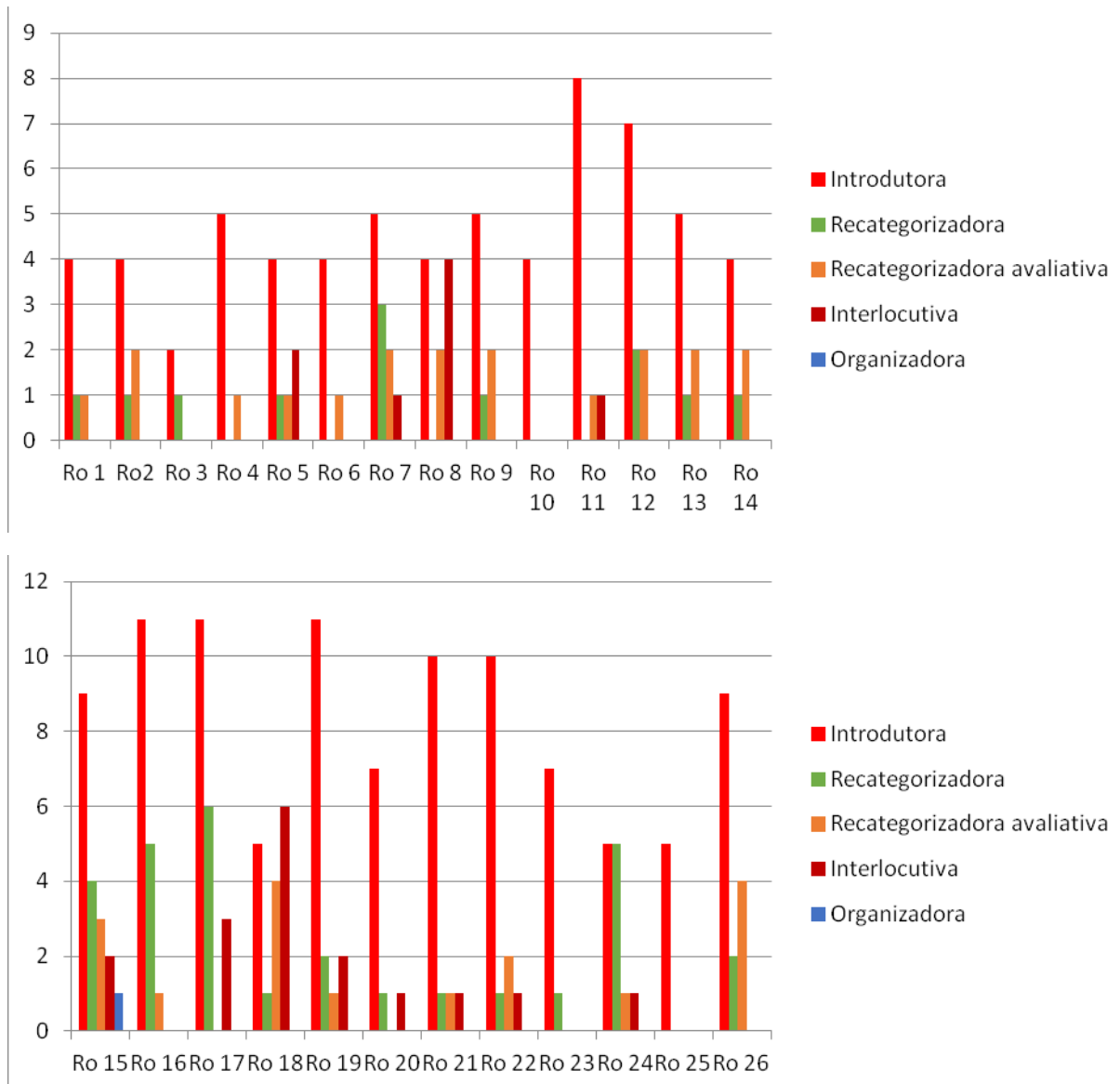


Tabela 2 - Funções resumos

| Resumos (Ros) | Funções textual-discursivas | | | | |
|--|-----------------------------|----------------------|---------------------------------|-------------------|------------------|
| | Introdutor a | Recategorizado ra | Recategorizado ra avaliativa | Interlocutiv a | Organizador a |
| Texto-fonte: Cursos de oratória aumentam o poder de persuasão | | | | | |
| Ro 1 | 4 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| Ro2 | 4 | 1 | 2 | 0 | 0 |
| Ro 3 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Ro 4 | 5 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Ro 5 | 4 | 1 | 1 | 2 | 0 |
| Ro 6 | 4 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| Ro 7 | 5 | 3 | 2 | 1 | 0 |
| Ro 8 | 4 | 0 | 2 | 4 | 0 |
| Ro 9 | 5 | 1 | 2 | 0 | 0 |
| Ro 10 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Ro 11 | 8 | 0 | 1 | 1 | 0 |
| Ro 12 | 7 | 2 | 2 | 0 | 0 |
| Ro 13 | 5 | 1 | 2 | 0 | 0 |
| Ro 14 | 4 | 1 | 2 | 0 | 0 |
| Texto-fonte: Presidente ou Presidenta? | | | | | |
| Ro 15 | 9 | 4 | 3 | 2 | 1 |
| Ro 16 | 11 | 5 | 1 | 0 | 0 |
| Ro 17 | 11 | 6 | 0 | 3 | 0 |
| Ro 18 | 5 | 1 | 4 | 6 | 0 |
| Ro 19 | 11 | 2 | 1 | 2 | 0 |
| Ro 20 | 7 | 1 | 0 | 1 | 0 |
| Ro 21 | 10 | 1 | 1 | 1 | 0 |
| Ro 22 | 10 | 1 | 2 | 1 | 0 |
| Ro 23 | 7 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Ro 24 | 5 | 5 | 1 | 1 | 0 |
| Ro 25 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Ro 26 | 9 | 2 | 4 | 0 | 0 |

Gráfico 2 - Funções resumos



6.2 Considerações gerais e específicas

Esta parte da pesquisa destina-se a tecer comentários sobre as formas remissivas, bem como o número de funções textual-discursivas encontrado no *corpus*. Esse procedimento será feito com base nas tabelas com informações sobre o quantitativo das funções textual-discursivas desempenhadas nas resenhas críticas e resumos analisados.

No primeiro momento, destacam-se comentários gerais cujo conteúdo diz respeito a aspectos formais dos gêneros em estudo. O segundo momento faz uma análise mais detalhada acerca das funções desempenhadas no discurso e de seus propósitos comunicativos. Nessa segunda parte, para que os prováveis leitores desta tese visualizem melhor o que está sendo exposto, todos os comentários seguem a numeração dos demais trechos dos *corpora* citados em capítulos anteriores (cf. capítulos 4 e 5) em uma ordem crescente. Essa numeração não tem o propósito de atribuir grau de importância às funções das formas remissivas, ela foi feita apenas com fins didáticos.

O primeiro aspecto formal que chama a atenção diz respeito à ausência de título em algumas resenhas. Na maioria das vezes, o título preanuncia o direcionamento argumentativo que será atribuído ao texto. Em grande parte das resenhas que apresentou título, este funcionou como introdutor de uma determinada cadeia de referência.

Outro aspecto que se deve destacar diz respeito à paragrafação. Nas resenhas, constatou-se a ocorrência de três resenhas escritas em um único parágrafo (anexos O, R e Y). Em contrapartida, há cinco resumos (anexos AJ, AV, AW, BF e BG) com paragrafação. Além disso, a grande maioria das produções destinadas ao gênero resumo não se iniciou com a palavra *resumo* e mais da metade não apresentou palavras-chave. Essas observações contribuem para ratificar a falta de domínio dos gêneros acadêmicos e, por isso, a falta de comprometimento com o contrato de comunicação dos gêneros acadêmicos produzidos pelos alunos do curso de Letras.

As considerações a seguir estão agrupadas por texto-fonte e em seguida comparadas conforme a compatibilidade das funções desempenhadas pelas formas remissivas em destaque nos textos analisados.

A primeira delas, presente tanto nas resenhas quanto nos resumos, é um fator prejudicial à compreensão do texto. Diz respeito às informações que, para o produtor do texto, são compartilhadas quando, na verdade, não o são. Quando se produz um texto, grande parte das informações não são explicitadas, pressupõe-se que o leitor tem o conhecimento das informações que não são apresentadas no cotexto nem no contexto.

Segundo Teun A. Van Dijk (2012, p. 97),

os textos são muito incompletos ou implícitos. Seus autores pressupõem grandes quantidades de ‘conhecimento do mundo’, e os leitores constroem, assim, modelos mentais dos eventos sobre os quais estão lendo, ativando partes relevantes desse conhecimento, e então preenchem o modelo com a informação que está implicada ou pressuposta no texto.

O primeiro ponto que se dá destaque está relacionado à função interlocutiva, que através da análise dos gráficos, se fez presente tanto nas resenhas quanto nos resumos.

Exemplo 19: “*Um texto bastante interessante de Veríssimo* que nos faz refletir sobre a mudança do pensamento da sociedade, principalmente da mulher, ao longo do tempo, com a ajuda de elementos conhecidos por todos tanto no passado como no presente.” (anexo M) “O texto faz uma breve introdução ao tema ao ratificar a importância da oratória e as vantagens de se ter um bom discurso, principalmente no mundo do trabalho.” (anexo AO).

Nessa função, verificou-se, nos dois gêneros, o uso indevido de artigos definidos, criando uma anáfora sem referente. Conforme afirmam Cunha & Cintra (2001, p. 211),

O artigo definido é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado. O artigo indefinido, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

Introduzir um referente por meio do artigo definido não é, portanto, incorreto desde que o núcleo do sintagma seja uma entidade que faça parte do conhecimento de mundo de autor e leitor ou que esteja associada a referentes do cotexto. Segundo, Cavalcante (2012, p. 122) “(...) quando um referente é introduzido por uma expressão referencial, ele pode ter ou não alguma ligação com outros referentes que aparecem antes no cotexto”. A autora afirma ainda que “quando não há relação com nenhum outro referente do texto, dizemos que se trata de uma introdução referencial pura, mas quando há pelo menos uma ‘âncora’ (um elemento anterior ao qual a expressão referencial está associada) chamamos de anáfora indireta.”.

No caso dos exemplos encontrados nas resenhas e nos resumos, considera-se erro, pois não atende a nenhuma das orientações de uso do artigo definido, além disso, a falta de esclarecimento para o leitor acerca do núcleo do sintagma iniciado pelo artigo não atende ao contrato de comunicação dos gêneros. Mesmo com o

introdutor iniciado pelo artigo indefinido, no primeiro trecho sublinhado, não há como o leitor saber de que texto do Veríssimo se trata nem de qual Veríssimo.

Há, portanto, por parte do produtor uma credibilidade no conhecimento que o leitor tem acerca do texto-fonte. Essa credibilidade pode, por vezes, deixar lacunas no texto retextualizado, lacunas essas, conforme comentado anteriormente, (cf. seção 3.1.1), que podem não ser preenchidas pelo provável interlocutor.

A próxima função a se destacar é a organizadora, esta ocorreu em um resumo apenas, é, portanto, uma função característica das resenhas críticas. Dois motivos contribuem para que essa função se desenvolva nesse gênero: o espaço disponível para que se façam citações do texto-fonte e a necessidade de reescrever trechos desse para sustentar a argumentação.

Exemplo 20: *“Na primeira metade da crônica, o autor mostra sua antiga paixão por essas lojas e fala sobre um hábito que com certeza a grande maioria dos novos leitores não sabe: antigamente os jornais publicavam relações de livros e revistas que continham em certos sebos da cidade, coisa que causava uma pequena fila na manhã seguinte.”/ “Nesta segunda metade da crônica, o autor demonstra toda a sua indignação com a mudança de função dos sebos: deixaram de ser aquela loja que vende exemplares antigos e raros para simplesmente fazerem “operações comerciais com distribuidores”. (anexo Y).*

Nos dois trechos citados, os sintagmas em destaque organizam para o leitor os fatos considerados importantes do texto-fonte, localizando-os no novo texto.

Sobre as recategorizações, cabe ressaltar sua presença nos resumos, o que irá marcar um posicionamento de seu produtor diante das informações apresentadas no texto-fonte, uma inadequação aos propósitos comunicativos do gênero. Os resumos não deveriam conter impressões do autor. Em sua grande maioria, os resumos analisados ou apresentaram a função de recategorizador ou a de recategorizador avaliativo.

Exemplo 21: *Thaís Nicoleti de Camargo é consultora de língua portuguesa do grupo Folha-uol, na quarta-feira, 10 de novembro de 2010 escreveu em “especial para a Folha” um texto com o título: “Presidente ou presidenta?” no texto a autora relata sobre uma dúvida comum: o certo é “a presidente Dilma” ou “a presidenta Dilma”?*

A especialista explica que a forma “presidente” foi herdada de um tempo verbal latino, o particípio presente hoje basta trocar o artigo e o vocábulo “presidente” pode servir para os dois gêneros, masculino e feminino. No latim havia

particípio passado, presente e futuro, mas na língua portuguesa permaneceu apenas o particípio passado, embora ainda encontremos vestígios do particípio futuro e um grande número de palavras do particípio presente. Nossos adjetivos são, segundo **a autora** provavelmente a maior parte das derivações do particípio latino.

Thaís Nicoleti continua esclarecendo que ainda que no português o gerúndio tenha assumido o lugar do particípio presente a terminação “-nte” permanece com variedade na língua portuguesa, nossos adjetivos são uniformes, em flexão ou variação, mas os substantivos variam as vezes com a desinência “a” de feminino, as vezes mantendo-se invariável também.

A consultora termina voltando ao título e acabando com nossas dúvidas ao escrever que é o mesmo caso de “presidente”, que pode sim tanto ser no feminino “presidenta”, pois existe na língua há muito tempo, mas não é muito usado, quanto no masculino com artigo feminino “a presidente”. Hoje usam esta forma, “presidenta” os que defendem o reforço da inclusão do gênero, finaliza a autora. (anexo AW)

Exemplo 22: O texto fala sobre a dúvida gerada quanto ao uso de presidente ou presidenta para referir-se à Dilma. É mostrado que o vocábulo “presidente” é herdeiro do tempo verbal particípio presente, utilizado no latim onde para designar os gêneros bastava o uso do artigo desejado. A terminação desse tempo “-nte” que indica aquele que pratica a ação bastante visualizada na nossa língua portuguesa, estando essa terminação ligada à nomes mas, em alguns casos temos rastros desse tempo em algumas expressões verbais. Podemos entender ainda a partir do texto que, quando se trata de adjetivos não há alteração nos gêneros retomando assim a ideia do latim quanto ao uso do artigo definido para fazer tal diferenciação. Porém fica claro no texto que os substantivos podem variar quanto ao gênero. Ora marcados pela desinência de gênero feminino –a, ora mantendo-se inalteráveis. **Essa oscilação** que é permitida aos substantivos que nos dá base para que **o termo “presidenta” seja aceito e até mais usado comumente.** (Anexo AZ).

O primeiro termo destacado no trecho acima, apresenta acréscimo de informações ao texto-fonte, pois a substituição do nome da autora do texto foi feita a partir de pressuposições do produtor do resumo. Já os dois últimos, constitui, de fato a opinião desse produtor. No texto-fonte *Presidente ou Presidenta?*, há a informação de que o termo é o mais adequado para o momento, e não mais usado. Essa informação não procede.

As marcas de expressividade do produtor dos resumos também estão presentes na função de introdutor, cujo conteúdo apresenta informações novas, alheias ao texto-fonte. Seguem os exemplos.

Exemplo 23: *O texto faz uma abordagem sobre o uso do termo “presidente” ou “presidenta”, visto que no Brasil uma mulher foi eleita pela primeira vez a esse cargo, com isso vem mostrando sua utilização através da sua origem, que é herança latina de um tempo verbal por nome participio presente, passado e futuro que servia a ambos os gêneros, necessitando que seu antecessor, um artigo, fizesse essa distinção. O latim fazia a separação dele nos três tempos, já o português permaneceu somente com o tempo passado, embora se reconhece os dois outros em algumas palavras, que também apresentam resquícios do participio futuro. Do participio presente ficou-nos grande número de palavras, entre elas substantivos e adjetivos, como também conectivos. Ele tem por característica formal a terminação “nte”, indicando o agente de uma ação dele também derivam em maior parte adjetivos. O participio presente teve seu lugar assumido pelo gerúndio, associando-se a nomes, e não a verbos; sua terminação continua fértil em nossa língua, além dos termos derivados, que formam analogias. Os adjetivos não fazem distinção de gênero, são sempre uniformes, sem flexão. Os substantivos sofrem oscilações nas desinências e na variação. Enfim, o caso de “presidente” pode sim assumir a forma feminino mesmo sendo pouco o seu uso, algumas pessoas reforçam sua inclusão no vocabulário do Brasil. (Anexo BD).*

Nesse exemplo, tal qual o anexo AZ, é transmitida ao leitor uma informação equivocada acerca das informações presentes no texto-fonte, pois no latim não havia artigos, eles passaram a existir na passagem do latim ao galego-português, por meio de um dos processos evolutivos da língua. No livro “*História da Língua Portuguesa*”, Paul Teyssier (2001, p. 20) comenta o fato:

um artigo definido forma-se com base no demonstrativo *ille*. As quatro formas saídas do acusativo, diferenciadas em número e em gênero – *illum, illum, illos, illas* -, dão inicialmente *lo, la, los, las*, em virtude da aférese sofrida pelo seu emprego proclítico.

Esse fato pode ser classificado como o mais grave de todos os apresentados ao longo dos gêneros em estudo. Houve a presença de acréscimo de informações ao texto-base, informações essas falsas e incorretas. Vale lembrar que, ao se

produzir um resumo, há a necessidade de estar preso constantemente às informações do texto-fonte.

Dando prosseguimento aos comentários, cabe destacar as retomadas feitas a partir de rótulos metalinguísticos, operando uma “tradução” do pensamento.

Exemplo 24: *É gerada uma dúvida sobre a correta forma de se chamar a mulher eleita para o cargo de presidente da República: presidente ou presidenta? Para esclarecer melhor isso, é colocada em questão as origens dessa palavra: do tempo verbal latino chamado particípio presente, que não permaneceu no português como verbo e sim na formação de algumas palavras junto com o particípio futuro. São elas: duradouro, vindouro, etc (futuro); estudante, fumante, presidente, etc. (substantivos do presente); estimulante, ardente, independente, etc. (adjetivos do presente). Quanto aos verbos, o português substituiu o particípio presente pelo gerúndio; sendo assim a terminação “nte” da palavra que gerou dúvida, é associada a nomes e não a verbos, mesmo em palavras cuja derivação venha deles, como palestrante e contribuinte. Entre os adjetivos não existe flexão de gênero, já nos substantivos sim, por exemplo infante/infanta – parente/parenta. Com isso, se acaba a dúvida gerada acerca das formas presidente e presidenta, sendo as duas corretas. (Anexo BB).*

O vocábulo *dúvida*, recorrente em um quantitativo significativo dos resumos (anexos AZ, BB, BE e BH), traduz um momento de hesitação acerca do assunto abordado no texto-fonte 4 (cf. anexos). Isso pôde ser constatado através do emprego de outros termos como *debate* e *discussão*. O emprego desses vocábulos constrói uma recategorização do referente sem atribuir avaliações positivas ou negativas. Em dois momentos, entretanto, o termo *dúvida* foi inserido no texto seguido de um modificador: “uma dúvida comum”; “uma dúvida nacional” (anexo AW). Nesses casos, o sintagma que, a princípio, era neutro e apenas designava o nome de um processo mental, recebe uma caracterização, assumindo, no discurso, uma recategorização avaliativa. Tanto o vocábulo “comum” como o “nacional” buscam levar prováveis leitores do texto ao encontro da opinião do autor.

A função de recategorizador avaliativo também pode ser estabelecida no discurso, quando o determinante do sintagma for um pronome demonstrativo, Jean-Michel Adam designa esse sintagma de anáfora demonstrativa. Segundo, o autor (ADAM, 2011, p. 148),

a anáfora demonstrativa indica, certamente, a identificação, a relação com um segmento posto na memória, anteriormente, mas ela o faz operando uma reclassificação do objeto do discurso. Pode-se dizer que se trata da introdução e um novo ponto de vista sobre o objeto.

Exemplo 25: “Essa sem dúvida é uma história que encontra-se no inconsciente de todos os que um dia foram crianças cujas fantasias foram alimentadas por esse tipo de narrativa, na qual o final é sempre feliz.” (Anexo J).

“Esse príncipe encantado existe? Esse final feliz é possível? (...)” (Anexo K).

“Com esse ar de modernidade explodindo, as mulheres não necessariamente eram “donzelas”, (...) (Anexo K).

O emprego dos demonstrativos nos sintagmas, particulariza o núcleo e converge a atenção para ele, contribuindo para um encaminhamento argumentativo. A resenha de letra I, intitulada “O *capitalismo editorial*”, compartilha da opinião do autor do texto-fonte. Nela, seu produtor interpreta as mudanças por que passaram os sebos, tema do texto-base, como algo negativo:

Exemplo 26: “No texto de *Uchôa* percebe-se que os sebos perderam a essência que eles tinham: ‘nos velhos tempos, sebo se dedicava mesmo ao comércio de livros raros ou esgotados. Os autores já tinham falecido, ou as suas obras já se tinham esgotado há muito tempo, em edições antigas, de tiragem limitada.’ Essa essência se acabou porque o interesse de muitas pessoas é buscar livros mais baratos, ou para vender os que têm em casa com a finalidade de se obter lucro”. (Anexo P).

O vocábulo *essência* é empregado por duas vezes no texto. Na segunda ocorrência, há uma mudança do determinante – passa de um artigo definido a um pronome demonstrativo – isso marca fortemente o posicionamento do autor e constrói seu projeto de dizer.

Um outro fato a se considerar ocorreu em uma das produções e merece esclarecimento diz respeito ao fenômeno da **anáfora indireta**. Que, conforme, Marcuschi (2012, p. 53), “trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita.”

Exemplo 27: “O hábito de buscar tesouros literários está em extinção, afinal, são pouco os que hoje ainda possuem o mapa.” (Anexo U).

O objeto mapa é tratado como uma entidade conhecida do leitor embora seja um novo objeto introduzido no discurso. Há uma espécie de âncora que torna capaz a associação desse objeto do discurso a outros referentes apresentados anteriormente. Nesse exemplo, o vocábulo mapa está relacionado a tesouros, essa correlação só será possível se o leitor ativar modelos mentais. É, portanto, um procedimento cognitivo.

Por fim, faz-se necessário tecer considerações sobre o fenômeno da catáfora, que se fizeram presentes por meio das rotulagens, designadas por Gil Francis (2003) de rótulo prospectivo. Esse rótulo precede sua lexicalização.

Exemplo 28: *O texto faz uma breve introdução ao tema ao ratificar a importância da oratória e as vantagens de se ter um bom discurso, principalmente no mundo do trabalho. Essa pequena introdução serve de gancho para a apresentação do curso de oratória e seu objetivo: estimular a objetividade e trabalhar a fluência ao falar em público. A importância dessas características para o mercado de trabalho é reforçada quando apresentados casos de figuras públicas que optaram por realizar o curso a fim de melhorarem seu discurso. Como validação das informações fornecidas, as vozes de profissionais como Marco Aurélio de Souza e Glorinha Beuttemüller, com sua linguagem técnica contribuem para a temática do texto. (Anexo AO).*

Exemplo 29: *“Após estas reflexões, o cronista se volta ao relato do dia fatídico: “peregrinar por alguns sebos” nos dias atuais.”. “(...) Em Os Sebos, portanto, o cronista evidencia de modo melancólico as transformações ocorridas em relação aos sebos, sem identificar outras questões importantes como: o aumento no número de estudantes exige a criação de várias lojas, bem como que haja uma maior disponibilidade de exemplares.” (Anexo Q).*

Os vocábulos *relato* e *questões* além de preanunciarem uma informação, convidando o leitor a dar prosseguimento à leitura, eles atribuem ao texto um direcionamento argumentativo. Isso é possível por meio da presença de outros termos que estão acompanhando o rótulo (dia fatídico, importantes). Conforme a opinião de Gil Francis (2003, p. 195) “(...) sua função é dizer ao leitor o que esperar.” Esses rótulos a faz projetando um julgamento. Já a rotulagem realizada por meio do

vocábulo *objetivo*, preanuncia uma informação sem a presença de expressões classificatórias.

Para Francis (2003, p. 194),

O rótulo também tem significado textual: ele está localizado no rema da oração e é parte do foco da informação nova. Como tal, tem o potencial de ser tomado novamente no desenvolvimento do argumento; somente a informação apresentada como nova pode ser prospectiva, progressiva.

Com base no estudo dos gêneros propostos nesta pesquisa e no número de funções em destaque nas tabelas e nos gráficos, percebe-se que algumas funções são próprias de um gênero, como por exemplo a organizadora e que o conhecimento acerca do assunto abordado no texto-fonte contribui para uma escrita mais segura e persuasiva, no entanto a liberdade no falar sobre determinado assunto, pode levar à criação de um novo texto, muito distinto do texto-fonte.

Quanto às dificuldades, compartilha-se da opinião da pesquisadora Vera Cristina Feitosa, na obra *Redação de textos científicos*, (1997, p. 12),

Escrever não costuma ser tarefa banal, descompromissada, fácil de encarar. Normalmente as pessoas 'suam a camisa' e têm muito medo de colocar no papel suas ideias. Parece que a primeira razão para esse 'sofrimento' está naquilo que é, ao mesmo tempo, causa e efeito da crise em que se encontra a comunicação escrita: a pouca eficácia do ensino de redação nas escolas e a falta de treinamento específico para a redação científica, decorrentes do total desprestígio em que caiu a língua escrita como meio eficiente de comunicação.

Em grande parte das produções, percebe-se que há uma estrutura micro do texto que rege toda a produção do aluno. Isso irá prendê-lo ao contexto de produção e, no contexto de circulação, formar espaços no texto que nem sempre serão completados.

CONCLUSÃO

Ler e escrever um texto são ações que não devem ser consideradas atos finais. A cada vez que se relê e se reescreve um texto, não se tem mais o mesmo que se tinha anteriormente. Novos acontecimentos na vida, novos aportes de conhecimento constroem diferentes textos de um mesmo leitor/autor. Não há garantia, na leitura de um texto, que se tenha o seu sentido correto. É necessário um esforço de união de habilidades do leitor com os conhecimentos prévios sobre o assunto explorado para se efetivar a análise de seu significado.

Este estudo permitiu comprovar que a produção escrita é um processo constante de elaboração e reelaboração de textos. Escrever engloba etapas que, muitas vezes, não são contempladas no contexto escolar. A reescritura de um texto, por exemplo, é vista pelos alunos como algo enfadonho e trabalhoso; eles confundem esse processo com o “passar a limpo” sem refletir sobre seus erros. Dessa forma, etapas para uma boa escrita são desconsideradas e esquecidas. Essa espécie de vício talvez esteja atrelada ao modelo tradicional de aulas de redação em que emprego de mecanismos linguísticos estão desvinculados da superfície textual e distante da realidade extralinguística.

O momento da produção de um texto é sacrificante para os alunos quando não faz sentido para eles. A falta de contextos reais de produção e o esclarecimento do contexto de circulação, tolhe a capacidade de criação de textos mais coesos e coerentes. Somado a isso, está o desconhecimento das técnicas de produção dos gêneros adotados no ambiente acadêmico. A forma como se dá o ensino de produção escrita faz parte do fracasso escolar no atual contexto brasileiro, pelo seu caráter mais fictício que real, contudo essa problemática não é uma dificuldade recente, ela teve seu início já há alguns anos. A cada dia, surgem novas teorias sobre o ensino dos gêneros textuais e os professores, apesar de terem conhecimento de novos conceitos, parecem não saber colocá-los em prática e quando os colocam, não o fazem com a necessária adequação ao contexto social dos alunos.

As novas teorias devem ser consideradas, mas é preciso ter a sabedoria de aproveitar o que há de bom no tradicional e dar a ele vida nova; afinal, não se ouviam tantas reclamações no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa nas

décadas de 70 e 80, e os alunos saíam da escola mais bem preparados, talvez nem tanto para a vida social, mas, ao menos, para a profissional.

Somado ao despreparo de alguns profissionais de educação, há quase que um total desconhecimento ou falta de domínio da produção de textos técnicos. São profissionais ligados, não só ao âmbito da educação mas também da área da saúde, do jurídico e demais áreas que lidam com serviços burocráticos. Esse cenário, no entanto, está mudando a passos lentos.

A passagem da referência à referenciação contribui para que os pensamentos do aluno ganhem maior importância no momento da construção de sentidos de um texto. Com a ideia de que os sentidos fazem parte de um processo de construção e reconstrução constantes e por isso nunca estarão fechados, houve uma maior liberdade de expressão, colocar as ideias no papel passou a ser algo menos sacrificante. Essa liberdade, entretanto, pode levar à desconstrução de sentidos quando não atendido o propósito comunicativo de um determinado gênero. Isso aconteceu com o gênero resumo. Em alguns momentos, houve casos em que o texto do aluno apresentou informações não existentes no texto-fonte, outras vezes, eram ideias equivocadas e, em um número considerável de textos, presença de expressões de juízo de valor, trazidas pelo resumidor. Com o estudo do fenômeno da retextualização, comprovou-se que em um texto haverá sempre novas mensagens, novos enfoques e propósitos comunicativos, embora exista um texto-fonte que lhe deu origem.

Outro ponto que foi colocado na pesquisa refere-se aos problemas relacionados à falta de leitura, precedentes à produção textual. A falta da leitura interfere na escrita, pois acarreta escassez do ter o que dizer, ainda que ler e escrever apresentem, cada um dos atos, habilidades específicas. Com base no desenvolvimento das potencialidades e habilidades do leitor-autor, vão sendo incorporados, ao longo da vida, novos esquemas cognitivos que permitem um conhecimento sociocultural crescente, ampliado. Não se faz um aluno-leitor-autor, em um ano de escolaridade. A Educação Básica deve ser, toda ela, permeada de atividades de leitura e escrita, com graus de complexidade no seu desenrolar, para que o aluno tenha, realmente, uma boa base para futuros estudos.

Hodiernamente, professores têm de lidar com uma juventude que está acostumada a ler trechos pequenos na *Internet*, muitas vezes com grafia errada,

sem o uso correto da concordância verbal e nominal. Há de se estabelecer algumas estratégias de leitura para conquistar este grupo de novos leitores.

A leitura não é apenas um instrumento no desenvolvimento do leitor, mas um processo de produção do saber, um meio de interação com o mundo, adquirindo notícias e informações de outras culturas, outros saberes, ampliando seu olhar sobre a vida que o cerca.

No Ensino Superior, os alunos deveriam chegar com uma boa prática textual, tanto na leitura como na escrita. Como foi visto, na análise do *corpus*, não é o que acontece. A Educação Básica não retém os alunos com baixo desempenho em Língua Portuguesa, e estes, quando chegam à Universidade, defrontam-se com uma quantidade de textos a serem lidos e compreendidos, bem maior do que tinham até o Ensino Médio.

É importante deixar claro para o aluno que existem leituras erradas e que essas leituras ocorrem devido ao descumprimento do Contrato de Comunicação que permeia os gêneros. Professor e aluno precisam refletir sobre os motivos pelos quais ocorreu uma leitura inadequada e que, mais à frente, tais equívocos irão implicar problemas também na produção de textos. Seguindo as reflexões de Cavalcanti (2010, p. 21),

o professor, ao invés de adotar atitudes paternalistas ou 'modernas', como deixar de discutir uma leitura inadequada do aluno por conta de justificativas como 'ele só consegue ler isso', ou 'toda leitura é possível' deve, junto com seu aluno, discutir os sentidos produzidos para descobrir o que levou à construção de interpretações não autorizadas pelo texto.

O medo de assumir que existe o erro leva ao enfraquecimento das metodologias de ensino de leitura e escrita. Aceitar o erro e encarar a leitura e a escrita como processos lentos e trabalhosos, seja na Educação Básica seja no Ensino Superior, são as condições para se construir um ensino de Língua Portuguesa significativo na vida dos alunos, pessoas ativas e dotadas de opinião.

Na escala de dificuldades apresentadas pelos alunos na produção de textos acadêmicos, o gênero resumo foi o que revelou mais desvios quanto às técnicas de produção, dado o grau de neutralidade no dizer exigido dos alunos ao produzirem esse gênero. Falar em poucas palavras sem emitir um juízo de valor, mostrou-se, na análise dos *corpora*, a maior dentre tantas outras dificuldades. Tal fato comprova o pensamento da professora Darcília Simões (2010), na obra *A redação de trabalhos acadêmicos*, quando estabelece uma escala de graus de dificuldade entre os

gêneros acadêmicos fichamento resenha e resumo. Segundo a professora, o gênero resumo é o de mais difícil elaboração.

Feito o comentário acerca da principal dificuldade, cabe destacar o que foi verificado das hipóteses, listadas na introdução desta tese, acerca do emprego das formas remissivas. A primeira hipótese diz respeito a alguns problemas quanto à elaboração dos gêneros estudados estarem relacionadas ao grau de compreensão do assunto e do gênero do texto-fonte. Percebe-se que o grau de compreensão do texto-fonte é maior quando este pertence ao gênero crônica. Como esse gênero aborda assuntos do cotidiano, os alunos sentem-se mais à vontade ao falar sobre temas do dia a dia.

A segunda hipótese pôde ser ratificada na apresentação das tabelas e dos gráficos contendo o número de funções textual-discursivas, nos quais ficou comprovado que a função organizadora é própria do gênero resenha crítica, uma vez que esta apareceu, nos resumos, uma única vez.

A terceira hipótese refere-se à função interlocutiva, cujo papel é construir um diálogo com o leitor. Nela, esse diálogo, é estabelecido a partir de informações que o autor pressupõe serem do conhecimento do leitor. Esse processo torna-se possível porque existe uma estrutura micro que rege toda a produção do aluno e o prende, no momento da produção textual, ao contexto de produção, esquecendo-se do contexto de circulação.

A última hipótese, atrelada à anterior, também foi confirmada no estudo dos casos. Ela considera que a função interlocutiva caracteriza, principalmente no gênero resumo, uma transgressão ao contrato de comunicação dos gêneros em questão. Vale, contudo, ressaltar que esse problema não está relacionado apenas ao descumprimento do contrato de comunicação, mas à falta de construção de contextos reais de produção de textos e de oportunidades de um estudo sistemático dos gêneros acadêmicos.

O texto escrito é um meio que os alunos encontram para expor suas opiniões. Ele proporciona aos alunos ter voz, por isso foi possível constatar, em algumas de suas produções, acréscimos de informações ao texto-base em outra, seus resumos eram maiores que o texto que deu origem a eles.

Os obstáculos enfrentados pelo público discente são muitos e esta pesquisa de tese tem a pretensão de contribuir para elencar e investigar alguns deles. Com relação à produção de textos acadêmicos, muito ainda há por se fazer, a pesquisa é

apenas um passo que foi dado para instigar a criação de propostas voltadas para produção de textos do ambiente acadêmico, propostas essas que deverão ser reais e significativas.

Por fim, cabe destacar a necessidade do desenvolvimento de futuros trabalhos focados na aplicação e análise de reescritura de textos acadêmicos, observando o emprego de formas remissivas e a mudança de sentido envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Teresa Tedesco Vilardo. *O processo de referência e a construção do texto argumentativo*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras UFRJ, Rio de Janeiro: 2002.

ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando 'o pó das ideias simples'*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

_____. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERNARDO, Gustavo. *Redação Inquieta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BRONCKART, Jean –Paul. As unidades de análise da psicologia e sua interpretação: interacionismo social ou interacionismo lógico? In: _____. *Atividade de linguagem, discurso de desenvolvimento humano*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 73 –74.

_____. Os tipos de discurso. In: _____. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999. p. 138.

_____. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino em produção escrita. In: Gêneros Discursivos e Interfaces Teóricas. Désirée Motta-Roth (Org.). *Letras*. Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 163-176, jan/jun 2010.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção: A escritura do texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GAVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Pucinelli; OTONI, Paulo (Org.) *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

COOPER, Marilyn M. Context as Vehicle: Implicatures in writing. In: *What writers Know the language, processe and structure of written discourse*. Edited by Martin Nystrand. Academic Press, 1982.

CUNHA, Celso ; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Van. *Cognição, discurso e interação*. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DOLZ, Joaquim. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FAVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FEITOSA, Vera Cristina. *Redação de textos científicos*. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

_____. & SAVIOLI, Francisco Platão. "Descrição". In: _____. *Lições de texto: leitura e redação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 239-246.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HALLIDAY, M.A .K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. 5.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
_____. *A coesão textual*. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MACHADO, Anna Rachel *et al.* *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004a.

_____. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b.

MAINGUENEAU, Dominique. Problemas de Ethos. In: _____. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006. p . 52-71.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (Org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. *Referenciação e Retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha*. Anais do II Congresso da Abralín, março de 2003.

MATTOS, Amir. *Brincadeiras, pegadinhas e piadas da internet*. Belo Horizonte: Editora Leitura, p. 2001.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Como e quando interferir no comportamento linguístico do aluno. In: JÚDICE, Norimar et al, (Org). *Português em debate*. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999. P. 65-82.

_____. *Gêneros textuais e conceitos afins: questões teóricas*. VIII Fórum de Língua Portuguesa. RJ: UERJ, 2005. p. 4

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília:Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PERELMAN, Chaim e OLBRECTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

POSSENTI, Sirio. *Questões de linguagem: passeio dirigido*. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. A leitura errada existe. *Leitura: teoria & prática*, n. 15, 1990.

PRETA, Stanislaw Ponte. Testemunha Tranquila. In: _____. *Garoto linha dura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 51-53.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Para ler em silêncio*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 56. ed. São Paulo: Record, 1986.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do Discurso na perspectiva dialógica da linguagem: A abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-Roth (Org.). *Gêneros, teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS, Joana Vieira. Limites éticos da comunicação pública. In: _____. *Linguagem e Comunicação*. Coimbra: Almedina, 2011. p. 232-238.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. *Análise e produção de textos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard. ; DOLZ, Joaquim. Os Gêneros Escolares – das práticas de linguagem aos objetivos de ensino. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (Colab.). Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. *Cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 17-23.

_____. *Gramática, ensino plural*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Novas comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 70-71.

VILA, Ignasi. Aquisição da Linguagem. In: COLL, César. PALACIOS, Jesús. MARCHESI, Álvaro (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.1995. p. 71.

ANEXO A**Ficha de identificação do aluno**

Nome:

Bairro onde mora:

Data de nascimento:

Curso:

Ano de ingresso:

Período que está cursando:

Questionário:

1- Nos Ensinos fundamental e médio, você recebeu alguma orientação quanto à produção de texto dissertativo argumentativo? Com que frequência?

2- Como eram essas aulas?

3- Em algum momento de sua vida escolar lhe foram ensinadas técnicas de produção dos gêneros resenha e resumo?

4- Quais são as suas expectativas em relação às aulas de prática de produção textual?

ANEXO B

A pesca - de Affonso Romano de Sant'Anna

O anil
o anzol
o azul

o silêncio
o tempo
o peixe

a agulha
vertical
mergulha

a água
a linha
a espuma

o tempo
o peixe
o silêncio

a garganta
a âncora
o peixe

a boca
o arranco
o rasgão

aberta a água
aberta a chaga
aberto o anzol

aquífero
ágil-claro
estabanado

o peixe
a areia
o sol.

(Affonso Romano de Sant'Anna)

<http://analisedetextos.blogspot.com.br/2009/07/pesca-de-affonso-romano-de-santanna.html>

ANEXO C

Segurança

O ponto de venda mais forte do condomínio era a sua segurança

Havia as belas casas, os jardins, os playgrounds, as piscinas, mas havia, acima de tudo, segurança.

Toda a área era cercada por um muro alto. Havia um portão principal com muitos guardas que controlavam tudo por um circuito fechado de TV.

Só entravam no condomínio os proprietários e visitantes devidamente identificados e crachados.

Mas os assaltos começaram assim mesmo. Ladrões pulavam os muros e assaltavam as casas.

Os condôminos decidiram colocar torres com guardas ao longo do muro alto.

Nos quatro lados. As inspeções tornaram-se mais rigorosas no portão de entrada.

Agora não só os visitantes eram obrigados a usar crachá.

Os proprietários e seus familiares também. Não passava ninguém pelo portão sem se identificar para a guarda. Nem as babás. Nem os bebês.

Mas os assaltos continuaram.

Decidiram eletrificar os muros.

Houve protestos, mas no fim todos concordaram. O mais importante era a segurança. Quem tocasse no fio de alta tensão em cima do muro morreria eletrocutado. Se não morresse, atrairia para o local um batalhão de guardas com ordens de atirar para matar.

Mas os assaltos continuaram.

Grades nas janelas de todas as casas. Era o jeito. Mesmo se os ladrões ultrapassassem os altos muros, e o fio de alta tensão, e as patrulhas, e os cachorros, e a segunda cerca, de arame farpado, erguida dentro do perímetro, não conseguiriam entrar nas casas.

Todas as janelas foram engradadas.

Mas os assaltos continuaram.

Foi feito um apelo para que as pessoas saíssem de casa o mínimo possível.

Dois assaltantes tinham entrado no condomínio no banco de trás do carro de um proprietário, com um revólver apontado para a sua nuca. Assaltaram a casa, depois saíram no carro roubado, com crachás roubados. Além do controle das entradas, passou a ser feito um rigoroso controle das saídas.

Para sair, só com um exame demorado do crachá e com autorização expressa da guarda, que não queria conversa nem aceitava suborno.

Mas os assaltos continuaram.

Foi reforçada a guarda. Construíram uma terceira cerca. As famílias de mais posses, com mais coisas para serem roubadas, mudaram-se para uma chamada área de segurança máxima. E foi tomada uma medida extrema.

Ninguém pode entrar no condomínio. Ninguém.

Visitas, só num local predeterminado pela guarda, sob sua severa vigilância e por curtos períodos.

E ninguém pode sair.

Agora, a segurança é completa.

Não tem havido mais assaltos.

Ninguém precisa temer pelo seu patrimônio. Os ladrões que passam pela calçada só conseguem espiar através do grande portão de ferro e talvez avistar um ou outro condômino agarrado às grades da sua casa, olhando melancolicamente para a rua.

Mas surgiu outro problema.

As tentativas de fuga. E há motins constantes de condôminos que tentam de qualquer maneira atingir a liberdade.

A guarda tem sido obrigada a agir com energia.

Segurança, de Luis Fernando Verissimo, in Comédias para se ler na escola, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, RJ.

ANEXO D

Texto-fonte 1

VERÍSSIMO

Versões

O Globo 22/2/09

Era uma vez uma donzela que caminhava pela beira de um rio quando ouviu um "psiu". Era um sapo, que lhe contou que na verdade era um príncipe amaldiçoado, transformado em sapo por uma bruxa malvada com poderes mágicos. Se a donzela o beijasse, o sapo voltaria a ser príncipe. A donzela acreditou no sapo, beijou-o, ele se transformou de novo em príncipe e os dois se casaram e viveram felizes para sempre.

Anos depois outra donzela teve a mesma experiência. Ouviu a mesma história, sobre a maldição da bruxa que transformava qualquer coisa em outra coisa e fizera o príncipe virar sapo. A donzela concordou em beijar o sapo para livrá-lo da maldição, com uma condição:

— Beijo de língua, não.

E viveram felizes para sempre.

Muitos anos mais tarde, depois da revolução industrial, uma donzela desempregada caminhava pela beira do rio e ouviu a mesma história de um sapo. Concordou em beijá-lo, mas o sapo se transformou num príncipe muito feio, talvez devido à poluição do rio. A donzela protestou e ouviu do príncipe:

— Ué, pra quem já beijou sapo!

Mas casaram-se e tiveram uma vida difícil para

Marcelo



sempre, porque o príncipe, inclusive, perdera tudo com o fim do feudalismo.

Já neste século, a mesma história. "Psiu", sapo, bruxa com poderes mágicos, beijo, tudo igual. Com apenas um instante de hesitação até que se esclarecesse um ponto:

— Precisa ser donzela? Não precisava. Casaram-se e viveram etc.

Anos sessenta. A mesma história, com uma variação: a moça era feminista. Ouviu o que a bruxa com poderes mágicos que transformava qualquer coisa em outra coisa fizera com o príncipe, e concluiu:

— Alguém você andou aprontando!

E solidarizou-se com a bruxa e chutou o sapo. Jovem empresária caminhando pela beira do rio artificial do seu condomínio fechado ouviu o "psiu", depois a conversa do sapo, e — diante dos protestos do sapo — raiocina em voz alta:

— Um príncipe, hoje, não vale muita coisa. Mas imagina o que eu posso ganhar com um sapo falante, só em cachês!

E ela fez muito dinheiro e viveu feliz com o sapo numa gaiola para sempre.

Anteontem. Jovem ouviu a proposta do sapo, mas não decidiu em seguida. Procurou seu consultor financeiro, que lhe lembrou que nada é mais valioso no mercado, hoje, do que informação privilegiada como a que o sapo lhe passara.

E aconselhou:

— Esqueça o sapo e encontre essa bruxal. Com seus poderes mágicos a bruxa poderia transformar moeda fraca em moeda forte, nominativas em preferenciais... Era a solução para a crise!

T.4

Os sebos

Outro dia resolvi peregrinar por alguns sebos do Centro da cidade. Há quanto tempo! O hábito de frequentar sebos remonta à minha juventude, quando ingressei na universidade. O Jornal do Commercio publicava, aos domingos, em pequenos anúncios, relações de livros e revistas, que tinham sido adquiridos por eles. Segunda-feira, às sete da manhã, eis-me em frente à loja do sebo que me interessava. A casa, daquelas bem antigas, só abria às oito, mas, uma hora antes, se formava, na calçada, uma pequena fila de bibliófilos. Abria cedo sim, porque o dono sabia da ansiedade daqueles madrugadores. Situavam-se numa daquelas ruas próximas à Praça Tiradentes. Se eu chegasse em segundo lugar, corria o sério risco de o primeiro da fila querer exatamente a obra que tanto eu sonhava ter em minha biblioteca, que acolhia os primeiros livros. Frustração, por que passei algumas vezes, horrível. Um dia de lamentações pela perda. Já era quase minha, afinal! A aflição em querer adivinhar qual obra interessava ao meu possível concorrente era muito forte. Que vontade de perguntar logo que ele declinas-

ANEXO E
Texto-fonte 2

se o nome do autor cobiçado. Era um jovem, e meus companheiros de expectativa, bem mais velhos. A época, outra, também impunha respeito aos mais velhos. Muitos livros importantes, para aquele tempo, foram sendo adquiridos assim pelo estudante de Letras.

Os sebos mudaram muito. Se tornaram mais numerosos, chegaram aos bairros, ocupando lojas espaçosas, com um acervo considerável. Livrarias de porte. Ao entrar no primeiro, dei logo com o prestantíssimo volume do Secchin sobre... os sebos. Tudo a ver. Meu espanto aumentou quando deparei com exemplares de obras raras. Autor defunto? Defunto autor? Nos velhos tempos, sebo se dedicava mesmo ao comércio de livros raros ou esgotados. Os autores já tinham falecido, ou suas obras já se tinham esgotado há muito tempo, em edições antigas, de tiragens limitadas. O que faziam então os meus ali, de publicação recente? Corri aos exemplares, morto de curiosidade. O primeiro não levava nome de ninguém, intacto, apenas mais barato. Era um sebo! Operações comerciais com distribuidores, com certeza. Avidamente procurei examinar outros. Um deles tinha o nome do comprador. Nenhuma marcação. Virgem de leitura. Não leu e não gostou. Outro não vinha com a página inicial, para ocultar o nome. Preço mais em conta. Um ou outro com poucas marcações em passagens a serem

destacadas, por alguma razão. Não tão importante assim serem lembradas, quem sabe, numa segunda leitura, pois, afinal, seu dono se desfez do exemplar. Mas um me chocou, ao manuseá-lo, e fortemente: estava com o nome do comprador. Simplesmente de um ex-aluno meu! Amigo, forte abraço... na dedicatória! Deve ter ido à noite de autógrafos. Não podia imaginar que ele... Quanto pode ter obtido com a venda? Quase nada. Na verdade, nunca fui com a cara dele. Nem era bom aluno. Podia até tê-lo reprovado.

Pensando bem, preferia os sebos antigos... Aquela expectativa de ser ou não o comprador, a procura nos jornais, aquele cheiro... E os autores não ficavam assim expostos ante suas próprias obras, adquiridas um dia por gente conhecida, por ex-alunos, com quem você tinha convivido numa relação tão próxima, mas que até se desfazia diante do abandono do que você um dia escreveu.

ANEXO F

Texto-fonte 3

CURSOS DE ORATÓRIA AUMENTAM O PODER DE PERSUASÃO

(Técnicas ajudam advogados, professores e até padres a falarem melhor em público se expressando com fluência e objetividade)

Desde Sheherazade, que passou 1001 noites contando histórias para escapar da morte, que está provado e confirmado: a voz humana, se bem empregada com uma narração eficiente, é capaz de fazer milagres. Projetos medíocres no trabalho podem ser aprovados da noite para o dia, graças ao poder de persuasão de quem os defende. Por outro lado, tarefas importantíssimas podem ficar em segundo plano se a pessoa não souber se explicar e confundir os colegas da empresa. Pensando nisso, três instituições de ensino estão lançando cursos de técnicas de apresentação e de oratória. O objetivo é um só: ensinar a falar em público, usando bem a voz para se expressar com fluência e objetividade.

A clareza na comunicação verbal é decisiva na hora de conseguir um emprego. O perfil do profissional do futuro envolve a capacidade de se comunicar e de trabalhar em grupo. Mas no dia a dia das empresas, é comum encontrar pessoas que não sabem ouvir, ou jogam conversa fora, desperdiçando tempo e dinheiro por falta de objetividade – comenta o radialista Marco Aurélio de Souza, professor do curso de oratória da Fundação Mudes.

Timidez e insegurança prejudicam a comunicação

(...) Pioneira nessa área, Glorinha Beuttenmüller trabalhou 18 anos na TV Globo, orientando repórteres, locutores, apresentadores de TV e atores sobre a melhor maneira de falar. No seu curso particular, já atendeu a políticos como o prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde. Mas as aulas estão abertas a simples mortais que, longe do brilho dos palanques ou da TV, podem melhorar a comunicação, nem que seja apenas para fazer mais amigos.

- A fala é o principal veículo de relacionamento do homem. Ela transmite emoção e desperta imagens para o ouvinte. Muitas pessoas saem do curso se sentindo mais seguras – explica ela.

(O GLOBO, Domingo, 01 e março de 1998)

ANEXO G

Texto-fonte 4

Folha de S. Paulo (FOVEST):
quarta-feira, 10 de novembro de 2010

Presidente ou presidenta?

THAÍS NICOLETI DE CAMARGO

especial para a *Folha*

Pela primeira vez no Brasil uma mulher é eleita para o cargo de presidente da República. Será ela "a presidente" ou "a presidenta" do país?

A forma "presidente", herdeira de um tempo verbal latino chamado participio presente, pode servir, atualmente, a ambos os gêneros, bastando para tanto que se faça anteceder do artigo desejado: o presidente (masculino) ou a presidente (feminino).

No latim, havia participio passado, presente e futuro. No português, permaneceu apenas o primeiro, embora os outros dois ainda possam ser reconhecíveis em algumas palavras, que, entretanto, perderam a força característica dos verbos.

Resquícios do participio futuro aparecem em certas palavras terminadas em -ouro ("duradouro", "vindouro" etc). Do participio presente, herdamos grande número de palavras, tanto substantivos como adjetivos ou mesmo conectivos. Sua característica formal é a terminação "-nte", que indica agente de uma ação: estudante (o que estuda), fumante (o que fuma), presidente (o que preside) etc. Adjetivos são provavelmente a maior parte dos termos derivados do participio presente latino (estimulante, independente, ardente, quente, carente, decente, atraente, elegante, competente, valente etc.)

No português, o gerúndio assumiu o lugar do participio presente na expressão de ação em curso. Daí a terminação "-nte" estar associada a nomes, não a verbos, mas, numa construção como "temente a Deus", por exemplo, pode-se dizer que há um vestígio do participio presente.

Note-se, porém, que essa terminação continua fértil na língua. Além de termos derivados de verbos ("palestrante", "contribuinte"), há os formados por analogia, caso de "cadeirante", palavra de entrada recente na língua, calcada em "ambulante".

Entre os adjetivos, não há hesitação quanto a gênero – são uniformes, sem flexão. Os substantivos oscilam, ora assumindo a desinência "-a" de feminino, ora mantendo-se invariáveis. "Infante", por exemplo, tem feminino ("infanta"). É bastante conhecida a peça musical de Ravel cujo título é traduzido para o português como "Pavana para uma Infanta Defunta". "Parente" também admite o feminino ("parenta").

É esse o caso ainda de "presidente", que pode, sim, assumir no feminino a forma "presidenta", existente na língua há muito tempo, embora de uso pouco comum. Os que defendem o reforço da inclusão de gênero advogam ser a forma marcada a mais adequada neste momento.

Thaís Nicoleti de Camargo é consultora de língua portuguesa do grupo Folha-UOL.

ANEXO H

Resenhas -Texto-fonte: Versões

A mulher adaptada ao seu tempo

Luis Fernando Veríssimo, na crônica Versões do jornal O Globo, de 22/02/2009, escreve sobre o caminho percorrido pela mulher, a figura feminina, no decorrer dos tempos. Para isso, utilizou a história infantil A Princesa e o Sapo, na qual a princesa precisa beijar o sapo para ele voltar a ser um lindo príncipe, desfazendo, com isso, o feitiço produzido por uma bruxa malvada.

Veríssimo então começa com a história tradicional, onde a princesa aceita beijar o sapo, ele volta a ser príncipe e vivem felizes para sempre; na história seguinte, a princesa, que Veríssimo nomeia donzela, beija-o, mas impondo um certo limite:

“ – Beijo de língua, não.”

Na outra versão, com uma donzela diferente das duas primeiras, Veríssimo começa a contextualizar, informando que a história passa após a revolução industrial; a donzela, desempregada, resolve beijar o sapo, que vira um príncipe, mas um príncipe muito feio. Como ele perdeu tudo com o fim do feudalismo, tiveram uma vida difícil para sempre.

A partir das versões seguintes, a história passa neste século, a figura feminina então está mais moderna, chegando a perguntar para o sapo se havia a necessidade de ser donzela para que a maldição se desfizesse; não havia, casaram-se e viveram... Já nos anos sessenta, a moça era feminista, ficando, portanto, a favor da bruxa e chutando o sapo.

Nas duas últimas, a jovem, cada vez mais moderna, opta pelo caminho mais prático e lucrativo, tirando proveito ora do próprio sapo, ora da bruxa malvada, pois já que transformara um príncipe em sapo, seria a solução para a crise, visto que “poderia transformar moeda fraca em moeda forte, nominativas em preferenciais...”

Luis Fernando Veríssimo, com uma pitada de humor, retratou a mulher em versões diferentes, adaptando-a em cada contexto trabalhado por ele até os dias de hoje. Não havia de se esperar que a mulher não se moldasse, não se atualizasse,

tornando, no passar dos tempos, **uma outra mulher**, com valores e prioridades divergentes dos que possuía antes; **uma pessoa à frente de seu tempo**, com poder de decisão, principalmente, relação às suas coisas, à sua própria vida.

ANEXO I

Do conto à realidade

Através do famoso conto em que **uma donzela** beija **um sapo** e quebra **o feitiço** (feito por **uma bruxa**) e voltar a ser **um príncipe**, Veríssimo descreve diversas gerações até os dias atuais. Sendo precisamente **o papel da mulher no mundo o foco de tudo**.

É possível fazer uma analogia com a história, pois antigamente como **a mulher** não era reconhecida no mercado de trabalho, o único modo de melhorar de vida era se casando com um homem rico. Nota-se **a perda do pudor feminino** com o passar dos séculos, quando **donzela** se nega a dar um beijo de língua e muito posteriormente outra pergunta se precisa ser donzela, causando humor.

Outras duas versões chamaram a minha atenção, **a primeira é a mulher feminista** – marca dos anos 60 – ela dá razão a bruxa e chuta o sapo. E **a segunda** representa **a estabilidade da mulher no mercado de trabalho**, **uma jovem empresária** que ao invés de escolher príncipe para si, dispensa-o e lucra com o **sapo falante** – desse eu fiquei com pena.

No final da história a última versão é bem diferente, pois agora há uma forma de ganhar mais dinheiro, indo atrás da bruxa que enfeitiçou **o coitado do príncipe** e que deve ter muitos outros poderes, como o de aumentar o dinheiro **da moça interesseira**.

As histórias são bem engraçadas, mas excluem o romantismo, pois a cada década **as mulheres passam a serem mais ambiciosas** e a não se importaram com o próximo. **Essa situação** se assemelha **as inversões de papéis**, já que antigamente era o homem quem controlava o dinheiro e escolhia a mulher com quem ele ia se casar.

ANEXO J

VERÍSSIMO, Luis Fernando

Texto Versões

Jornal O Globo

2009

“Era uma vez uma donzela que caminhava pela beira de um rio quando ouviu um “psiu”. Era um príncipe amaldiçoado, transformado em sapo por uma bruxa malvada com poderes mágicos.

Anos depois outra donzela teve a mesma experiência. Ouviu a mesma história e concordou em beijar o sapo para livrá-lo da maldição, com uma condição:

- Beijo de língua, não

Depois da revolução industrial, uma donzela desempregada caminhava pela beira do rio e ouviu a mesma história de um sapo. Concordou em beijá-lo, mas o sapo transformou-se em um príncipe muito feio, talvez devido à poluição do rio. A donzela protestou, casaram-se e tiveram uma vida difícil, porque o príncipe, inclusive perdera tudo com o fim do feudalismo.

- Já neste século, a mesma história. Psiu, sapo,

- Precisa ser donzela? Não precisava.

Anos sessenta. A mesma história, com uma variação: a moça era feminista, solidarizou-se com a bruxa e chutou o sapo.

Anteontem, jovem ouviu a proposta do sapo, mas não decidiu em seguida. Procurou seu consultor financeiro que aconselhou:

- Esqueça o sapo e encontre a bruxa!

Com seus poderes mágicos... Era a solução para a crise!”

Essa sem dúvida é uma história que encontra-se no inconsciente de todos os que um dia foram crianças cujas fantasias foram alimentadas por esse tipo de narrativa, na qual o final é sempre feliz. Entretanto, diferentemente da fantasia, a inocência característica das crianças perde, progressivamente, seu lugar frente às transformações pelas quais as sociedades de um modo geral passam.

O texto retrata de forma bem-humorada e muito interessante que nada escapa à mudança dos tempos, e nos mostra o quanto elas se refletem nas nossas relações com o mundo.

Dos contos de fadas à globalização e à crise econômica, seguramente houve um longo percurso, mas as histórias que alimentaram a fantasia dos nossos pais e avós continuarão vivas ainda que, simplesmente, para ilustrar um texto de uma coluna de jornal.

ANEXO K

(Sem título)

Crônica: Versões de Luís Fernando Veríssimo

Luís Fernando Veríssimo é filho do também escritor Érico Veríssimo, nasceu em Porto Alegre no dia 26 de setembro de 1936. Estudou na Universidade de Califórnia onde seu pai lecionou por dois anos além de escrever, Veríssimo é apaixonado por música, chegou a fazer aula e até hoje não desgruda de seu saxofone.

Grande cronista e **autor de contos** como “**Amor Brasileiro**”, “**A mãe de Freud**” dentre outros. Também se destacou como **romancista** um de seus romances foi: “O Jardim e o Diabo”. Chegou a escrever contos infanto-juvenis e participou de algumas Coletâneas.

Veríssimo se destaca com **suas crônicas publicadas no Jornal O Globo** com seu humor irreverente, ele compôs diversas dentre elas a que trato aqui **é a intitulada “Versões”** teve sua publicação no Jornal do dia 22 de fevereiro de 2009. Como já é de costume, ele não perdeu seu bom e conhecido humor pode-se perceber ao ler **esta crônica** que trata de modo cômico e satiriza **um velho conto infantil** de **uma donzela** que se depara com **um sapo enfeitado** e ao beijá-lo o transforma **no mais belo príncipe** e claro ambos vivem “**felizes para sempre**”, já é de praxe.

Esse príncipe encantado existe? **Esse final feliz** é possível? É o que Veríssimo nos mostra em sua obra. Para começar ele faz como no conto como já mencionei e realmente a donzela transforma **o tal sapo** que ela encontrou na beira de um rio **no lindo príncipe** e como não poderia ser diferente, vivem felizes para sempre. Só que há uma passagem de tempo e a cena volta a se repetir, dessa vez **outra donzela** encontra um sapo também na beira de um rio que explica sobre **o feitiço** e pede um beijo, essa já deixa claro que não será beijo de língua. Com outra passagem de tempo, aparece **uma terceira moça**, essa surge após **a Revolução Industrial**, onde todas as novidades estavam surgindo, tudo que era de moderno e com essa modernidade **a “moça”** também se modernizou e seu jeito de pensar progrediu junto com ela. Com **esse ar de modernidade** explodindo, **as mulheres** não

necessariamente eram “donzelas”, pois essas eram mais diferentes das que foram citadas anteriormente essas não eram submissas, buscavam igualdades e pensavam muito diferente, bem (**feminista**) como o próprio autor deixa exposto. Pois essa não perdeu tempo, percebeu que não iria ter lucro com um sapo falante e o beijando, tão pouco teria com ele virando príncipe, por isso resolveu buscar a tal bruxa que o enfeitiçou, já que ela consegue transformar príncipe em um sapo conseguiria fazer moedas de pouco valor ficar com muito mais valor. Isso mostra o quão esperta já estava a mulher com o passar do tempo, com a modernidade enfim. Essa de boba não tinha absolutamente nada, pelo contrário quis juntar o útil ao agradável, sem perder tempo.

As mulheres já não estavam mais acreditando em lábias e não caíam em lorotas, já estavam para rente e não se deixavam enganar-se, sabiam bem o que queriam e buscavam seus verdadeiros ideais.

ANEXO L

A evolução destrói a personalidade

“Era uma vez uma donzela que caminhava pela beira de um rio quando ouviu um “psiu”. Era um sapo, que lhe contou que na verdade era um príncipe amaldiçoado, transformado em sapo por uma bruxa malvada com poderes mágicos. Se a donzela o beijasse o sapo voltaria a ser príncipe. A donzela acreditou no sapo, beijou-o, ele se transformou de novo em príncipe e viveram felizes para sempre”.

Anos depois outra donzela teve a mesma experiência. Ouviu a mesma história, sobre a maldição da bruxa que transformava qualquer coisa em outra coisa e fizera o príncipe virar sapo. A donzela concordou em beijar o sapo para livrá-lo da maldição, com uma condição:

- Beijo de língua, não.”

Tempo bom, maravilhoso, uma época em que a terra era o próprio paraíso. Nesse período as pessoas não questionavam, simplesmente acreditavam em contos de fada. A magia de fato existia, o ser humano era verdadeiramente “humano” bastava um simples pedido de ajuda e lá estava a bondade, a voluntariedade que certo modo caracterizava o indivíduo que não se importava a quem iria prestar socorro, poderia ser até um simples sapo. Porém, esses momentos de flores começam a apresentar mudanças e o gesto de estender as mãos a um necessitado se submete agora a certas condições. Partindo desse princípio, Luís Fernando Veríssimo nos transmite uma ideia de que cada ano pode se ter a mesma história, entretanto com versões diferentes, e que estas nem sempre terão finais felizes, pois as mudanças que estão a nossa volta têm influência direta no comportamento da sociedade. No próximo parágrafo ele deixa isso explicitamente.

“Muitos anos mais tarde, depois da revolução industrial, uma donzela desempregada caminhava pela beira do rio e ouviu a mesma história de um sapo. Concordou em beijá-lo, mas o sapo se transformou num príncipe muito feio, talvez devido à poluição do rio. A donzela protestou e ouviu do príncipe:

- Ué, pra quem já beijou sapo!

Mas casaram-se e tiveram uma vida difícil sempre, porque o príncipe, inclusive, perdera tudo com o fim do feudalismo.

Com novos meios de se produzir as mercadorias, a revolução industrial trouxe consequências notórias principalmente ao meio ambiente. Pois as máquinas que utilizavam o carvão mineral como energia aumentava a poluição do ar, e também vale lembrar que a utilização desse meio de produzir mercadorias em larga escala, mas em curto prazo, diminuiu o trabalho artesanal, ou seja, o que tinha o total controle de sua produção (patrão) que era feita manualmente, não teve como competir com as máquinas, e com isso, tinha que se sujeitar a ser (empregado) nas fábricas, e estas com péssimas qualidades de trabalho e gerava muitas doenças para os trabalhadores. E aqueles que não se submeterem a essas condições ficavam desempregados, deve ser por esses motivos que o autor mencionou que a donzela nesse trecho, se encontrava desempregada e o príncipe devido às contaminações existente nesse período se transformou em um homem muito feio, pois sem saneamento básico, todos os resíduos eram jogados nos rios.

“Anos sessenta. A mesma história, com uma variação: a moça era feminista. Ouviu o que a bruxa com poderes mágicos que transformava qualquer coisa em outra coisa fizera com o príncipe, e concluiu:

- Alguma você andou aprontando!

E solidarizou-se com a bruxa e chutou o sapo”.

Podemos perceber que, ao passar dos anos as pessoas deixam de acreditar em certas histórias e passam a analisar os fatos que envolvem o necessitado. No caso acima, o fato relevante que demonstra o porquê do sapo estar nessa condição foi o resultado de seu próprio erro. Então para que ajudar se está pagando por algo que fez?

Os últimos capítulos comprovam que com o desenvolvimento do mundo, as pessoas deixaram suas simplicidades e passaram a pensar mais em si mesmas, considerando em primeiro lugar suas necessidades e prioridades, deixando refletir um individualismo egoísta, que por consequência deixará inexistente o seu próximo.

ANEXO M

A evolução do Pensamento feminino

Um texto bastante interessante de Veríssimo que nos faz refletir sobre a mudança do pensamento da sociedade, principalmente da mulher, ao longo do tempo, com a ajuda de elementos conhecidos por todos tanto no passado como no presente.

O artigo é dividido em várias partes com o mesmo tema central, só que cada uma em um momento diferente da história e com isso, o seu desenrolar também é distinto. A primeira parte está na época medieval, com a tradicional história da donzela que beija um sapo e este vira um príncipe. Se casam e são felizes para sempre. No segundo momento, anos depois, mas ainda bem antigamente, ocorre o mesmo, porém a donzela impõe ao sapo a condição de não beijá-lo de língua. A terceira parte já é depois da revolução industrial, a donzela é desempregada, o sapo vira um homem feio e eles têm uma vida difícil. A quarta época já é neste século, tudo igual, com apenas um agravante: já não se precisa ser donzela. No quinto momento, nos anos sessenta, a mulher, feminista, já está do lado da bruxa que transformou o príncipe em sapo, pois se ela fez algo, foi mais que merecido. Mais tarde, já se fala em uma jovem empresária na beira do rio artificial de seu condomínio fechado, que não se importa com a história do sapo, pois príncipes não valem mais muita coisa, e sim o dinheiro que ganharia com um sapo falante. Por fim, anteontem, a jovem procura seu consultor financeiro que lhe diz para procurar essa bruxa, pois ela seria a solução da crise transformando moeda fraca em forte.

Com esse texto, podemos perceber que com o passar do tempo, a mente das mulheres não está mais focada em encontrar o seu príncipe encantado e em se casar, e sim na sua independência, no seu poder econômico, acompanhando o próprio ritmo da evolução do mundo pouco a pouco. Assim, ela já começa a impor limites não beijando de língua, a realidade começa a mudar com o príncipe já não sendo mais tão bonito e nem a vida sendo mais tão fácil, já não se precisava nem mais ser donzela e sim uma mulher com opinião própria formada defensora do feminismo e finalmente a mulher atual que pensa mais no capital.

ANEXO N

Resenhas sobre o texto-fonte Os Sebos, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa

O antigo ou o novo?

Uchôa, Carlos Eduardo Falcão. A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem. Odisséia, Rio de Janeiro. P. 33-35.

Em **uma reunião de várias crônicas**, Carlos Eduardo Uchôa, conta suas experiências de vida em diferentes questões. Aqui será tratada **uma crônica em particular, intitulada Os sebos**, na qual **o autor** remonta **lembranças de um determinado momento de sua vida**, com muita vivacidade, sem desconectá-las do presente, não as deixando isoladas em seu passado. Dessa forma, o autor toma posicionamento crítico sobre **as diferentes mudanças que aconteceram no local o qual originou o título do texto**.

Os sebos traz **uma parte trabalhosa da vida de Uchôa**, **o período de formação superior**, na qual peregrinava em busca de livros **nos sebos**. O ponto de partida era o Jornal do Commercio que o mantinha atualizado das novidades **nesses estabelecimentos**, o que parece ser bastante desgastante em vista da praticidade com que a tecnologia atual obsequia a todos que tem acesso a ela. Além de contar sobre seus desapontamentos nessas procuras, os companheiros de fila e expectativa que geralmente eram mais velhos, a partir daí o autor começa a fazer comparações temporais, logo em seguida afirma “a época outra também impunha respeito aos mais velhos”; apresentando a diferença do respeito entre as épocas, talvez na sua época este fosse mais forte do que visivelmente é hoje.

É discorrido **na crônica as transformações dos sebos** que antes eram casas “daquelas bem antigas” e em quantidade ínfima; entretanto, se encontram agora “numerosas”, “ocupando lojas espaçosas”. Não só há **essa transformação**, como também, **a mais surpreendente para Uchôa**, acredito, que foi **o objetivo comercial desses estabelecimentos** que antes trabalhava com a venda de livros raros dos quais, muitas vezes, os autores já haviam morrido e atualmente comercializam livros raros, recentes.

Em um passeio pelos sebos, Uchôa se depara com uma obra de sua autoria e estando desavisado **da nova forma de transação**, toma um susto, já que os concebe como dantes. Assim, entra no dilema: “Autor defunto? Defunto autor? ” que é **uma**

evidente intertextualidade da obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e para quem a leu fica fácil compartilhar dessa situação que o autor passou. Com isso, o autor consegue tornar sua experiência viva; pois, usa de uma conhecida obra para fazer daquele momento assustador do qual se encontrara, bem encaixado à situação e compreendido.

Depois foi despertada, no autor, a curiosidade de ver a quem pertencera os livros que ali estavam, examinou alguns até que achou em um o nome do dono e dedicatória do autor. Uchôa ficou muito chocado; daí vieram recordações de que o antigo dono desse livro fora seu aluno, parece que não gosta delas nem de seu ex-aluno. E os questionamentos surgiram em sua mente de quanto teria seu antigo discente ganhado com a transação e concluiu: “Quase nada”, o que transparece insegurança e frustração do autor, devido ao fato de ter conhecido a pessoa, por querer saber os motivos pelos quais suas obras estavam ali e se elas estavam sendo desvalorizadas.

Uchôa mostra sua posição diante de tais mudanças, no último parágrafo. Este prefere os sebos antigos, do seu tempo; pois afirma que “...os autores não ficam assim expostos ante suas próprias obras, adquiridas por gente conhecida...mas que até se desfazia diante do abandono do que um dia você escreveu”. Por conseguinte, pode-se ver que a posição tomada é negativa sobre os sebos atuais. Todavia, estes não podem ser vistos unicamente por esse lado da moeda, por ser tão supérfluo e vaidoso, porque atualmente além de disponibilizarem livros de vários gêneros, com a possibilidade de obtê-los por meio de troca; atraindo não só um determinado grupo de interessados. Então, os sebos hoje em dia podem ser considerados muito melhores, visto que, se tornaram mais democráticos, que enriquece qualquer classe social culturalmente.

Carlos Eduardo Uchôa, nesta crônica, transmite, de maneira clara, as emoções pelas quais passou, utiliza de recursos que ajudam nisso, como a ênfase na escrita, usando muitos pontos de interrogação e exclamação, assim, não é prolixo e se torna facilmente entendido. Consegue fazer o leitor embarcar em seu retrocesso e pelo exemplo de sua experiência mostra a disparidade entre as épocas.

ANEXO O

Fila de sonhos

Autor: Carlos Eduardo Falcão Uchôa

Obra: “A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem.”

Editora: Odisseia

Local: Rio de Janeiro

Primeira Edição – 2013

Páginas: 33-35

A crônica “Os sebos”, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, retrata a história de um professor que desde a sua infância costumava frequentar sebos, já que era um fascinado por livros. Em um determinado momento do texto, ele faz uma crítica aos novos sebos que foram sendo criados com o passar do tempo, e a crítica ganha mais força ainda, quando, ao manusear um livro seu, já exposto em um sebo, sebo era para raridades, autores já mortos...descobre que o comprador era um ex-aluno. Acho que se um dia os sebos foram tão maravilhosos como diz o autor, que filas se formavam uma hora antes do velhinho abrir as portas, a apreensão tomava conta de todos; hoje em dia, dá para melhorar essa condição, só precisa do esforço de algumas pessoas. O autor explicita muito bem o tamanho da aflição das pessoas para conseguirem as sonhadas obras. Um minuto de atraso e a obra que você tanto queria poderia parar nas mãos de uma outra pessoa. Poucos lugares são capazes de fazer as pessoas acordarem ainda de madrugada pra sair de casa e enfrentar uma fila, os sebos, eram capazes disso. Filas enormes durante a madrugada, sem pressa nenhuma de sair dali, apenas apreensivo, se não fosse o primeiro da fila, para não perder o tão sonhado livro em sua biblioteca.

Os sebos eram locais que atraíam pessoas com um pouco mais de idade, mas os jovens que ali estavam, ficavam impressionados com tamanha sabedoria daquelas pessoas, que eram iguais a eles, só que mais sábia, pois frequentavam esses lugares a anos. O problema foi quando os sebos chegaram aos bairros, as grandes lojas...não eram mais os mesmos, nem perto disso. Dentro dos sebos, obra sobre o mesmo... ninguém mais entendia qual seria o sentido de continuar frequentando esse lugar. Lugar esse, que hoje já possui um lugar na internet, acabando com o

prazer das pessoas de acordar cedo somente pra ir até lá, ficar na fila esperando ansiosamente pela sua vez, para que ninguém tenha escolhido a obra que você queria... realmente o mundo moderno acaba sendo moderno demais as vezes, **os sebos perderam muito do seu valor**, e cada dia vão perdendo mais, até o dia que todos acabarão de vez, e as pessoas mais velhas se lembrarão com muito carinho **do lugar que os fizeram perder horas de sono**, para conseguir um bom lugar na fila.

ANEXO P

O capitalismo editorial

Em sua obra “A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem” publicada pela editora Odisseia, Carlos Eduardo Falcão Uchôa separa o capítulo chamado “Os sebos” que vai da página 33 até 35, para descreve um pouco sobre as diferenças existente entre os sebos antigos e os atuais.

No texto de Uchôa percebe-se que os sebos perderam a essência que eles tinham: “Nos velhos tempos, sebo se dedicava mesmo ao comércio de livros raros ou esgotados. Os autores já tinham falecido ou as suas obras já se tinham esgotado há muito tempo, em edições antigas, de tiragem limitada. ” Essa essência se acabou porque o interesse de muitas pessoas é buscar livros mais baratos, ou para vender os que têm em casa com a finalidade de se obter lucro. Essa finalidade pode ser observada quando o autor indignado descobre um sebo que tinha seus livros de publicações recentes. “O que faziam então os meus ali, de publicações recentes? ”

Antigamente, no tempo em que o autor era jovem, pessoas formavam filas antes mesmo das lojas abrirem, pois estas eram poucas e a concorrência por livros era grande. Essas mesmas pessoas eram leitores que faziam bibliotecas em suas casas com os livros dos sebos. Eram pessoas competitivas: “Se eu chegasse em segundo lugar, corria o sério risco de o primeiro da fila querer exatamente a obra que tanto eu sonhava ter em minha biblioteca, que acolhi os primeiros livros. ”

Pode-se concluir que essa crônica é uma crítica ao rumo em que os sebos são vistos e apresentados para a população. Não importa se as obras são recentes ou autor ainda é vivo, se a obra é uma literatura clássica ou um *best seller*, o capitalismo fala mais alto. Logo, os sebos são locais de capitalismo editorial, em que muitas das vezes vender livros aos sebos é uma forma de se ter dinheiro, ou comprar livros nos mesmos sai bem mais lucrativo.

ANEXO Q

Uma visão melancólica

Os Sebos, pertencente à obra *A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem* de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, é uma construção nostálgica do cronista que resolveu descrever sua visita a alguns sebos do Centro da cidade, hábito iniciado ao ingressar a Universidade, relatando a experiência. Antes, porém, o autor recorda como eram realizadas tais visitas no passado, quando ainda era um jovem universitário, informando tanto sua preparação quanto o passo a passo adotado.

De início, o cronista afirma que, no domingo, lia o Jornal do Comércio, verificando a relação de livros e revistas adquiridos recentemente pelos sebos, a fim de, no dia seguinte, comparecer às lojas. Apesar das mesmas abrirem apenas às 8 horas, ele e demais interessados, os “companheiros de expectativa”, chegavam às 7 horas, formando uma fila. O autor comenta, ainda, sobre a ansiedade de se descobrir qual o livro que o outro “companheiro” intencionava comprar, uma vez que já tinha vivenciado a frustração do primeiro do fila pegar, exatamente, o livro que tanto queria.

Após estas reflexões, o cronista se volta ao relato do dia fatídico: “peregrinar por alguns sebos” nos dias atuais. Durante o passeio, contudo, o mesmo constata várias mudanças ocorridas desde sua juventude até aquele momento: o crescimento da quantidade de lojas, a implantação de sebos em diversos bairros, o aumento do acervo disponível, e a equivalência dos sebos às livrarias de porte. Dentre tantas modificações, entretanto, a maior delas acontece quando se surpreende com seus próprios livros colocados à venda no sebo, gerando visível desconforto, o que pode ser averiguado pelo tom de indignação ao examinar, “morto de curiosidade”, cada um deles.

No primeiro livro analisado, conclui que o mesmo está intacto: fruto de “operações comerciais com distribuidoras, com certeza”. No segundo, percebe que existe tão somente o nome do comprador: “não leu e não gostou”. Já no terceiro, o cronista nota a ausência de uma marcação em diversas páginas: “não tão importante (...), afinal, seu dono se desfez do exemplar”. Todavia, de todos os seus livros analisados, o que lhe causa grande espanto é o quinto, pois observa que

pertencia a um ex-aluno seu, contendo, inclusive, dedicatória. Sua revolta, e talvez raiva, é demonstrada em suas considerações: “(...) *nunca fui com a cara dele. Nem era bom aluno. Podia até tê-lo reprovado*”.

Sob total perspectiva, o autor finaliza dizendo preferir os sebos antigos, passando por todo o processo necessário para a efetiva compra da obra desejada: a expectativa de ser o possível comprador, a busca nos jornais e o contato com livros raros e velhos. Segundo sua visão, ao menos do jeito antigo, os autores não ficariam expostos perante suas obras descartadas.

Em *Os Sebos*, portanto, o cronista evidencia de modo melancólico as transformações ocorridas em relação aos sebos, sem identificar outras questões importantes como: o aumento no número de estudantes exige a criação de várias lojas, bem como que haja uma maior disponibilidade de exemplares. Além disso, o autor não se dá conta de que o conceito de sebo se expandiu. Atualmente, corresponde a um lugar onde as pessoas podem acessar todo e qualquer tipo de literatura, independente da data de sua publicação, por um preço acessível, incluindo um público que, muitas vezes, não tem condições financeiras para obter uma obra direto da livraria.

Sem dúvida, o episódio de o autor encontrar seus próprios livros no sebo contribui para uma visão negativa deste. Infelizmente, o que ele não compreendeu, e que talvez fizesse a diferença, foi o fato de que os livros expostos nos sebos não são apenas aqueles velhos, usados, os quais ninguém quer. Na verdade, se tratam de relíquias à espera de um estudante ou bibliófilo necessitado e sedento por adquiri-las, seja qual for o passo a passo a ser seguido, e que, de alguma maneira, ser-lhe-á bastante útil.

ANEXO R

Amor por livros antigos

O Texto de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, em sua obra “A vida e o tempo em tom de conversa”, na versão crônicas de um professor de linguagem da editora Odisseia, Rio de Janeiro, das páginas 33 a 35, retrata a paixão do personagem pelos sebos, paixão essa que vinha desde à sua juventude.

Na crônica, autor já expõe de forma clara e objetiva esse amor da personagem quando fala “segunda-feira às sete da manhã, eis-me em frente à loja do sebo”.

Nesta passagem fica nítido a fixação por livros antigos.

O cronista também retrata a ampliação dos sebos, que se tornaram maiores com um, número grande de livros. E levanta a questão de possuírem livros recentes o que foge um pouco das características de um sebo que mantém livros raros e esgotados nas livrarias.

Dirigindo-se para o fim da crônica o autor relata o espanto do personagem ao encontrar seu livro que apresentava como comprador um ex-aluno com o qual o personagem nunca havia tido nenhuma afinidade.

Não há dúvidas de que Carlos Eduardo nessa crônica ele expõe o amor pelos sebos, mas faz através da personagem uma crítica pelo fato de os sebos apresentarem livros cujo autores ainda vivem e podem deparar-se com sua obra.

ANEXO S

Mudanças, sebos e experiências pessoais: reflexão e conversa com Carlos Eduardo Uchôa

A crônica “Os sebos” compõe o livro *A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem*, escrito por Carlos Eduardo Falcão Uchôa e publicado pela editora Odisseia. Como sugere o próprio título da obra, é mesmo em “tom de conversa” que Uchôa narra sobre experiências nos sebos em dois momentos distintos de sua vida, descortinando ao leitor as mudanças ocorridas tanto nesse espaço quanto em sua própria intimidade.

A linguagem é simples e direta, sem muitos rodeios ou descrições. Mesmo com uma escrita objetiva, a personalidade do autor não é comprometida. Muito pelo contrário, ela se faz presente e clara na medida em que a sua memória e sentimentos ficam bastante evidentes para qualquer leitor, mesmo aqueles mais descompromissados. A estrutura da crônica também não é elaborada: três páginas e três parágrafos são suficientes para suscitar reflexões em torno das alterações causadas pelo tempo nos sebos.

Desde a primeira linha, o nome que dá título à crônica aparece: “Outro dia resolvi peregrinar por alguns sebos do Centro da Cidade.” A partir disso, o autor destaca a importância destes espaços (os sebos) na sua formação, utilizando a memória como cerne da primeira parte da narrativa. Revela, assim, a atmosfera de expectativa, ansiedade e até mesmo adoração que se instalava em sua vida – quando era jovem – às segundas-feiras, dia em que podia adquirir novos títulos nos sebos, depois de ter tomado notas sobre cada um deles no jornal de domingo.

Todo o clima que remonta aos tempos de juventude do autor é, no entanto, contrastado com o das páginas seguintes, nas quais Carlos Eduardo evidencia uma mudança de paradigma em relação aos sebos e à sua própria vida. Esses espaços, antes destinados à venda de livros raros ou de autores já falecidos, são agora numerosos e contam com um acervo bem mais amplo que antes. O sentido da comercialização parece sobrepor-se ao apreço e gosto pelos livros. Ao mesmo tempo, sua vida também é outra: ele, que antes era assíduo leitor e estudante universitário, é agora escritor e professor universitário.

São as transformações o foco principal da narrativa. Ao deparar-se com seus próprios livros, que são contemporâneos, em um sebo, Uchôa chama a atenção para uma mudança de paradigma. Esta mudança se dá no âmbito das interações leitor-livro, autor-leitor e livro-autor, uma vez que os sebos não são mais espaços que envolvem todo o sentimento que o jovem Carlos atribuía a eles. O seu olhar agora é outro, assim como os tempos também são. Dessa maneira, através da experiência pessoal de Carlos, a crônica é um bom material para quem se interessa ou pretende discutir sobre o atual mercado de livros e a cultura de leitura no Brasil.

ANEXO T

(sem título)

O autor traz a discussão expondo sua opinião sobre como o tempo passa e muitas mudanças ocorrem, trazendo novas importâncias a algumas coisas e menos a outras. Inclusive o quanto outras coisas também perdem a importância que tinham. Para exemplificar, o texto fala sobre os Sebos e a devida importância que eles têm hoje em dia e a que tinham antigamente.

Uchôa conta que o Sebo, quando ele ainda era jovem, era um lugar onde eram vendidos livros já usados, e ainda o é, alguns até já bem velhos e muito manuseados, as que ainda poderiam servir principalmente para jovens como ele que tinham um acervo bem grande e colecionadores que na época acordavam cedo para adquirir um novo exemplar. Estas lojas de livros usados costumam ser bastante frequentadas por curiosos, estudiosos e colecionadores. Muitos se “encontravam”, a ida a tais lugares causava expectativa, pois havia muitos livros variados de diversos preços e autores e conseqüentemente muitos bibliófilos que almejavam ansiosamente em fila para adquirir seu exemplar procurado, madrugavam esperando para comprá-los.

O autor conta sobre o misto de sentimentos de frustração e alegria até mesmo um pouco de suspense que passava ao querer comprar determinado livro e não conseguir, pois quem estava a sua frente na fila o comprara primeiro. Muitos estudantes de letras foram beneficiados com os sebos que, de fato, eram mais valorizados. Livros importantes, outros não tão importantes, o tempo passou e hoje os sebos mudaram muito. Não há mais aquela busca incessante e os olhares para os Sebos são outros, embora sejam espaços essenciais para a preservação da cultura e o estímulo à leitura. Democratiza, de fato, o acesso à cultura através da leitura, disponibilizando o conhecimento a baixo custo. Além de difundir a importância do livro como instrumento de integralização do ser humano.

O autor demonstra um pouco de indignação em relação às mudanças e descaso que muitos sebos passaram a ter principalmente diante do mundo moderno e o seu crescimento o que tornou os Sebos verdadeiras livrarias, com mais espaço, com um acervo mais considerável, com maior concorrência, e conseqüentemente os

autores que antes tinham seus livros cobiçados passaram a ser apenas obras e muitos esquecidos nas prateleiras sem prestígio algum ou qualquer validade. Apenas mais um.

O que antes se dedicava a livros raros ou esgotados, com autores já falecidos, agora se dedica a livros recentes e até de muito sucesso ou não, às primeiras edições, os que levam encadernação de luxo, que podem ter até um custo maior por seu valor histórico. Afinal, basta que alguém queira trocá-lo por outro ou vende-lo ao Sebo. Ou até mesmo obras comerciais com os distribuidores.

Uchôa demonstra ainda que ficou mais estarecido ao visitar **os sebos de hoje**, encontrou um livro de sua autoria e percebeu que em alguns exemplares os antigos donos poderiam até ter lido por algum motivo, mas que talvez não tivesse sido de tamanha relevância. Como poderia o próprio autor do livro entrar no sebo e encontrá-lo lá? O que não aconteceria nos Sebos de antigamente. Sentiu-se exposto. Talvez a expectativa e alegria, a procura nos jornais fossem mais convidativos à leitura e tivessem mais a ver com **o objetivo inicial do Sebo** do que hoje que não se diferencia muito de uma outra livraria. Aliás, muitos Sebos atualmente disponibilizam uma oferta mais ampla de autores do que as livrarias tradicionais. Podemos imaginar então como será daqui a alguns anos. Será que ainda vão existir? A verdade é que enquanto os livros forem mais baratos, os Sebos vão ter público e crescerão mais e mais.

ANEXO U

Um sebo e um ego

O hábito de frequentar livrarias não é tão recorrente quanto deveria ser. O de frequentar sebos menos ainda. Os que o fazem são realmente amantes de leitura e sabem onde encontrar os verdadeiros tesouros da literatura. Isso mostra que locais como sebos são um recanto de livros antigos, raridade, exemplares que hoje você tem sorte de encontrar disponíveis para venda. Em sua pequena crônica, Carlos Eduardo Falcão Uchôa, nos mostra o que acontece quando um livro atual encontra-se à venda em um sebo.

Para nós, e “nós” significa “os frequentadores de sebos”, é normal ver livros recém-publicados ou relativamente novos disponíveis nos mesmos. Pessoas ordinárias, termo que aqui quer dizer “não-escritores”, na maioria dos casos deixam o fato de livros novos serem vendidos em sebos passar despercebido, ou simplesmente não entendem o porquê de ter alguma relevância. Quando se é escritor a situação se altera. Principalmente quando o livro à venda é de sua autoria. É exatamente isso que acontece a Carlos Eduardo Falcão em sua crônica. Sentiu-se um “autor-defunto” ao se deparar com exemplares que havia publicado há pouco. Como ele mesmo diz “nos velhos tempos, sebo se dedicava mesmo ao comércio de livros raros ou esgotados.”. De onde podemos concluir que hoje cada vez mais um sebo e uma livraria normal são praticamente a mesma coisa.

O que mais chocou o autor e o que mais chama a atenção na crônica, não é o fato de seus livros estarem no sebo, mas sim o detalhe que antes de irem para lá, um dos exemplares pertenceu a um aluno de Uchôa, que compareceu inclusive na noite de autógrafos do lançamento do livro. Considerando que uma noite de autógrafos é o momento o qual todos se reúnem para homenagear um escritor pelo seu trabalho, ou seja, inflar seu ego (com razão), depois de todo o trabalho árduo que teve para a produção do livro, imagine como o mesmo não se sentiu quando encontrou um desses exemplares autografados, praticamente novo, abandonado em um sebo. Com certeza não foi uma experiência muito agradável, visto que o autor revela a verdadeira impressão que tem do aluno: “Na verdade, nunca fui com a cara dele. Nem era bom aluno. Podia tê-lo reprovado.”.

Podemos tentar entender o lado do aluno que leu o livro e depois o vendeu, por uma mera questão de desprendimento. O jovem podia tê-lo vendido pensando

que uma pessoa mais interessada poderia tirar mais proveito do que ele provavelmente tirou. Infelizmente essas reflexões são pouco prováveis de ser a verdade, levando em consideração a postura dos alunos de hoje em dia a venda deve ter sido feita sem nenhum tipo de remorso e apenas pelo (pouco) dinheiro. O que nos leva ao ponto que Uchôa coloca em sua crônica que em sebos antigos “os autores não ficavam assim expostos ante suas próprias obras”, ou seja, eles não precisavam passar pelo constrangimento de ver um livro de sua autoria à venda por um preço inferior em um local que originalmente trabalhava com publicações raras e/ou de autores que já faleceram.

Em poucas páginas Uchôa expressa de forma clara, simples e ainda refinada sua opinião sobre a expansão dos sebos através de uma experiência particular. É difícil, para aqueles que não leem ou escrevem com frequência atender a importância desse pequeno ocorrido. Tínhamos antigamente muito clara a diferença de um sebo para uma livraria. Os exemplares vendidos na livraria não eram vendidos no sebo e este por sua vez vendia apenas o que aquela não mais tinha em estoque. Era uma relação de parceria, uma complementava o outro. Agora, o que encontramos em uma há também no outro, não há a devida valorização as obras; a primeira edição de Dom Casmurro, por exemplo, acaba tendo para muitos o mesmo valor que a primeira edição de um livro para adolescentes qualquer. O hábito de buscar tesouros literários está em extinção, afinal, são pouco os que hoje ainda possuem o mapa.

ANEXO V

A transformação dos sebos

No capítulo “Os Sebos” do livro “A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de Linguagem”, Uchôa narra como eram os sebos antigamente e aponta diferenças com os sebos de hoje em dia. Aqui vou contar algumas passagens e acontecimentos narrados pelo autor, tanto na sua juventude como hoje em dia.

Em um passeio aos antigos sebos da cidade, o autor se recordou de sua juventude, a época em que ingressou na universidade. Ele diz no texto: “O jornal do Commercio publicava, aos domingos, em pequenos anúncios, relações de livros e revistas, que tinham sido adquiridos por eles” (p.33), e Uchôa que era apaixonado por livros às sete da manhã já se encontrava em frente ao sebo que o interessava.

O autor fala também sobre a fila que se formava na porta do sebo, e da frustração que era quando outra pessoa levava o livro que ele tanto queria. Observe este trecho “Se eu chegasse em segundo lugar, corria o sério risco de o primeiro da fila querer exatamente a obra que eu tanto sonhava ter em minha biblioteca, que acolhia os primeiros livros. Frustração, por que passei algumas vezes, horrível”. (p.33)

Carlos Eduardo Uchôa mostra-se surpreso com a mudança que os sebos sofreram com o passar dos anos. Ele se espanta ao se deparar com exemplares das suas próprias obras e nos faz entender que o sebo perdeu sua identidade, pois, antigamente, o sebo só se dedicava ao comércio de livros raros, esgotados, ou de autores que já tinham falecido, mas o que faziam os livros dele ali, de publicação recente?

Ao manusear um desses exemplares e se deparar com o nome do comprador, o autor descobriu que a cópia pertencia a um ex-aluno e como se não bastasse, o livro ainda tinha uma dedicatória dele “Amigo, forte abraço...” (p.35) e ele raciocina “Deve ter ido à noite de autógrafos” (p. 35). O autor diz que nunca simpatizou com o tal ex-aluno e que poderia até tê-lo reprovado.

Carlos Eduardo reforça no final da página 35 que ainda prefere os sebos antigos, “Aquela expectativa de ser ou não o comprador, a procura nos jornais,

aquele cheiro... E os autores não ficavam assim expostos ante suas próprias obras, adquiridas um dia por gente conhecida, por ex-aluno...[...]"

Esse texto de Uchôa é uma viagem no tempo quando os sebos não eram tão numerosos, as lojas não eram tão espaçosas e os acervos não eram grandes. Ele faz com que os amantes de leitura queiram ter vivido aquela época boa, em que o leitor dava ainda mais valor aos livros porque eram raros. Essa leitura nos dá vontade de ter o hábito de frequentar os antigos sebos, mesmo que não sejam mais como eram antigamente.

ANEXO W

Nostalgia

Na crônica o autor fala de algo que para muitos não tem importância, porém bastante curioso, os sebos. Sim, exatamente aquele lugar o qual encontramos livros usados que saem por um preço normalmente barato. A crônica fala um pouco de como eram os sebos na época em que o narrador era um jovem, estava cursando Letras e nos dias atuais.

Ao descrever os sebos na sua juventude ele fala de como as pessoas que estavam atrás dos livros madrugavam aguardando os sebos abrirem, e de sua aflição quando chegava à fila e já havia alguém na sua frente, seu medo da tal pessoa querer o mesmo livro que ele estava à procura.

Ele faz uma reflexão e chega à conclusão de que prefere os sebos de antigamente, os quais realmente eram muito mais interessantes do que os de hoje em dia. Através dessa passagem a seguir podemos ter a certeza da preferência do narrador: “Pensando bem, preferia os sebos antigos... Aquela expectativa de ser ou não o comprador, a procura nos jornais, aquele cheiro...”. Podemos também notar uma nostalgia por parte dele.

“Os sebos mudaram muito. Se tornaram mais numerosos, chegaram aos bairros, ocupando lojas espaçosas, com um acervo considerável”. Assim que o narrador iniciou sua fala a respeito dos sebos nos dias de hoje, ele ainda nos fala de uma situação pela a qual passou. Ao entrar em um desses sebos “atuais”, ele afirma ver diversos exemplares de suas obras, e o que mais o revolta é ler o nome de um de seus antigos alunos em um dos exemplares, com isso ele passa a ter uma certeza maior ainda por sua preferência pelos sebos antigos: “os autores não ficavam assim expostos ante suas próprias obras. Adquiridas um dia por gente conhecida, por ex-alunos, com quem você tinha convivido numa relação tão próxima, mas que até se desfazia diante do abandono do que você um dia escreveu”.

Mesmo sem ter vivido na época dos sebos antigos, através da descrição do autor, podemos ver que os sebos pareciam muito mais interessantes. Hoje em dia, tudo é mais fácil, os sebos se tornaram comuns e trazem todos os tipos de livros, não apenas de “autores defuntos” como é dito no texto em relação aos sebos de

antigamente. Não se tem mais a tal expectativa e excitação nas filas, nem se madrugam mais aguardando que abram, os tempos são outros, os sebos conseqüentemente também.

ANEXO X

Nostalgia

A breve crônica “Os Sebos”, de Carlos Eduardo Falcão Uchôa, é uma leitura interessante, pois traz **experiências da vida do autor** e transmite certo conhecimento sobre **o funcionamento da venda de livros usados há algumas décadas**. Com **sua leitura**, nós revivemos os tempos descritos pelo cronista e também sentimos **a sua decepção ao se deparar com seu próprio livro à venda em um sebo**.

Na primeira metade da crônica, **o autor** mostra **sua antiga paixão por essas lojas** e fala sobre **um hábito que com certeza a grande maioria dos novos leitores não sabe**: antigamente os jornais publicavam relações de livros e revistas que continham em certos sebos da cidade, coisa que causava uma pequena fila na manhã seguinte. Para os amantes de livros antigos mais jovens, que não desfrutaram dessa época, fazer fila para comprar exemplares raros parece **uma ideia um tanto quanto estranha e fascinante**, pois o que mais ouvimos, ao falar de **nossa paixão**, são as críticas negativas ao respeito de livros usados.

O texto muda de direção assim que **o cronista** vê exemplares de um livro seu recentemente lançado, à venda em um sebo, e ainda por cima, sido deixado lá por um ex-aluno! Ou por pessoas que sequer leram, ou até mesmo tendo acabado de sair da fábrica e sendo vendido mais barato apenas por estar em uma loja de livros usados! **Nesta segunda metade da crônica**, o autor demonstra toda **a sua indignação com a mudança de função dos sebos**: deixaram de ser aquela loja que vende exemplares antigos e raros para simplesmente fazerem “operações comerciais com distribuidores”. **Neste pedaço**, ele faz uma referência a Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis: “Autor defunto? Defunto autor?”. Ele certamente citou o trecho por estar se sentindo um “defunto autor”, afinal, lá estava ele nas estantes daqueles, quem em tese, já estão mortos.

A **leitura da crônica** nos faz pensar criticamente sobre **a atual posição dos livros no mercado**: ainda se vende livro pela literatura ou tudo não passa de acordos comerciais e marketing? Entristecido com **a atual situação** e sentindo exposto por perceber que qualquer um veria que haviam se desfeito de seu livro, Carlos Eduardo Uchôa deixa bem claro o seu ponto de vista: ele prefere os sebos antigos. Com **esta**

opinião tão transparente com a descrição tão bem construída de seu tempo de jovem, ao lermos o texto, nós também sentimos certa nostalgia daquilo que sequer vivemos.

ANEXO Y

A mudança dos tempos e sua influência na leitura

Os sebos é uma leitura irônica que nos faz viajar aos tempos antigos e entender como era a luta dos leitores para comprar seus livros. Nos faz refletir sobre a importância dos livros para as pessoas há tempo atrás. Ao fazermos a leitura de *Os sebos*, percebemos como está banalizada a venda e compra, hoje em dia, de obras e a moral dos próprios autores.

O texto é narrado por um autor formado em Letras que relembra seus tempos de universidade, passeando pelos sebos do centro da cidade. Ele diz que havia um jornal chamado *O Jornal do Commercio*, onde eram publicados aos domingos o que era adquirido por eles como pequenos anúncios e ralações de livros e revistas. Eram formadas filas de madrugadores nas calçadas. Eles aguardavam ansioso à abertura daquelas casas antigas, onde eram os sebos de antigamente, nas ruas próximas à Praça Tiradentes.

O autor era “desesperado” para ser o primeiro da fila, pois tinha medo de disputar e perder alguma obra importante, como já havia acontecido. Era um homem que vivia aflito em querer adivinhar o interesse dos concorrentes. Embora jovem, andava com companheiros mais velhos, impunha respeito a eles. E assim foi adquirindo seus “tesouros”.

Percebemos claramente a mudança dos sebos antigos para os atuais. Hoje há uma grande expansão de espaço e de acervo desse comércio. O escritor fica pasmo ao se deparar com obras dele e reflete: “Autor defunto? Defunto autor? Nos velhos tempos, sebo se dedicava mesmo ao comércio dos livros raros ou esgotados”. A mudança foi brusca, contudo suas obras estavam lá, e ele está vivo, seu questionamento era ainda maior pelo fato de serem publicações recentes. Dentre elas, havia uma que não levava nome, outra que tinha o nome do comprador, sem marcação nenhuma, concluindo assim, indignado, claro, que a pessoa leu e não gostou. Outro sem página inicial para não aparecer o nome, de menor preço, e alguns marcados, porém por razão desconhecida, pressupõe-se que se fosse importante não estaria ali desfeita. Entretanto, o mais impressionante foi o que

possuía o nome do ex-aluno e com a dedicatória: “Amigo, forte abraço...”. Evidentemente esta pessoa foi à noite de autógrafos.

Podemos concluir que para um autor ver sua obra abandonada desta forma, principalmente por um ex-aluno é algo extremamente frustrante, mesmo afirmando que não foi um bom aluno, ou que não simpatizava, era sua obra, faz parte de sua vida. Portanto, entende-se **a preferência pelos sebos antigos**, afinal, havia **uma expectativa de obter ou não a obra**, e **o autor não ficava exposto de tal forma**.

ANEXO Z

Sebos de hoje e de ontem

Andar por entre **sebos**. **Uma atividade relativamente comum** quando se tem paixão por livros ou se é estudante de Letras. **Na crônica Os sebos**, **Carlos Eduardo Falcão Uchôa**, ex-aluno da UFF, nos conta um pouco sobre **esses estabelecimentos e sua evolução**, ou mudanças, através de duas gerações. O autor retrata em três páginas de seu livro – *A vida e o tempo em tom de conversa: Crônicas de um professor de linguagem* – **o sentimento de nostalgia que sente dos sebos antigos em relação aos hodiernos**.

Ele começa **seu texto** descrevendo **os sebos em seu tempo de estudante**: os anúncios de obras adquiridas, a pressa de ser o primeiro a chegar, com a ansiedade de perder o que lhe interessava, e a importância dos sebos para o próprio curso de Letras. Entretanto, “Os sebos mudaram muito.” Assim, começa **a segunda parte de sua crônica**, com certo tom de decepção e crítica.

Depois de relatar como eram, ele passa para o presente, que o surpreende não só pelos próprios sebos terem passado de “comércio de livros raros ou esgotados” a um simples comércio de livros mais baratos, mas também pelas obras que encontra em um desses sebos. Obras dele mesmo.

Com esse acontecimento, **Uchôa** começa a analisar seus livros nas estantes com espanto. Livros às vezes “virgens de leitura”, apenas mais baratos. Começa, então, a satirizar seus compradores e leva ao extremo lado pessoal quando lê, em um dos exemplares, o nome de um de seus ex-alunos, dizendo que não era bom estudante e que poderia até tê-lo reprovado.

Verdade ou não, ele transformou o que, a meu ver, parecia **um texto simples e bom sobre sebos através dos tempos** em **um sentimento bobo de nostalgia** baseado na antipatia com um ex-aluno e raiva de ter seus livros vendidos a um preço menor, pois seus compradores não tinham real interesse.

ANEXO AA

O tempo e os sebos

Neste capítulo, o autor professor relata suas experiências com os sebos do Rio de Janeiro. Primeiro, lembra de sua juventude, quando ainda era um estudante de letras que procurava montar seu acervo de livros. Depois, reflete sobre a mudança que houve nesse tipo de loja, e, principalmente, nos livros que são comercializados atualmente. Ao falar de como eram os sebos, relembra a emoção que sentia ao esperar por algum livro que queria muito, enfrentar uma fila e só então ver se conseguia o exemplar.

Segundo Carlos Eduardo, os sebos antigamente tinham um propósito – o “comércio de livros raros ou esgotados” (p.34) – e eram poucas lojas desse tipo que havia na cidade, porém, hoje em dia, se tornaram mais populares e comuns, além de comercializarem qualquer livro que alguém queira se desfazer. Não há mais uma expectativa de conseguir o livro que deseja, nem a felicidade de conquista-lo ou a frustração por não conseguí-lo.

O autor se emociona ao lembrar uma de suas experiências em não ser o primeiro a chegar no sebo, as sete da manhã de uma segunda feira onde parecia ser o mais jovem da fila. Conta que a expectativa em saber qual livro o homem da sua frente queria era frustrante, ele poderia ou não querer a mesma obra que o nosso autor. Situação pela qual passou algumas vezes, e que não era nada agradável, pois dependia daqueles sebos para montar seu acervo de livros, ainda como um estudante de letras.

A mudança de vida desse homem, de um estudante de letras à um profissional de linguagem, o fez mudar seus hábitos, principalmente, o de fazer buscas por livros em sebos. Uma das coisas que o chocou foi o fato de encontrar exemplares de seus próprios, de publicação recente, em um sebo qualquer, um sem a primeira página, provavelmente para ocultar o nome do antigo proprietário, e outro ainda com uma dedicatória de um ex-aluno, entre outros.

Ele também menciona a época que se passara, que era um tempo de mais respeito, principalmente aos mais velhos. Por exemplo, mesmo ele estando naquela situação, de expectativa pelo livro desejado, mesmo querendo ser o primeiro para

ter certeza que conseguiria o livro, respeitaria a ordem de chegada da fila, já que parecia ser o mais novo, e nem ousava perguntar qual o interesse do homem mais velho a sua frente.

Os proprietários dos sebos também mantinham um respeito pelos bibliófilos, já que abriam suas lojas cedo nas segundas feiras para que seus clientes não morressem de ansiedade. O interessante é que não havia um público alvo específico para esse tipo de loja, eram dos mais jovens estudantes, que começavam a montar seu acervo ou mimavam seu *hobby*, aos mais velhos que procuravam um passa tempo. E todos eram atendidos.

Além do respeito entre pessoas, podemos notar que o respeito pelos livros também se perdeu no tempo. Atualmente, poucas são as pessoas que zelam por seus livros, algumas leem um livro e depois deixam em um canto, para as traças. Outras tratam um livro como apenas um amontoado de folhas, não cuidam nem mesmo de seus livros escolares. Esquecem que entre essas folhas pode-se adquirir cultura, conhecer novos mundos, etc, e também, após ler o livro pode passá-lo adiante, ou seja, ao invés de guardar em qualquer lugar, pode fazer uma doação.

Com este conto, o autor demonstra um pouco das mudanças que vieram com o tempo citando dois pontos: o tipo de comércio dos sebos e o respeito. Os sebos mudaram segundo o interesse por ganhar dinheiro foi aumentando, os comerciantes procuram cada vez mais produtos para comercializar, e, para isso, ampliaram seu campo de mercadorias. Além de acompanharem o crescimento tecnológico, criando lojas virtuais para alcançar cada vez mais clientes.

ANEXO AB

Autores Anônimos

“A vida e o tempo em tom de conversa: crônicas de um professor de linguagem” é um livro que foi publicado pela editora Odisseia no Rio de Janeiro, com autoria de **Carlos Eduardo Falcão Uchôa**. Entre as páginas 33 e 35, há **uma crônica intitulada “Os sebos”** que é **um relato pessoal no qual o autor compara os sebos antigos aos atuais** e, dessa forma, chega a conclusões frustrantes.

Carlos Uchôa expõe sua opinião sobre **os sebos** por meio de **uma visão indutiva**, ou seja, ele parte de sua experiência como estudante de Letras (que chegava cedo às filas dos sebos para comprar livros raros ou esgotados) para, a partir disso, abordar a postura dos leitores em geral. Assim, é percebido que desde que ele ingressou na universidade houve **uma desvalorização gradativa do livro pela juventude**, como consta no fragmento: “Era um jovem, e meus companheiros de expectativa, bem mais velhos.”.

Anos mais tarde, quando fora novamente visitar os sebos, assustou-se ao deparar-se com exemplares que além de serem de autores contemporâneos, estavam praticamente intactos, o que retifica **o desinteresse pelos livros**, já que mesmo sem terem sido usufruídos de maneira qualitativa, os donos se desfizeram deles. **O crescimento físico e numérico dos sebos** era inversamente proporcional ao número de leitores, o que seria paradoxal, todavia se justifica pelo capitalismo editorial que prega o consumo de livros, mesmo que estes nunca sejam abertos.

Contudo, **a sua maior frustração** foi encontrar **um livro de sua autoria à venda**, com uma dedicatória que fizera para certo aluno. Para aquele aluno, Carlos Uchôa havia se tornado um autor defunto, ou seja, aquele que está vivo no mundo real, porém morto no mundo literário. Assim também acontece com todos os escritores que são ignorados pelo público leitor que, paulatinamente, tem deixado de ser leitor, transformando-se em público consumidor.

ANEXO AC

O sebo hoje: bom ou ruim?

A crônica une passado e futuro, de maneira notável, através **da comparação entre os sebos de distintas épocas**. O estudante de outrora e agora escritor observa **as transformações** que ocorrem **nesses espaços literários** e na mentalidade dos leitores. É a partir do confronto de épocas que se desenvolvem relatos e críticas sutis.

O escritor descreve todo **o trabalho árduo que tinha para conseguir um tão sonhado exemplar nos sebos**. Naquela época, **esse espaço** era destinado a livros raros: edições antigas, limitadas ou de autores falecidos. Além disso, **sebos eram locais pouco distribuídos pelas cidades**.

Ao relatar **suas dificuldades na aquisição de livros**, o autor acaba de certa forma, desvalorizando os sebos atuais. De fato, os sebos de hoje não possuem apenas exemplares raros como antigamente. Mas não podemos desconsiderar o seu valor. O ex-aluno comete um erro grave ao comparar e desmerecer, em certa medida, **os sebos atuais**: Não se pode analisar a história comparando passado e futuro; há que se pensar nela em suas respectivas épocas, olhando todo o contexto que envolver qualquer situação.

Na época do estudante, **a aquisição de livros era inegavelmente complicada**; hoje em dia, com o advento da internet, obter livros se tornou muito mais fácil. Podemos encontrá-los em formatos digitais ou pesquisar na própria internet, sebos próximos para compra dos mesmos. **Esses locais literários** deixaram de pertencer apenas ao Centro; pertencem agora a diversos bairros da cidade.

Uma situação chama a atenção do escritor: **a presença de exemplares recentes nos sebos**. Realmente, isso é algo digno de espanto, pois **esses lugares** nos remetem a livros antigos (não necessariamente raros). Encontrar obras recentes e praticamente intactas, sem as marcas pessoais de cada leitor, mostra que **a relação compra-venda passou a ser mais importante** e que adquirir um livro passou a ser algo banal.

Ao citar o que aconteceu com suas obras, que também foram vendidas sem piedade para um sebo, o escritor propõe **uma reflexão relevante sobre os hábitos de**

leitura atuais. Não se estuda mais aquilo que se lê; lê-se uma vez e passa-se adiante, por alguns trocados: o livro virou moeda de troca.

As transformações ocorridas nos sebos desde os tempos de universitário até os dias atuais incidem diretamente no escritor. Para ele, que compara as duas fases da vida, o antigo lhe parece melhor; o hoje é muito diferente e não possui as graças do passado. Mas, olhemos essa situação por outro modo. E para isso, recorro a uma frase dita por Bentinho, personagem Machadiano, que vai de encontro a essa outra visão: “vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa.” (MACHADO, p. 29, 1900). É inegável que o passado possui as suas belezas, mas também não podemos deixar de ver, as belezas do presente: em meio a uma época em que os livros são muito caros para uma boa parcela da população, os sebos permitem que cada vez mais pessoas tenham acesso as obras da literatura nacional e mundial.

ANEXO AD

A depreciação dos sebos

A crônica “Os Sebos”, de Carlos Falcão Uchôa relata as diferenças marcantes entre os sebos de antigamente e os sebos de hoje em dia. Primeiramente, o autor destaca a importância que os sebos tinham anteriormente: os livros lá encontrados eram vistos como relíquias, pois eram obras raras de edições esgotadas.

Além disso, as pessoas se interessavam mais pela leitura, visto que os sebos abriam desde cedo e já formava uma “fila de bibliófilos”, como diz o próprio autor da crônica. Havia também a ansiedade para adquirir o livro desejado, porque de certa forma, havia uma grande concorrência para o acervo limitado.

O autor expõe sua surpresa ao entrar em um sebo, depois de muito tempo, pois percebe a semelhança entre tais lojas da época de sua juventude com as atuais, que mais parecem uma reprodução minimalista de uma livraria de porte. Ademais, ele se depara com os exemplares de suas obras que certamente eram recentes e alguns deles não havia sequer uma marcação ou vestígio de livro usado.

Portanto, aquela imagem que o autor tinha dos sebos que frequentava em sua época universitária é visivelmente rompida. O sebo, que anteriormente era uma loja modesta, pequena e que agregava livros antigos e raros, passou a ser uma réplica de uma grande livraria, e assim perdendo sua essência e seu real propósito. Entretanto, o real cúmplice dessa desvalorização dos sebos – e, conseqüentemente, o menosprezo da literatura – são as pessoas que descartam obras recentes e, muitas vezes, não lidas por um preço mísero e que não faz jus ao produto.

Com a ascensão do pós-modernismo o tempo ficou mais curto. Os livros novos começaram a ser vistos como antigos rapidamente: um volume de cinco anos atrás já é, hoje, considerado antigo. Com a Internet também houve grande desvalorização dos livros, pois é possível encontrar obras antigas facilmente para download. Sendo assim, tanto com o envelhecimento rápido de livros, quanto com a rápida produção por ano, os sebos perderam sua função primária, virando apenas mais um depósito de livros “descartáveis” no mercado.

ANEXO AE

A multiplicação e mudança dos sebos

O texto *Os sebos* trata sobre a paixão do autor por sebos, e sua convivência com os mesmos durante sua adolescência e como tudo mudou, dos tempos antigos, em comparação aos tempos atuais nos sebos.

Nos tempos passados, havia filas antes mesmo das portas serem abertas, e havia certa urgência das pessoas na fila em entrarem, serem as primeiras, pois, já na segunda posição, poderia ser que o primeiro levasse a obra que tanto se almejava. Já atualmente, o autor diz que não há mais essa urgência, há sebos espalhados por toda a cidade, em diversos bairros.

Outro ponto, que é importante destacar, é a opinião do autor perante o modelo dos sebos atuais em vender obras novas, às vezes, sequer lidas, apenas porque o antigo dono do livro não as quis mais, não limitando o sebo a obras raras, ou esgotadas, como antigamente.

A preferência do autor pelo modelo antigo de sebos fica clara, porém, o novo modelo dessas lojas facilita muito a vida das pessoas, mesmo que em nova vertente, os sebos vão muito além de obras raras e esgotadas, como o autor expõe em seu texto. A facilidade no acesso, os preços baixos e a grande quantidade de lojas espalhadas pelos bairros, cidades, ajuda a disseminar a cultura, de forma mais barata, para aqueles que não poderiam ter acesso à mesma pelos preços reais das obras, tendo em vista que os livros têm custado muito caro atualmente.

Segundo Dalila Veras, proprietária da Alpharrabio Livraria e Editora, no site de sua livraria:

“Com o elevado preço dos livros, outro consumidor descobriu a vantagem do livro usado: o estudante (ou os pais do estudante) que, antes de o procurarem nas livrarias convencionais, fazem uma pesquisa no sebo à busca de um exemplar que, na maioria dos casos, custa menos de 50% do novo. Como cada vez se lê menos, e o nosso é um país de pessoas com menos

de 30 anos, este novo consumidor é o que realmente mantém os sebos em atividade.” (VERAS, 2007)

Reforçando o argumento acima dito, **a procura pelos sebos na atualidade vai além do interesse em raridades**, e sim, também, pelo interesse em economizar, em poder ter uma obra, mesmo que de segunda mão, por um preço mais acessível, disseminar a cultura para as pessoas que não tem condições de comprar uma obra de primeira mão.

A crítica do autor, de achar estranho encontrar publicações recentes nas prateleiras dos sebos e, de certa forma, não concordar com isso e preferir o modelo anterior, não parece combinar com **o ponto de vista atual dos sebos**, e da ambição dos frequentadores **dessas lojas**, que pretendem adquirir cultura a um preço acessível. O autor deixou de pensar **nessa hipótese** ao dizer que os sebos eram melhores apenas quando eram limitados a obras raras ou esgotadas.

ANEXO AF

A mudança da sociedade e dos sebos

O texto “os sebos” apresenta a juventude de um professor e a sua experiência com os antigos sebos, abordando também a questão sobre a mudança desses lugares com a chegada das lojas, além de explorar sobre os costumes e valores daquela geração.

Esta obra tem um valor significativamente positivo por não trazer somente a lembrança do momento em que os sebos eram tão requeridos, como também os princípios e valores que a sociedade brasileira daqueles tempos tinha, que eram bem melhores que hoje, muito bem pontuados pelo autor no instante em que afirma que a época era outra e que impunha respeito aos mais velhos.

Com a mudança da sociedade, os hábitos das pessoas e os sebos adquiriram focos diferentes. Antigamente, eram muito procurados e se voltavam para o comércio de livros esgotados e raros, além de gerar uma grande expectativa em quem ficava na fila para comprar. Segundo o autor, atualmente, esses lugares oferecem livros não tão velhos e muitas vezes nem lidos pelo autor original.

Acredito que as pessoas têm dificuldades em lidar com a rejeição da sociedade ou de um público específico e, por isso, é interessante o tom de ironia dado ao texto quando o autor acha uma obra sua em um sebo, que havia sido comprada por um antigo aluno. Com esse humor em tom irônico, ele faz uma crítica a esses novos lugares e posiciona-se ao mencionar que prefere os antigos já que a exposição dos autores não era tão grande ante suas próprias obras.

ANEXO AG

(sem título)

A crônica de Carlos Uchôa, *Os sebos*, é de fácil leitura e interpretação, e conforme os olhos do leitor discorrem sobre o texto a mensagem implícita do autor acaba por se tornar clara. O mesmo desenvolve toda a trama da curta história em apenas três parágrafos, os dois iniciais sendo longos e o último curto, apresentando uma linguagem clara e direta, sem a presença de muitas divagações, somente constatações factuais do histórico do personagem e uma breve descrição de suas emoções diante de tais situações.

No primeiro parágrafo há a apresentação do local onde ocorre todo o trâmite da leitura, o qual o personagem se situa na fila de um sebo, recordando da época em que era jovem e cujas visitas a loja de livros usados eram mais frequentes por conta de seu status de universitário. Há a introdução da ideia do que o autor irá contrastar ao fim do parágrafo seguinte, e tal introdução é feita ao relatar o estado de madrugador do personagem ao chegar ao sebo com uma hora de antecedência por conta da “[...] pequena fila de bibliófilos.” Que se formava todo dia.

Uma característica interessante, e previsível, que se pode notar é o fato do autor situar bem o local onde a loja está – Praça Tiradentes -, o que é esperado de uma crônica, dando um caráter real àquilo o que está sendo lido, por simplesmente retratar uma ação corriqueira, do dia a dia de um cidadão carioca – que seria uma ida ao sebo. Embora, retrate em uma época diferente, onde existiam, de fato, filas para adentrar em tais lugares, e onde os compradores se tornavam inquietos no pensamento de que seu colega de fila da frente possa ser um possível concorrente ao seu tão bem quisto livro.

O segundo parágrafo começa a apresentar a situação conflituosa da crônica, pois ao adentrar o recinto, o personagem se depara com objetos que em seu tempo de juventude seriam inusitados. A loja agora não era algo pequeno e simples, mas sim, de fato uma livraria, que ocupa um bloco inteiro; encontra livros inusitados, como um livro sobre sebos. Ele manuseou livros que ainda estavam novos, sem possuir nem mesmo o nome de seus compradores; alguns possuíam e então tinham a página arrancada para manter o preço mais baixo. Contudo, o mais inusitado foi o fato de encontrar um livro em um sebo que encontra livros de sua própria autoria.

Livros seus com algumas passagens marcadas, porém não muito importantes pois o dono havia se desfeito do exemplar. O que para ele é um ultraje, pois em sua época de visitante assíduo de sebos, só encontrava-se livros cuja maioria dos autores já estava morta, ou no mínimo, cujo livro não havia mis edições.

Ao terceiro parágrafo há a apresentação final, em que o autor deixa explícita sua preferência aos sebos antigos, por conta de todo frenesi do momento como ele explica de forma bem desenvolvida no primeiro parágrafo, ao invés das novas lojas, onde ele passava pelas frustrações discorridas no segundo, criando assim uma crônica bem estruturada e formada, dividida de forma cronológica em três parágrafos, tornando assim a leitura fluída e de fácil entendimento.

ANEXO AH

Resumos sobre o texto-fonte Cursos de oratória aumentam o poder de persuasão

Desde os tempos mais remotos **saber se comunicar é essencial para o desenvolvimento de qualquer sociedade**. Embora a nossa sociedade tenha se desenvolvido, **a boa “desenvoltura” comunicativa nas diversas situações cotidianas continua a ser importante**. A partir disso, **instituições de ensino desenvolveram cursos voltados para a prática do “falar bem em público”**. O objetivo dessas instituições é **fazer com que pessoas de diversas esferas sociais, desenvolvam suas habilidades e se expressem melhor**. Isso pode favorecer o indivíduo a conseguir emprego e se comunicar com outras pessoas. **A falta de comunicação prejudica o indivíduo**. Participar do curso dá confiança e melhora qualidade de vida.

103 palavras.

ANEXO AI

Os cursos de oratória têm como função ajudar as pessoas a se expressar com mais objetividade e eficiência. O poder de persuasão de uma pessoa é capaz de levantar projetos que até então eram reprovados. Entretanto, uma comunicação falha devido a má articulação de ideias pode gerar um mal entendido entre os envolvidos. Três instituições de ensino estão abrindo cursos de oratória a fim de ajudar na argumentação em público. Na seleção de candidatos a um emprego, o diferencial é a clareza e precisão na comunicação verbal. Além disso, a capacidade de se comunicar e trabalhar em grupo é essencial no perfil do candidato. Esses cursos abrangem tanto pessoas públicas quanto pessoas anônimas que buscam segurança e descontração ao se expressar.

ANEXO AJ

Sabe-se que a voz humana, quando bem empregada, é capaz de fazer milagres. A partir disso, três instituições de ensino estão lançando cursos de oratória e técnicas de apresentação com o objetivo de ensinar a falar bem em público. Os cursos ponderam o caráter decisivo da clareza comunicativa para as atividades profissionais, desde a admiração até a convivência no ambiente de trabalho.

Timidez e insegurança prejudicam a comunicação

(...) Pioneira nessa área, Glorinha Beuttenmüller trabalhou 18 anos na TV Globo, orientando diversos profissionais sobre a melhor maneira de falar. No seu curso, já atendeu também políticos. Mas aulas estão abertas a todos que queiram melhorar a comunicação. Segunda ela, muitas pessoas saem do curso se sentindo mais seguras.

Total 111.

ANEXO AK

A fala é a forma de comunicação mais utilizada pelo ser humano. Sendo assim, o bom manejo da mesma é essencial para o estabelecimento de interações sociais com as mais variadas características, seja um diálogo, uma palestra, um julgamento e etc. Por isso, a procura pelos cursos de oratória tem aumentado substancialmente, isso se dá principalmente pela necessidade de domínio da língua que algumas profissões exigem, como por exemplo a advocacia e o magistrado, nelas a fluência natural das palavras é determinante para que se tenha um futuro promissor. Contudo os cursos de oratória não são destinados somente para aqueles que usam a fala profissionalmente, mas sim para todos que desejam ter segurança na comunicação.

ANEXO AL

A intenção do texto é fazer a divulgação de um novo curso, onde ensinam as pessoas a se comunicarem melhor, não só na vida particular – perdendo um pouco da timidez – como também melhorando sua vida profissional – ajudando o indivíduo a se sentir mais a vontade ao falar em público. O anúncio em si já faz uso desse ensinamento, ele começa dando exemplo e usando argumentos que sejam capazes de convencer o leitor a contratar os serviços do professor. Que não é qualquer pessoa, mas sim, um ex-funcionário da TV Globo, que trabalhava suas técnicas com atores, apresentadores, locutores e repórteres. Ele usa o exemplo de Sheherazade para demonstrar o quanto a voz humana pode ser convincente e persuasiva quando é utilizada com certos conhecimentos.

ANEXO AM

RESUMO: A comunicação, pela fala, é o meio pelo qual o ser humano estabelece relações com seus semelhantes. Entretanto, todos nós possuímos diferentes níveis de eloquência. Há pessoas que se expressam muito bem e outras que têm grande dificuldade em ser claro. Devido a isso, três instituições oferecerão cursos de técnicas de apresentação e oratória. O objetivo é fazer o indivíduo ser capaz de, em público, se expressar com clareza, fluência e objetividade. Além disso, o curso também pode ser de grande ajuda a alguns profissionais – advogados, professores, vendedores, repórteres, atores e outros que necessitam de boa expressão verbal - e até para a vida pessoal, dando capacidade de aumentar a auto estima; assim como aumentar seu círculo de amizades.

119 palavras.

ANEXO AN

O texto “Cursos de oratória aumentam o poder de persuasão” visa mostrar a importância do bom discurso e o domínio das palavras para ser possível uma boa comunicação verbal. O autor dá exemplos de áreas de atuação em que a boa oratória é indispensável: projetos de trabalho, salas de aula, igrejas, telejornais, etc. Inspirada nessa importância da voz humana e na dificuldade de muitas pessoas ao articular suas ideias, Glorinha Buttemüller trabalhou na TV Globo orientando vários profissionais a saber usar as palavras da melhor maneira possível. Glorinha lembra que seu curso não é útil somente para a área profissional, mas para qualquer relação humana, afinal como ela mesmo disse: “A fala é o principal veículo do relacionamento humano”.

ANEXO AO

Resumo: O texto faz uma breve introdução ao tema ao ratificar a importância da oratória e as vantagens de se ter um bom discurso, principalmente no mundo do trabalho. Essa pequena introdução serve de gancho para a apresentação do curso de oratória e seu objetivo: estimular a objetividade e trabalhar a fluência ao falar em público. A importância dessas características para o mercado de trabalho é reforçada quando apresentados casos de figuras públicas que optaram por realizar o curso a fim de melhorarem seu discurso. Como validação das informações fornecidas, as vozes de profissionais como Marco Aurélio de Souza e Glorinha Beuttemüller, com sua linguagem técnica contribuem para a temática do texto.

Total de palavras: 112.

ANEXO AP

Resumo: Está mais do que claro que **a voz humana tem um enorme poder de persuasão quando bem empregada**. Seja na hora de conseguir um emprego ou a fazer amizades **a comunicação verbal é de extrema importância**, é preciso ser objetivo e não jogar conversa fora. **Uma pessoa que não saiba falar bem** e de maneira clara, pode ser mal compreendido em diversas situações, como ao apresentar um projeto no trabalho. A fim de resolver **esse problema três cursos** estão realizando **cursos de técnicas de apresentação e oratória**. O objetivo **do tal curso** é ensinar a seus alunos como falar bem em público da forma mais clara e objetiva possível.

109 palavras.

ANEXO AQ

Resumo: **Todas as relações humanas têm em sua base a comunicação.** Quem se sai melhor **na hora de estabelecer um diálogo**, se expressa de forma mais adequada, alcança facilmente seus objetivos. Mesmo que existam os que saibam utilizar a fala a seu favor, há outros que, devido à timidez e insegurança, não o fazem tão bem. Muitas vezes, **pessoas com boas ideias ou de bom coração perdem oportunidades de emprego e amigos para outras menos qualificadas que apenas possuíram sagacidade na hora de se expressar.** Dessa forma, **quem participa dos cursos de oratória oferecidos por três instituições, melhora sua capacidade comunicativa tanto no campo pessoal como no profissional.**

Total de palavras: 107.

ANEXO AR

Resumo: O objetivo do texto é apresentar a profissionais de diversas áreas e até mesmo a líderes religiosos, técnicas que possibilitam **um bom uso da palavra publicamente**, de forma convincente. Trata-se de **três instituições** que estão oferecendo **os cursos de oratória** àqueles que pretendem vencer a timidez e a insegurança, tanto para relações de trabalho quanto para os relacionamentos informais do cotidiano, sendo **“a fala o principal veículo de relacionamento do homem”**, segundo **Glorinha Beuttenmüller** explica. Para convencer o leitor, casos bem sucedidos **do poder da palavra** são citados, como **o de Sheherazade**, que passou 1001 noites contando histórias para escapar da morte, além da possível aprovação de projetos “graças ao poder de quem os defende”. **O radialista Marco Aurélio de Souza** nos trás **a reflexão do profissional que o mercado deseja**, cuja capacidade de se expressar deve ser clara e objetiva, a fim de não se perder tempo e dinheiro.

ANEXO AS

As técnicas de oratória são indispensáveis àqueles que desejam ter clareza na comunicação verbal. Há três instituições que ensinam os meios para falar bem em público através da voz bem como da fluência e objetividade. Aliás, ao ser comunicativo, o indivíduo pode ser admitido pelo empregador, já que este reconhece a importância da comunicação tanto para o desenvolvimento do trabalho quanto para o relacionamento interpessoal. Até porque o ato de se comunicar envolve o falar e o ouvir, portanto, o bom orador também é um bom ouvinte. Nesse conteúdo, o professor do curso de oratória da Fundação Mudes, Marco Aurélio de Souza e a orientadora de vários profissionais da TV Globo, Glorinha Beuttenmüller, confirmam a relevância da oratória.

ANEXO AT

O fito do curso de oratória é desenvolver a capacidade de comunicação. Esse desenvolvimento ocorre por ensinar os discentes do curso a se expressarem melhor; logo, se expressar melhor é ter desenvoltura no falar e objetividade. Isso serviria não só para os que necessitam falar em público, como os bispos, professores, presidentes de empresas, mas também para pessoas que não trabalham com discursos públicos. Pois, falar bem abre portas, gera oportunidades, já que uma ideia mal expressada pode não ser compreendida, mesmo que seja eficiente. Um discurso ou uma conversa prolixa, redundante é somente perda de tempo, que pode ser economizado, ainda que o objetivo do interessado pelo curso seja simples, a comunicação é o meio primário da interação humana; então, deve ser desenvolvido.

Número de palavras: 124

ANEXO AU

Resumo: A capacidade de falar em público é tão importante, que diversos profissionais, independente da área de atuação, hoje procuram os cursos de oratória com objetivo de persuadir as pessoas a sua volta.

Essa procura é grande principalmente com os profissionais que lida direta e diariamente com o público, pensando nisso, instituições de ensino já possuem em sua grade curricular, o curso de oratória. O falar bem em público já garante pontos positivos ao profissional que procura emprego. Mas também encontra-se pessoas que não sabem administrar o tempo pois falta clareza na comunicação. Uma das pioneiras desse curso foi Glorinha Beutenmüller trabalhou na tv orientando diversas personalidades, mas ela também dá aulas para pessoas que não tem ligação com a fama.

ANEXO AV

Resumos sobre o texto-fonte: Presidente ou Presidenta?

Thaís Nicoleti de Camargo é consultora de língua portuguesa do grupo Folha-uol, na quarta-feira, 10 de novembro de 2010 escreveu em “especial para a Folha” um texto com o título: “Presidente ou presidenta?” no texto a autora relata sobre uma dúvida comum: o certo é “a presidente Dilma” ou “a presidenta Dilma”?

A especialista explica que a forma “presidente” foi herdada de um tempo verbal latino, o particípio presente hoje basta trocar o artigo e o vocábulo “presidente” pode servir para os dois gêneros, masculino e feminino. No latim havia particípio passado, presente e futuro, mas na língua portuguesa permaneceu apenas o particípio passado, embora ainda encontremos vestígios do particípio futuro e um grande número de palavras do particípio presente. Nossos adjetivos são, segundo a autora provavelmente a maior parte das derivações do particípio latino.

Thaís Nicoleti continua esclarecendo que ainda que no português o gerúndio tenha assumido o lugar do particípio presente a terminação “-nte” permanece com variedade na língua portuguesa, nossos adjetivos são uniformes, em flexão ou variação, mas os substantivos variam as vezes com a desinência “a” de feminino, as vezes mantendo-se invariável também.

A consultora termina voltando ao título e acabando com nossas dúvidas ao escrever que é o mesmo caso de “presidente”, que pode sim tanto ser no feminino “presidenta”, pois existe na língua há muito tempo, mas não é muito usado, quanto no masculino com artigo feminino “a presidente”. Hoje usam esta forma, “presidenta” os que defendem o reforço da inclusão do gênero, finaliza a autora.

Anexo AW

Resumo: Como deve ser a forma de tratamento dada a uma mulher eleita para o cargo de Presidente da república: “A presidente” ou “a presidenta”? A forma “Presidente”, vinda do particípio presente, tempo verbal latino, admite tanto o masculino quanto o feminino mediante acompanhamento do artigo “a” ou “o”, respectivamente. Do latim, particípio passado, presente e futuro, ficou apenas o primeiro no português. Herdamos do segundo, alguns substantivos, adjetivos e conectivos, terminados em “-nte”, indicando o praticante de uma ação, e do terceiro, algumas palavras terminadas em “-ouro”. O gerúndio tomou lugar do particípio presente, em português, expressando ação em curso, gerando uma associação da terminação “-nte” a nomes, “temente a Deus” é um exemplo. Esta terminação se mantém viva, em termos derivados de verbos e analogias, “cadeirante”, por exemplo, calcada em ambulante. Os adjetivos, quanto ao gênero, são uniformes, sem flexão. Os substantivos podem ter desinência de feminino “-a” ou se mantêm invariáveis. A forma presidente pode admitir a desinência de feminino gerando a forma presidenta.

Palavras-chave: forma; mantém; gênero.

Anexo AX

Presidente ou presidenta?

A eleição de uma mulher ao cargo de presidente da República gerou o debate sobre qual seria o gênero correto a ser utilizado: masculino, presidente, ou, feminino, presidenta. O texto faz uma exposição da origem latina do termo, que, anteriormente, funcionava como particípio presente. Os outros tempos verbais do particípio latino passado e futuro também são explicitados, demonstrando como as suas desinências deram origem a palavras de outras classes na língua portuguesa que utilizamos hoje. Tem-se ainda, uma exposição de um dos tempos verbais que suplantou alguns dos tempos latinos de particípio, o gerúndio. Para esclarecer a questão relativa à variabilidade dos gêneros, a autora demonstra exemplos de substantivos e adjetivos, que permitem a sua utilização tanto na forma feminina, quanto na masculina. Um exemplo de substantivo cuja utilização pode ser feita em ambos os gêneros é dada, como forma de explicitar o caso, fazendo-se valer de uma frase conhecida dos leitores.

ANEXO AY

Presidente ou presidenta?

Resumo: O texto fala sobre a dúvida gerada quanto ao uso de presidente ou presidenta para referir-se à Dilma. É mostrado que o vocábulo “presidente” é herdeiro do tempo verbal participio presente, utilizado no latim onde para designar os gêneros bastava o uso do artigo desejado. A terminação desse tempo “-nte” que indica aquele que pratica a ação bastante visualizada na nossa língua portuguesa, estando essa terminação ligada à nomes mas, em alguns casos temos rastros desse tempo em algumas expressões verbais. Podemos entender ainda a partir do texto que, quando se trata de adjetivos não há alteração nos gêneros retomando assim a ideia do latim quanto ao uso do artigo definido para fazer tal diferenciação. Porém fica claro no texto que os substantivos podem variar quanto ao gênero. Ora marcados pela desinência de gênero feminino –a, ora mantendo-se inalteráveis. Essa oscilação que é permitida aos substantivos que nos dá base para que o termo “presidenta” seja aceito e até mais usado comumente.

Palavras-chave: participio presente; gênero; artigo;

ANEXO AZ

Presidente ou Presidenta?

Resumo: O texto parte da situação em que, pela primeira vez, uma mulher é eleita para o cargo de presidente da República. Com isso, a discussão tratada está relacionada as formas “presidente” e “presidenta”. O texto discute a questão partindo de uma análise, em um primeiro momento da forma “presidente”. Partindo do latim, e da utilização de seu tempo verbal, bem como a utilização dos artigos. Incluindo também uma análise correlacionada do particípio presente do latim a herança do grande número de palavras como substantivos, adjetivos e conectivos herdados do mesmo. Aborda a questão do gerúndio assumindo o lugar do particípio presente do latim no português. Justificando ainda terminações, descrevendo derivações, casos formados por analogia, incluindo substantivos que oscilam em relação ao gênero e aos adjetivos a não flexão de gênero. Por fim, justifica a forma “presidenta” que muito embora seu uso não seja muito comum, que a mesma já era existente na língua há muito tempo. Citando que os que defendem a inclusão de gênero defendem ser a forma mais adequada no presente momento.

Palavras-chave: latim; português; gerúndio; presidente; presidenta;

ANEXO BA

Resumo: Presidente ou presidenta?

É gerada **uma dúvida sobre a correta forma de se chamar a mulher eleita para o cargo de presidente da República**: presidente ou presidenta? Para esclarecer melhor isso, é colocada em questão **as origens dessa palavra: do tempo verbal latino chamado particípio presente**, que não permaneceu no português como verbo e sim na formação de algumas palavras junto com **o particípio futuro**. São elas: duradouro, vindouro, etc (futuro); estudante, fumante, presidente, etc. (substantivos do presente); estimulante, ardente, independente, etc. (adjetivos do presente). Quanto aos verbos, o português substituiu **o particípio presente pelo gerúndio**; sendo assim **a terminação “nte” da palavra que gerou dúvida**, é associada a nomes e não a verbos, mesmo em palavras cuja derivação venha deles, como palestrante e contribuinte. Entre **os adjetivos não existe flexão de gênero**, já **nos substantivos sim**, por exemplo infante/infanta – parente/parenta. Com isso, se acaba a dúvida gerada acerca das formas presidente e presidenta, sendo as duas corretas.

Palavras-chave: “presidente”; “particípio”; “gênero”; “forma”.

ANEXO BB

Presidente ou presidenta?

Resumo

Palavras-chave: palavra – língua – gênero

A palavra *presidenta* está correta, pois tem herança no tempo verbal latino chamado *particípio presente*, que assume tanto a forma masculina como a feminina, sendo isso possível apenas com a troca do artigo que a antecede. Dos tempos verbais latinos, como *particípio presente*, passado e futuro, a língua portuguesa herdou somente o *particípio passado*. Há porém alguns vestígios de futuro e um número grande de palavras do *particípio presente* como substantivos, adjetivos e conectivos. A maior parte de palavras derivadas do *particípio presente* latino é da classe dos adjetivos. Na língua portuguesa, foi o *gerúndio* que ficou no lugar do *particípio presente*. A terminação do gerúndio continua presente na língua e em derivações verbais, assim como, palavras formadas por analogia. O caso da palavra *presidenta* é possível, já que os substantivos variam ora como femininos, ora como masculinos. Apesar de não ser muito usual, parece nesse momento a forma mais coerente, de acordo com os que defendem a ideia de uso do gênero.

ANEXO BC

Presidente ou presidenta?

O texto faz uma abordagem sobre o uso do termo “presidente” ou “presidenta”, visto que no Brasil uma mulher foi eleita pela primeira vez a esse cargo, com isso vem mostrando sua utilização através da sua origem, que é herança latina de um tempo verbal por nome particípio presente, passado e futuro que servia a ambos os gêneros, necessitando que seu antecessor, um artigo, fizesse essa distinção. O latim fazia a separação dele nos três tempos, já o português permaneceu somente com o tempo passado, embora se reconhece os dois outros em algumas palavras, que também apresentam resquícios do particípio futuro. Do particípio presente ficou-nos grande número de palavras, entre elas substantivos e adjetivos, como também conectivos. Ele tem por característica formal a terminação “nte”, indicando o agente de uma ação dele também derivam em maior parte adjetivos. O particípio presente teve seu lugar assumido pelo gerúndio, associando-se a nomes, e não a verbos; sua terminação continua fértil em nossa língua, além dos termos derivados, que formam analogias. Os adjetivos não fazem distinção de gênero, são sempre uniformes, sem flexão. Os substantivos sofrem oscilações nas desinências e na variação. Enfim, o caso de “presidente” pode sim assumir a forma feminino mesmo sendo pouco o seu uso, algumas pessoas reforçam sua inclusão no vocabulário do Brasil.

Palavras-chave: presidente; particípio; português; adjetivos; feminino.

ANEXO BD

Presidente ou presidenta?

Após a eleição da primeira mulher para o cargo de presidente do Brasil, uma dúvida sobre a concordância de gênero surgiu presidente ou presidenta? É possível entender melhor a função dessa palavra através da língua latina e, também, notar a presença dessa língua na nossa. Os participios passado, presente e futuro influenciaram, principalmente o primeiro, o português, sendo esses reconhecidos em suas terminações na língua portuguesa, ocorreu algumas adaptações, como a substituição do participio presente pelo gerúndio quando relacionado ao verbo (ação). Porém, ainda prevalece o participio presente ligado a nomes que geram os elementos derivados de verbos, terminados em “nte”. Estes que podem se referir a uma função ou qualidade. Ao contrário dos adjetivos, os substantivos não são uniformes, pois variam ou tornam-se invariáveis, não se restringem apenas a uma forma de expressar um gênero, dependem da palavra ocorrendo assim a possibilidade da variação de presidente para presidenta apesar de pouco utilizada é também adequada.

Palavras-chave: “gêneros”, “resquícios”, “oscilam” e “inclusão.”

ANEXO BE

Presidente ou presidenta?

O texto levanta a questão sobre que forma estaria correta, “a presidente” ou “a presidenta”. A palavra “presidente” deriva do tempo particípio presente do latim e pode ser usada tanto para o masculino quanto para o feminino.

No latim havia os tempos verbais particípio passado, particípio presente e particípio futuro, porém, no português, apenas o primeiro permaneceu. Apesar disso, resquícios dos outros tempos podem ser identificados em uso em nossa língua, como palavras terminadas em “ouro” (“duradouro”, “vindouro”, ...), derivadas do particípio futuro latino, e palavras terminadas em “ante” ou “ente” (“estudante”, “fumante”, “presidente”, etc), derivadas do particípio presente. Entre os derivados desse último, encontramos substantivos conectivos, mas principalmente, adjetivos. Entre estes últimos, não há flexão de gênero, são uniformes. Já entre os substantivos, há uma oscilação, podendo eles assumirem a desinência “a” para o feminino ou manterem-se invariáveis.

A palavra em questão, “presidente”, é uma que admite os dois casos, podendo, sim, ser usado “presidenta” para designar o feminino, porém é pouco conhecida.

ANEXO BF

Resumo do texto “Presidente ou Presidenta”, de Thaís Nicoleti de Camargo, publicado na “Folha de S. Paulo”, em 10 de novembro de 2010.

Pela primeira vez no Brasil **uma mulher é eleita presidente da República**. Será ela “a presidente” ou “a presidenta” do país?

A forma “presidente” é herdeira do particípio presente do latim e pode servir a ambos os gêneros, bastando que se faça anteceder do artigo masculino ou feminino.

Do particípio presente herdamos substantivos, adjetivos (que são a maior parte dos termos derivados) e conectivos. Sua característica principal é **a terminação (-nte)**, que indica quem faz a ação: estudante, fumante, presidente, etc.

No português seu correspondente para expressar ação em curso é **o gerúndio**. Daí o (-nte) estar associado a nomes, e não a verbos.

Ainda está presente na língua nos termos derivados de verbos e nas analogias (caso de “cadeirante”).

Os adjetivos não têm flexão, já os substantivos assumem desinência de feminino ou mantêm-se invariáveis.

Assim, “presidente” pode assumir no feminino a forma “presidenta”, que existe há muito tempo na língua portuguesa, porém é pouco usada.

ANEXO BG

Presidente ou presidenta?

A eleição de uma mulher ao cargo de Presidente da República Brasileira gera dúvidas quanto à nomenclatura do título conquistado. Sendo a forma “presidente” uma herança do particípio latino, admite mudança de gênero através do artigo que a antecede, apenas. O que o latim tinha de particípio presente, passado e futuro, hoje no português, somente o uso do particípio presente impera mas as outras formas do particípio foram herdadas como substantivos e adjetivos, identificados facilmente pela terminação –nte, que indica o agente de uma ação. Já o gerúndio latino, no português, assume o papel de particípio presente, o que dá a ideia de uma ação continuada ou constante, o que faz com que tal terminação esteja ligada somente a nomes e não a verbos, como é o caso de “temente a Deus”. Quanto a flexão dessas palavras, apenas os substantivos o fazem, exceto quando mantêm-se invariáveis, flexão essa possível pela terminação em artigo masculino ou feminino, ou ainda através do artigo que as inicia, o que não acontece com os adjetivos, visto que em sua origem são uniformes e não flexionam. “Presidente”, é um caso desses substantivos, que podem flexionar para “presidenta”, mesmo que seja pouco utilizado, para os defensores dessa forma, é a mais adequada à situação atual.